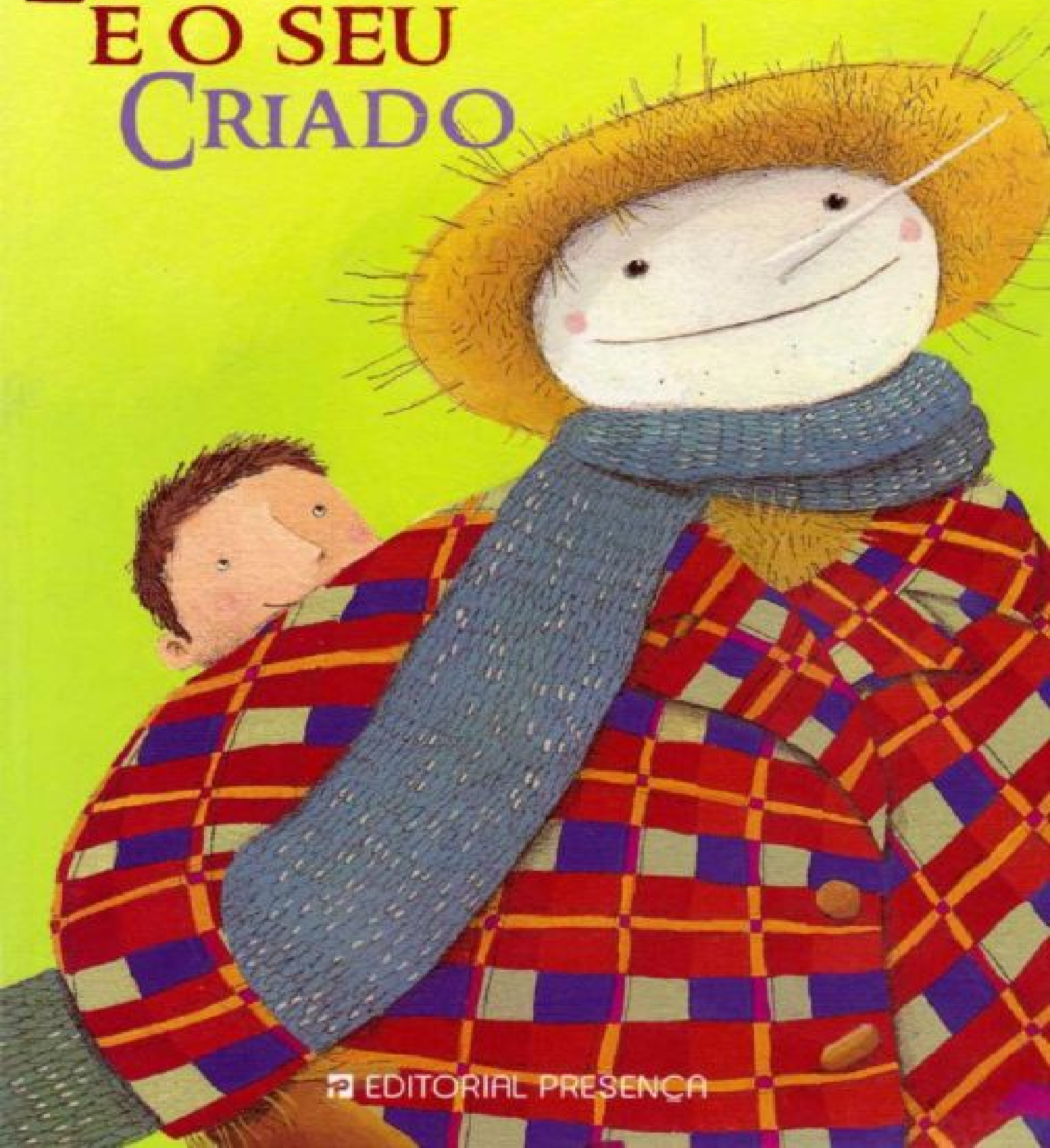


PHILIP PULLMAN

O ESPANTALHO E O SEU CRIADO



EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PHILIP PULLMAN



Tradução de Maria Georgina Segurado

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Scarecrow and his Servant*

Autor: *Philip Pullman*

Tradução: *Maria Georgina Segurado*

Capa: *Inês do Carmo*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo Artes Gráficas, Lda.*

1ª edição, Lisboa, Fevereiro, 2007

Depósito legal nº 252 994/07

Para Freddie

1

O RAIO



Um dia, o velho Senhor Pandolfo, que não andava se sentindo nada bem, decidiu que chegara o U momento de fazer um espantalho. Os pássaros andavam a incomodá-lo. Bem vistas as coisas, o seu reumatismo andava a incomodá-lo, os soldados andavam a incomodá-lo, o tempo andava a incomodá-lo e até os seus primos andavam a incomodá-lo. Tudo começava a ser um pouco demais. Até o seu velho corvo de estimação fugira.

Não podia fazer nada em relação ao reumatismo, nem aos soldados, nem aos primos, que eram o maior de todos os problemas. Eram uma família numerosa, os Buffalonis, e queriam se apoderar de suas terras e desviar as nascentes e riachos, secar os poços e montar uma indústria de fabricação de pesticida, raticida e inseticida.

O velho Senhor Pandolfo não conseguia mais aguentar todos aqueles problemas, mas achou que, pelo menos, podia fazer alguma coisa em relação aos pássaros.

Então, preparou um elegante espantalho, com um nabo grande e sólido no lugar da cabeça e um cabo de vassoura grosso como espinha dorsal, vestiu-lhe um velho casaco xadrez e encheu-o bem de palha. Depois enfiou uma carta lá dentro, envolta num oleado por uma questão de segurança. — Pronto — disse. — Assim se recordará de sua função e também do lugar a que pertence. Procure ser cortês, corajoso, honrado e bondoso. E que tenha muita sorte.

Enfiou o espantalho no meio da seara de trigo, e foi para casa se deitar, porque não estava se sentindo nada bem. Naquela noite apareceu outro agricultor que roubou o espantalho por ser preguiçoso demais para ele mesmo fazer um. E, na noite seguinte, apareceu alguém que o roubou de novo.

Assim, pouco a pouco, o espantalho foi mudando do lugar de onde havia sido feito e ficando cada vez mais esfarrapado e rasgado, e acabou perdendo grande parte da elegância que tivera na época em que o Senhor Pandolfo o montara. Estava no meio de um campo lamacento e ali ficou. Mas, uma noite, houve uma tempestade. Foi muito violenta, e todos na zona estremeciam, tremelicavam e sobressaltavam-se quando os trovões soavam como tiros de canhão e os relâmpagos fustigavam como chicotes. O espantalho estava ali ao vento e na chuva, alheio a tudo.

E assim podia ter ficado; mas depois aconteceu uma daquelas chances de uma em um milhão que equivale a ganhar na lotaria. Todas as suas moléculas, átomos e partículas elementares e outras coisas mais estavam alinhadas exatamente da forma certa para se ativarem quando o raio o atingiu, o que aconteceu às duas da

manhã, abrindo a silvar pela cabeça de nabo, descendo pelo cabo de vassoura abaixo até a lama.

O Espantalho piscou os olhos de surpresa e olhou à sua volta. Não havia muito para ver a não ser um campo de lama, e pouca luz para vê-lo exceto os clarões dos relâmpagos.

Mesmo assim, não se avistava um único pássaro.

— Excelente — disse o Espantalho.

Por acaso, naquela mesma noite, um rapazinho chamado Jack abrigara-se num celeiro não muito longe dali. A trovoada estava tão próxima que acordou em sobressalto. A princípio, achou que fosse um tiro de canhão e sentou-se, aterrorizado, com os olhos bem arregalados.

Não conseguia pensar em nada pior do que soldados e armas; se não fossem os soldados, ainda teria uma família, uma casa e uma cama onde dormir.

Mas, enquanto estava ali sentado com o coração aos pulos, ouviu a chuarada caindo no telhado e percebeu que o estrondo fora do trovão e não de uma arma de fogo. Suspirou de alívio e tornou a deitar-se, tremendo, espirrando e revirando-se no feno para tentar se aquecer, até que acabou adormecendo.

De manhã a tempestade passara, e o céu estava azul-brilhante. Jack voltou a acordar, sentindo-se mais enregelado do que nunca, e também com fome. Porém, sabia como procurar comida, e não tardou a apanhar alguns grãos de trigo, duas cabeças de nabo e uma cenoura mole, e sentou-se à porta do celeiro, ao sol, para comê-los.

— Podia ser pior — comentou com os seus botões. Comeu muito devagar para fazer render, e depois ficou ali sentado, se aquecendo. Não tardaria a vir alguém para expulsá-lo, mas no momento estava seguro.

Ouviu então uma voz chamar do outro lado dos campos. Jack ficou curioso, de modo que se levantou e protegeu os olhos para observar. Os gritos vinham de algum lugar no campo do outro lado da estrada e, como não tinha mais nada para fazer, levantou-se e avançou nessa direção.

Os gritos provinham de um espantalho, no meio do campo mais enlameado que já se vira, que agitava furiosamente os braços e berrava a plenos pulmões, todo inclinado.

— Socorro! — gritava ele. — Acudam-me!

— Devo estar enlouquecendo — comentou Jack consigo mesmo. — Mesmo assim, olhem para aquele pobre desgraçado... vou ajudá-lo de qualquer forma. Ainda é mais louco do que eu.

Avançou então pelo campo enlameado e chegou ao meio, onde o Espantalho aguardava.

Para dizer a verdade, Jack sentia-se um pouco nervoso, porque não é todo dia que encontramos um Espantalho que fala conosco.

— Ora diga-me, meu jovem — começou o Espantalho, assim que Jack se aproximou o suficiente para ouvir —, há pássaros por aí? Corvos, por exemplo? Não consigo ver atrás de mim. Estão escondidos?

Tinha uma voz forte e sonora. A cabeça era feita de um grande nabo nodoso, com uma fenda larga para a boca, uma raiz comprida e fina no lugar do nariz e duas pedrinhas brilhantes no lugar dos olhos. Tinha um chapéu de palha esfarrapado, agora bastante chamuscado, um cachecol de lã encharcado, um velho casaco xadrez cheio de buracos, e os braços, feitos com cabos de ancinho, tinham luvas com dedos de palha, uma luva de couro e a outra de lã. Vestia também umas calças puídas, mas, como só tinha uma perna, a que estava vazia pendia a seu lado. Tudo tinha a cor de lama. Jack coçou a cabeça e olhou à sua volta.

— Não — respondeu —, não vejo corvos aqui.

Nem qualquer outro pássaro.

— Um excelente trabalho — comentou o Espantalho. — Agora quero deslocar-me, mas preciso de outra perna. Se me arranjasse uma, ficaria muito agradecido. Igual a esta, só que para o outro lado — acrescentou, e levantou a perna das calças delicadamente para mostrar um pau grosso firmemente cravado na terra.

— Está bem — condescendeu Jack. — Posso fazer isso. Partiu então na direção da mata ao fundo do campo e saltou pela vegetação rasteira à procura do tipo certo de pau. Não tardou a encontrar um e levou-o ao Espantalho.

— Deixe-me ver — disse o Espantalho. — Segure-o a meu lado. Isso mesmo. Agora enfie dentro da perna das minhas calças.

A extremidade do pau estava partida e lascada, e não foi fácil enfiá-la pela perna da calça encharcada e enlameada, mas finalmente Jack conseguiu subi-lo todo, e depois deu um pulo, porque o sentira vibrar na mão.

Largou-o, e a nova perna desceu sozinha até o lado da outra, mas, assim que o Espantalho tentou se mexer, o novo pé ficou preso tal como o primeiro. Quanto mais se debatia, mais se afundava.

Por fim parou, e olhou para Jack. Foi espantosa a expressão que conseguiu transmitir com a boca rasgada e os olhos de pedra.

— Meu jovem — disse ele —, tenho uma proposta a fazer. Estamos os dois aqui, você, um moço honesto e prestativo, e eu, um Espantalho de iniciativa e talento. O que diria se te oferecesse o cargo de meu criado particular?

— E quais seriam as minhas funções? — indagou Jack.

— Acompanhar-me por esse mundo, ir buscar e trazer coisas, lavar, cozinhar e atender às minhas necessidades. Em troca, não tenho nada para oferecer senão e-moção e glória. É possível que passemos fome, mas não faltarão aventuras. Então, meu rapaz? O que me diz?

— Aceito — respondeu Jack. — Não tenho mais nada para fazer senão passar fome, e nenhum lugar onde viver senão valas e celeiros vazios. Por isso posso muito bem ter um emprego, e obrigado, Senhor Espantalho, aceito.

O Espantalho estendeu a mão, e Jack apertou-a calorosamente.

— A sua primeira tarefa é tirar-me deste atoleiro — ordenou o Espantalho.

Então, Jack levantou da lama as duas pernas do Espantalho e levou-o para a estrada. Não pesava quase nada.

— Para que lado vamos? — perguntou Jack. Olharam para ambos os lados. Numa direção havia uma flores-ta, e na outra uma série de montes. Não se avistava ninguém. — Por ali! — disse o Espantalho, apontando para os montes.

E lá se foram, com o sol a incidir-lhes nas costas, e os montes verdejantes pela frente.

Numa fazenda não muito atrás deles, um advogado explicava algo a um agricultor.

— O meu nome é Cercorelli — anunciou —, e sou especialista em encontrar coisas para os meus clientes, a distinta e muito respeitosa Companhia Buffaloni, de Bela Fontana.

O agricultor ficou embasbacado. Era um sujeito preguiçoso e enrolado, de rosto congestionado, e estava com medo daquele advogado magro e melífluo, todo vestido de preto.

— Oh! Os Buffalonis! Sim, certamente, Senhor Cercorelli — afirmou —, em que posso ser útil? Qualquer coisa! É só dizer!

— É um assunto de pouca importância — disse o advogado —, mas de valor sentimental para os meus clientes. Diz respeito a um espantalho. Foi feito por um primo afastado do Presidente da Companhia, e parece ter desaparecido do seu local de origem. O meu cliente, o Senhor Giovanni Buffaloni, é um homem muito generoso, que dá valor à família, e gostaria de recuperar o espantalho para a sua casa original, em memória do querido primo que o fez.

O advogado folheou alguns papéis, e o agricultor passou o dedo pelo lado de dentro do colarinho da camisa e engoliu em seco.

— Bem, eu, hum... — disse com voz fraca.

— Até parece que os espantalhos têm a capacidade de se movimentar! — aludiu o Senhor Cercorelli, sorrindo de forma sinistra. — Este sujeito tem andado a vaguear. Já o localizei em várias fazendas e acabo de descobrir que se encaminhou para a sua.

— Eu... hã... eu conheço o espantalho que menciona — confessou o agricultor. — Afanei... comprei-o de outra pessoa, que já não precisava dele.

— Oh, excelente. Podemos ir ver se é ele mesmo?

— Bem, claro, faria tudo pelos Buffalonis, gente importante, e não gostaria de vê-los aborrecidos, mas...

Bem, ele desapareceu.

— Desapareceu... outra vez? — insurgiu-se o advogado, semicerrando os olhos.

— Saí esta manhã para... hã... lhe dar uma limpada, e ele não estava lá. Mas atenção, a noite passada houve um grande temporal.

Pode ter sido levado pelo vento.

— Oh, não. Isso é profundamente lamentável. O Senhor Buffaloni não confia em pessoas que não cuidam do que lhe pertence. Acho que posso afirmar que a sua desilusão será considerável.

O agricultor tremia, alarmado.

— Se eu souber alguma coisa do espantalho — disse —, seja o que for, aviso-o de imediato.

— Acho que seria muito sensato — respondeu o Senhor Cercorelli. — Aqui tem o meu cartão. Agora mostre-me o campo de onde o espantalho desapareceu.

OS SALTEADORES

O Espantalho e o seu criado caminhavam a um bom ritmo. No caminho, passaram por um O campo de couves no meio do qual se encontrava outro espantalho, mas este era um sujeito pesaroso cujos braços pendiam frouxos ao lado do corpo.

— Muito bom dia, senhor! — exclamou o Espantalho, acenando-lhe todo animado.

Mas o espantalho no campo ignorou-o.

— Viu — explicou o Espantalho a Jack —, ali está um homem concentrado no seu trabalho. Está muito compenetrado. Muito bem.

— Que belas couves — comentou Jack.

Abandonou com relutância as couves e correu para alcançar o Espantalho, que avançava lá na frente com ar vitorioso. Não tardaram a constatar que a estrada ia ficando cada vez mais íngreme e os campos mais pedregosos, e por fim não havia sequer campos e a estrada era apenas uma trilha. Fazia muito calor.

— A menos que encontremos para comer e beber muito em breve — afirmou Jack —, acho que bato as botas. — Oh, haveremos de encontrar algo — disse o Espantalho, batendo-lhe amigavelmente no ombro. — Tenho toda a confiança em você. Além disso, há nascentes, riachos e poços no lugar de onde venho. Fontes também. Vá por mim, encontraremos uma nascente logo lo-o.

Continuaram a caminhar, e o Espantalho referiu aspectos curiosos de geologia, como uma rocha que parecia um pombo, e botânica, como um arbusto contendo um ninho de pisco, e entomologia, como um escaravelho que era preto como um corvo.

— Sabe muito sobre pássaros, amo — comentou Jack.

— Dediquei a minha vida a observá-los, meu rapaz.

Estou convencido de que seria capaz de espantar qualquer um.

— Aposto que sim. Oh! Ouça! O que é aquilo?

Era o som de alguém chorando e vinha da curva.

Jack e o Espantalho apressaram-se e encontraram uma velhota sentada numa encruzilhada, com um cesto de provisões todo espalhado no chão. Chorava e lamuriava-se a plenos pulmões.

— Minha senhora! — exclamou o Espantalho, tirando muito cortesmente o chapéu de palha. — Que pássaro malvado lhe fez isso?

A velhota levantou a cabeça e engoliu ruidosamente em seco de espanto. A sua boca se abriu e fechou várias vezes, mas não saiu qualquer som. Por fim, levantou-se e fez uma vênica, cheia de nervosismo.

— Foram os salteadores — explicou —, com sua licença, meu senhor. Há um bando de salteadores terríveis que vive nestes montes, que rouba os viajantes e inferniza a vida dos pobres, e acabaram de passar a galope, jogando-me ao chão, e depois afastaram-se às gargalhadas, os patifes covardes.

O Espantalho ficou surpreso.

— Está me dizendo que isto foi obra de seres humanos? — indagou ele.

— Efetivamente, foi, excelência — respondeu a velhota.

— Jack, meu rapaz, diga-me que não é verdade.

Jack estava apanhando as coisas que tinham caído do cesto: maçãs, cenouras, um pedaço de queijo, um pão inteiro. Era muito difícil não ficar com água na boca.

— Temo que sim, amo — disse Jack. — Há muita gente malvada por aí. Olhe... Vamos dar meia volta e seguir na outra direção.

— Nem pensar! — respondeu o Espantalho com severidade. — Temos que dar uma lição naqueles vilões.

Como se atrevem a tratar uma senhora desta forma vergonhosa? Olhe, minha senhora, dê-me o braço...

Foi tão cortês com a velhota e os seus modos tão graciosos que ela não demorou a esquecer a sua cara de nabo nodoso e os braços de madeira toscos, e conversou com ele como se fosse um cavalheiro de carne e osso.

— Sim, senhor... desde que começaram as guerras, primeiro vieram os soldados e levaram tudo, e depois apareceram os salteadores, roubando, assassinando e levando o que queriam. E dizem que o chefe dos salteadores é parente dos Buffalonis, por isso também têm proteção política. Não sabemos para onde nos virar!

— Disse Buffalonis? Não me agradam nada. O que são?

— Uma família muito poderosa, senhor. Não ousamos aborrecer os Buffalonis.

— Bem, não tema mais — disse o Espantalho com ar determinado. — Nós vamos afugentar os salteadores, e eles nunca mais voltarão a incomodá-la.

— Que bonitas maçãs — comentou Jack, esperançoso, entregando o cesto à velha.

— Oh, são mesmo — respondeu ela.

— E o pão também tem um aspecto saboroso.

— Se tem — disse a velhota, enfiando-o com firmeza debaixo do braço.

— Que queijo apetitoso.

— Sim, gosto de um bom naco de queijo. Vai bem com um pouco de cerveja.

— Não tem nenhuma cerveja aí, não é? — inquiriu Jack, olhando à sua volta.

— Não — disse ela. — Bem, vou andando. Obrigada, cavalheiro. — E fez novamente uma vênia ao Espantalho, que tirou o chapéu e se curvou.

E lá se foi.

Jack suspirou e seguiu o Espantalho, que se afastava já em grandes passadas na direção do alto do monte. Quando lá chegaram, viram um castelo em ruínas.

Havia uma torre ainda de pé, bem como parte das muralhas e ameias, mas tudo o mais ruíra e estava coberto de hera. — Que lugar assustador — afirmou Jack. — Não gostaria de me aproximar dele à noite.

— Coragem, Jack! — disse o Espantalho. — Olha, há uma nascente. Eu não te disse? Beba à vontade, meu rapaz! Era verdade. A nascente brotava das rochas ao lado do castelo e fluía para uma

pequena poça e, mal a viu, Jack soltou um grito de prazer e mergulhou o rosto na água gelada, engolindo, engolindo até deixar de sentir sede.

Por fim emergiu, e ouviu o Espantalho chamar.

— Jack! Jack! Aqui! Olha!

Jack correu pela porta na base da torre, e encontrou o Espantalho olhando para todo o tipo de coisas: num canto, barris de pólvora, mosquetes, espadas, punhais e lanças com ponta de aço; e noutro canto, arcas e caixas de moedas de ouro e correntes de prata e jóias reluzentes de todas as cores; e num terceiro canto...

— Comida! — exclamou Jack.

Havia enormes presuntos fumados suspensos do teto, queijos do tamanho de rodas de carroças, cebolas em réstias, caixotes de maçãs, empadas de todo o tipo, pão, bolachas, bolos de especiarias e bolos de frutas, bolos de manteiga e bolos de mel com fartura.

Era inútil sequer tentar resistir. Jack agarrou numa empada do tamanho de sua própria cabeça, e um instante depois estava sentado no meio da comida, mastigando alegremente, enquanto o Espantalho observava com satisfação.

— Que golpe de sorte encontrarmos isto! — exclamou. — E ninguém faz nenhuma ideia. Se ao menos aquela velha senhora soubesse disto, poderia ter vindo servir-se e deixaria de ser pobre.

— Sabe — respondeu Jack, engolindo um bocadão de empada e pegando um bolo —, não é bem assim. Aposto que tudo isto pertence aos salteadores, e seria melhor partirmos depressa, porque, se eles nos apanharem, cortam nossas gargantas.

— Mas eu não tenho garganta.

— Bem, eu tenho, e não quero que a cortem — replicou Jack. — Olhe, não podemos ficar aqui, vamos levar alguma comida e pôr-nos a caminho.

— Devia ter vergonha! — ralhou o Espantalho, com ar zangado. — Que é feito da sua coragem? Que é feito da sua honra? Vamos afugentar estes salteadores, e afugentá-los de tal forma que nunca mais voltem. Não me surpreenderia se ganhássemos uma enorme recompensa. Ora, até poderiam fazer de mim um duque! Ou dar-me uma medalha de ouro. Não me surpreenderia nada mesmo.

— Bem — disse Jack —, é possível.

De repente, o Espantalho apontou para um monte de palha.

— Oh... veja... O que é aquilo? — inquiriu. Havia algo se mexendo. Era uma pequena criatura do tamanho de um rato que rastejava debilmente num monte de palha no chão. Ambos se debruçaram para observá-la.

— É uma ave bebê — disse Jack.

— É um filhote de coruja — disse o Espantalho com ar severo. — Estes pais não têm qualquer sentido de responsabilidade. Olhe para aquele ninho lá em cima! Extremamente perigoso.

Apontou para um emaranhado de pequenos ramos numa fenda alta na parede.

— Bem, só há uma coisa a fazer — disse ele. — Você fica de vigia, Jack, enquanto eu devolvo o bebê ao seu berço.

— Mas... — Jack tentou protestar.

O Espantalho ignorou-o. Debruçou-se, apanhou a avezinha e enfiou-a delicadamente no bolso, emitindo suaves arrulhos para acalmá-la. Depois começou a escalar perigosamente a superfície a pique da parede, introduzindo as mãos e os pés nas fendas.

— Amo! Tenha cuidado! — gritou Jack, numa ansiedade febril. — Se cair, vai se quebrar todo como um pau seco!

O Espantalho não lhe deu ouvidos, porque estava muito concentrado. Jack correu para a porta e olhou à sua volta. A escuridão estava avançando, mas nem sinal de quaisquer salteadores. Voltou correndo e viu o Espantalho lá no alto agarrado à parede com uma mão enquanto remexia no bolso com a outra, e depois estendeu cuidadosamente o braço para devolver a avezinha ao ninho.

— Agora fica quietinha — ralhou. — Nada mais de mexidas, entendeu? Se não sabe voar, não se mexa. Quando vir os seus pais, vou ter que lhes dar uma palavrinha.

Começou então a descer a parede. Parecia tão perigosa que Jack nem ousou olhar, mas por fim o Espantalho chegou de novo ao chão e sacudiu vigorosamente as mãos.

— Achava que as aves eram suas inimigas, amo — observou Jack.

— Não os filhotes, Jack! Por quem me toma? Qualquer homem de honra preferiria ficar sem a perna a fazer mal a uma cria. Deus nos livre!

— Credo! — exclamou Jack.

Enquanto o Espantalho andava pelas ruínas observando tudo com enorme curiosidade, Jack pegou duas empadas, um pão e meia dúzia de maçãs e enfiou tudo num saco de couro que encontrou pendurado num gancho ao lado dos mosquetes. Escondeu-o no meio da hera que crescia por cima da muralha exterior desmoronada.

Entretanto o sol se pusera, e estava quase escuro.

Jack sentou-se nas pedras e pensou nos salteadores. O que será que faziam às pessoas que apanhavam? Não eram como os espantalhos, ou os homens de honra; provavelmente seriam mais como os soldados. Com certeza faziam coisas horríveis como amarrar uma pessoa e cortá-la em pedaços, ou pendurá-la por cima de uma fogueira, ou enfiar-lhe lacraias no nariz. Poderiam lhe tirar todas as costelas. Poderiam encher suas calças com fogos-de-artifício.

Poderiam...

Alguém lhe bateu no ombro, e Jack sobressaltou-se e gritou.

— Oh! — disse o Espantalho, admirado —, mas que bela barulheira. Só ia dizer que os salteadores estão chegando.

— O quê? — exclamou Jack, aterrorizado.

— Anda, anda — disse o Espantalho. — É apenas um pequeno bando... não mais de vinte, eu diria. E tenho um plano.

— Vamos ouvi-lo então, depressa!

— Muito bem. Aqui vai: escondemo-nos no castelo até eles estarem todos lá dentro, e depois os assustamos, e então eles fogem. Que tal?

Jack ficou sem fala, enquanto o Espantalho irradiava alegria.

— Anda — disse. — Encontrei um local excelente para nos escondermos.

Sem poder fazer nada, Jack seguiu o amo até à torre e olhou por toda a volta no escuro.

— Onde está o tal local excelente para nos escondermos? — perguntou.

— Ora, ali! — disse o Espantalho, apontando para um canto da divisão bem à vista. — Nunca se lembrarão de procurar ali.

— Mas... mas... mas...

Jack já ouvia o ruído dos cascos dos cavalos lá fora.

Encolheu-se todo num canto ao lado do Espantalho, ajeitou os joelhos para evitar que tremessem, cobriu os olhos com as mãos para que ninguém pudesse vê-lo, e esperou que os salteadores entrassem.

UMA HISTÓRIA EM VOLTA DA FOGUEIRA

Aqueles salteadores eram um bando disciplinado.

Jack espreitou por entre os dedos quando eles entraram silenciosamente e se sentaram à volta da fogueira. O chefe dos salteadores era um homem de aspecto feroz, com dois cintos cheios de balas cruzados sobre os ombros, outro em volta da cintura, um alfanje, duas pistolas e três punhais: um no cinto, outro preso ao braço e o terceiro no cano da bota. Só que, se perdesse todas as outras armas, ainda poderia apunhalar duas pessoas com o bigode, tendo aplicado cera nas pontas compridas afiadas como um alfinete.

Os seus olhos chisparam e reviraram-se quando olhou os seus homens, e Jack teve quase certeza de que soltavam faíscas.

Ele vai nos ver logo logo, pensou Jack. Por isso, foi tanto o desespero como a bravata que o fizeram levantar-se e dizer: — Boa noite, cavalheiros, e bem-vindos ao castelo do meu amo!

E efetuou uma profunda vênia.

Quando olhou à sua volta, viu vinte espadas e vinte pistolas todas apontadas para si, e vinte pares de olhos, cada um como a extremidade do cano de uma pistola.

O chefe dos salteadores trovejou: — Quem é este?

— Um louco, Capitão — disse um dos homens. — Vamos assá-lo?

— Não — respondeu o chefe, aproximando-se e tocando nas costelas de Jack com a ponta da espada. — Não tem carne. É só osso e cartilagem. Porém, acho que é capaz de dar um bom guisado. Vire-se, rapaz.

Jack deu a volta para um lado e depois para o outro. O chefe dos salteadores abanava a cabeça, cheio de dúvidas.

— Diz que este é o castelo do seu amo? — inquiriu-lhe. — Efetivamente é, senhor, e seja muito bem-vindo — respondeu Jack.

— E quem é o seu amo?

— O Lorde Espantalho — esclareceu Jack, apontando para o Espantalho ao canto, que estava encostado à parede tão imóvel quanto era possível a um nabo, um casaco velho e alguns paus.

O chefe dos salteadores desatou às gargalhadas, e todo o seu bando bem orquestrado deu palmadas nas coxas, agarrou-se à barriga e berrou de gozo.

— Ele é louco! — exclamou o chefe dos salteadores.

— Perdeu o juízo!

— Efetivamente perdi, senhor — redarguiu Jack.

— Há meses que ando à procura dele.

— Que gosto tem os rapazes loucos? — perguntou um dos salteadores. — É diferente dos normais?

— São mais saborosos — disse outro. — Têm um gosto mais apimentado.

— Não! — insurgiu-se o chefe. — Não vamos co-mê-lo. Vamos guardá-lo como animal de estimação. Poderíamos ensinar-lhe algumas habilidades. — Olha... ô louco... dá uma cambalhota, vai.

Jack deu uma cambalhota e tornou a levantar-se.

— É rápido, não é? — comentou um salteador.

— No entanto, aposto que não sabe dançar.

— Louco! — trovejou o chefe. — Dance!

Obedientemente, Jack cabriolou como um macaco.

Depois saltou como uma rã e, a seguir, pulou como uma cabra. Os salteadores estavam bem-dispostos agora, gargalhavam ruidosamente e batiam palmas.

— Vinho! — berrou o chefe. — Louco, pare de dançar e sirva-nos vinho!

Jack encontrou uma galheta grande de vinho e deu a volta ao círculo de salteadores, enchendo as cornucópias que todos tinham estendido.

— Um brinde! — propôs o chefe dos salteadores.

— Ao saque!

— Ao saque! — gritaram eles, e beberam o vinho de um trago, pelo que Jack teve de dar novamente a volta e encher as cornucópias.

Enquanto isso, alguns dos salteadores estavam acendendo uma fogueira e cortando nacos de carne. Jack olhou para a carne inquieto, mas parecia ser de vaca mesmo, e cheirava bem, sem dúvida, ao começar a ser cozinhada.

Enquanto ela assava, o chefe contou as jóias e moedas de ouro que tinham saqueado e dividiu-as em vinte montes, um grande e dezenove pequenos; e enquanto o fazia, disse:

— Olha, louco... conte-nos uma história.

Bem, não foi tarefa fácil para Jack. No entanto, se não o fizesse estaria em grandes apuros; sentou-se, então, e começou.

— Houve em tempos — disse —, um bando de salteadores que vivia numa caverna. Eram cruéis e malvados... oh, não conseguiriam imaginar homens mais horrí-

veis. Cada um deles era um verdadeiro assassino.

«Mas, um dia, começaram a discutir uns com os outros, e, sem se darem conta, apareceu um morto no chão da caverna.

«Então, o chefe disse: “Levem-no lá para fora e enterrem-no. Está sujando o local.”

«E eles pegaram o morto, levaram-no lá para fora, abriram uma cova, puseram-no lá dentro e jogaram paza-das de terra por cima, mas ele jogava-a de volta constantemente. «“Vocês não me vão enterrar!”, disse ele, e saiu da sepultura.

«“Oh, sim, vamos!”, teimaram eles, e tentaram empurrá-lo lá para dentro, mas ele não queria ir. A cada vez que o enfiavam na sepultura, ele tornava a sair, e estava morto e bem morto. Por fim, meteram-no lá e sentaram-se sete em cima dele, enquanto os outros empilhavam pedras sobre o homem, e se resolveu o assunto.

«“Ele não vai se livrar desta”, disse o chefe, e voltaram para a caverna e acenderam uma fogueira para preparar a ceia. Fizeram uma grande refeição, beberam muito vinho e depois estenderam-se para dormir.

«Mas, no meio da noite, um dos salteadores acordou. Reinava o silêncio na caverna e o luar incidia na entrada. O que o acordara fora um som, como uma pedra a mover-se silenciosamente sobre outra pedra, sem nenhum ruído, apenas uma espécie de raspadela. O

homem ficou ali, de olhos arregalados, limitando-se a escutar com toda a atenção. Depois, voltou a ouvir a mesma coisa.»

Os salteadores mantinham-se sentados, imóveis, e fitavam Jack com receio, de olhos muito abertos.

Socorro, pensou. O que vou dizer a seguir?

Mas não teve que dizer nada, porque se ouviu no silêncio uma pequena raspadela, como uma pedra a mover-se silenciosamente sobre outra pedra.

Os salteadores sobressaltaram-se e soltaram um pequeno guincho de terror.

— E depois — disse Jack —, ele viu... Olhem! Olhem! E apontou afluivamente para o canto onde se encontrava o Espantalho. Todas as cabeças se viraram ao mesmo tempo.

Lentamente, o Espantalho levantou a cabeça e olhou para eles com a sua cara de nabo nodoso.

Os salteadores ficaram boquiabertos, incluindo o chefe.

E o Espantalho esticou os braços, flexionou as pernas, levantou-se e deu um passo na direção deles...

Os salteadores puseram-se em pé e fugiram, gritando de terror. Caíram, esbarrando uns nos outros. Aqueles que tinham caído foram espezinhados, e os que os haviam espezinhado ficaram com os pés presos e tombaram por cima deles, sendo por sua vez espezinhados, e alguns caíram na fogueira e pularam guinchando de dor, o que dispersou as toras a arder e tornou a caverna mais escura e os deixou ainda mais assustados, de modo que desataram a gritar e a berrar no meio de um medo de morte; e aqueles que ainda conseguiam ver alguma coisa perceberam que o rosto grande e nodoso do Espantalho vinha na direção deles, e correram ainda mais para fugir dali...

E nem dez segundos depois, os salteadores corriam todos estrada a fora, gritando aterrorizados.

Jack ficou à porta, espantado, vendo-os desaparecer ao longe.

— Bem, amo — desabafou ele —, aconteceu exatamente como o senhor tinha dito.

— O momento oportuno, entende — disse o Espantalho. — É o segredo de qualquer bom susto. Esperei que eles se sentissem todos

à vontade, serenos e descontraídos, sabe, depois me levantei e preguei-lhes um bom susto. Era a última coisa que estavam esperando. Calculo que a sua história tenha ajudado um pouco — acrescentou. — Provavelmente acalmou-os.

— Hmm — disse Jack. — Mas aposto que vão voltar, porque não chegaram a jantar. Acho que deveríamos nos pôr a andar daqui antes que isso aconteça.

— acredite em mim — afirmou o Espantalho em tom solene —, aqueles patifes nunca mais voltarão. Não são como os pássaros, entende? No caso destes, é preciso voltar a assustá-los todos os dias, mas para os salteadores basta uma vez.

— Bem, desta vez acertou, amo. Talvez volte a acertar.

— Não pode contar com isso, meu rapaz! Mas sabe, não devia ter dito aos salteadores que eu era o dono deste castelo. Não é rigorosamente verdade. Sou realmente o dono do Vale da Primavera.

— O Vale da Primavera? Onde fica?

— Oh, a muitos quilômetros. Muito, muito longe. Mas me pertence.

— Verdade?

— Cada palmo. A fazenda, os poços, as fontes, os riachos... tudo.

— Mas como é que sabe disso, amo? Quer dizer, pode prová-lo?

— O nome do Vale da Primavera encontra-se escrito no meu coração, Jack! De qualquer forma, agora que já descansamos, estou ansioso para me pôr a caminho e ver o mundo ao luar. Talvez encontremos os pais do pobre filhote de coruja. Juro que estou ansioso para lhes pregar um susto. Leve toda a comida que quiser... os salteadores não vão precisar dela agora.

Então, Jack foi buscar o saco de comida que escondera antes, acrescentou uma empada e um frango assado frio por precaução e depois seguiu seu amo pela estrada principal, que brilhava intensamente ao luar.



Naquele exato momento, o Senhor Cercorelli, o advogado, estava sentado a uma mesa de madeira tosca na cozinha de uma cabana, diante de uma velhota que comia pão e queijo.

— Como um espantalho, diz a senhora? — perguntou ele, tomando nota.

— Sim, senhor, horrivelmente feio, aquele monstro. Saltou dos arbustos direto para mim. Jesus! Pensei que tinha chegado a minha hora. Pregou-me tamanho susto que larguei o pão e o queijo todo, e só quando vi o menino Buffaloni e os seus simpáticos amigos virem em perseguição dele é que voltei a me sentir segura.

— E viu em que direção seguiu esse ladrão de estradas que parecia um espantalho?

— Sim, senhor. Subiu para os montes. Não me admiraria se tivesse um bando de vilões saqueadores lá em cima com ele.

— Não duvido. E encontrava-se sozinho nessa ocasião?

— Não, senhor. Acompanhava-o um garotinho.

Um menino com cara de mau. Forasteiro, provavelmente.

— Um garotinho, hein? — observou o advogado, voltando a tomar nota. — Obrigado. Isto é muito curioso.

A propósito — disse, porque não comera todo o dia —, esse queijo tem um aspecto excelente.

— Tem mesmo — retrucou a velhota, afastando-o.

— É realmente muito bom. Um belo naco de queijo.

O Senhor Cercorelli suspirou e levantou-se.

— Se souber de algo mais sobre este patife desesperado — acrescentou —, não se esqueça de me avisar. O

Senhor Buffaloni oferece uma recompensa muito generosa. Tenha uma boa noite.

4

OS ATORES AMBULANTES

Depois de uma boa noite de sono debaixo de uma sebe, o Espantalho e o seu criado acordaram D numa manhã radiosa e cintilante.

— Isto é que é vida, Jack! — exclamou o Espantalho. — A estrada pela frente, ar puro e aventuras a espreitar a cada esquina.

— O ar puro está muito bem para o senhor, amo — retrucou Jack, tirando folhas do cabelo —, mas eu gosto de dormir numa cama. Há tanto tempo que não vejo uma cama, que já nem me lembro se os lençóis ficam debaixo dos cobertores ou os cobertores debaixo dos lençóis.

— Vou só ali cumprimentar um colega — anunciou o Espantalho.

Ao acordarem, viram que estavam próximo de uma encruzilhada. Havia um poste de madeira no lugar onde as estradas se cruzavam, mas era impossível ler qual a direção para onde os quatro braços apontavam, pois anos ao sol e à chuva tinham feito sumir por completo a tinta.

O Espantalho aproximou-se do poste de sinalização e saudou-o cortesmente. O poste ignorou-o, e Jack também, pois estava entretido cortando uma fatia de carne fria com o canivete, e metendo-a dentro de uma fatia de pão.

Ouviu-se então um sonoro TRÁS!

Jack levantou a cabeça e viu o Espantalho, muito zangado, batendo com toda a força no braço mais próximo do poste.

— Ora tome, seu patife insolente! — exclamou e tornou a bater.

Infelizmente, o primeiro soco deve ter soltado alguma coisa no poste, porque quando ele o socou pela segunda vez, os quatro braços rodaram e o mais próximo atingiu o Espantalho com toda força na nuca.

O Espantalho caiu, gritando: — Traição! Covardia! — E depois avançou, furioso, e agarrou o braço que o atingira e arrancou-o por

completo do poste de sinalização.

— Toma, seu ladrão de estradas covarde! — gritou, zurzindo o poste com o braço quebrado. — Lute com lealdade, ou então renda-se!

O problema era que, cada vez que ele batia no poste, este voltava a girar e o atingia do outro lado. No entanto, o Espantalho aguentou firme e respondeu com bravura.

— Amo! Amo! — chamou Jack, acorrendo. — Isso não é um ladrão de estradas... é um poste de sinalização!

— Ele está disfarçado — disse o Espantalho. — Cuidado... afaste-se... é um ladrão de estradas, sim senhor. Mas não se preocupe, eu cuido dele.

— O senhor está coberto de razão, amo. É um ladrão de estradas, se o senhor diz, mas acho que já teve a sua conta. Tenho certeza de que o ouvi dizer: «Eu me rendo.» — Ouviu? Tem certeza?

— Certeza absoluta, amo.

— Nesse caso... — começou o Espantalho, mas parou e olhou horrorizado para o seu braço direito, que saía lentamente de baixo da manga do casaco. O cabo de ancinho soltara-se do cabo de vassoura que era a sua coluna vertebral.

— Fiquei sem braço! — exclamou o Espantalho, chocado.

Na verdade, como reparou Jack, o cabo de ancinho estava tão seco e quebradiço que nunca tivera grande utilidade, e o castigo que recebera na luta com o poste de sinalização partira-o em vários lugares.

— Tenho uma ideia, amo — disse. — O braço deste sujeito encontra-se em melhor estado do que o seu. Por que não o enfiamos aí sua manga?

— Que excelente ideia! — exclamou o Espantalho, ficando logo todo animado.

E Jack assim fez e, tal como acontecera com o pau que viera a ser a perna dele, o braço deu uma espécie de puxão quando se encostou ao ombro, e encaixou-se de imediato.

— É incrível — disse o Espantalho, admirando o seu braço novo, experimentando-o com movimentos rotativos e apontando para as coisas com o dedo na extremidade. — Os dons que você tem, Jack,

meu rapaz! Poderia ser cirurgião. Ou mesmo carpinteiro. E quanto a você, seu patife — acrescentou com severidade, dirigindo-se ao poste de sinalização —, que isto lhe sirva de lição.

— Não creio que ele vá voltar a atacar mais alguém, amo — disse Jack. — Acho que o senhor deu um jeito nele de vez. Em que direção vamos seguir agora?

— Naquela — disse o Espantalho, apontando todo confiante para uma das estradas com o seu novo braço.

Então, Jack pôs o saco no ombro, e lá se foram.

Após uma hora de caminhada enérgica, chegaram aos limites de uma cidade. Devia ser dia de mercado, porque as pessoas se dirigiam para a cidade com carroças cheias de legumes, queijos e outros artigos para vender.

Um homem era passarinho. A sua carroça ia carregada de gaiolas contendo pequenas aves canoras como pintarroxos, cotovias e pintassilgos. O Espantalho mostrou-se muito interessado.

— São prisioneiros de guerra — explicou a Jack. — Espero que estejam sendo repatriados para o país deles.

— Não me parece, amo. Acho que as pessoas vão comprá-los e mantê-los nas gaiolas para poderem ouvi-los cantar.

— Não! — exclamou o Espantalho. — Não, não, as pessoas não fariam semelhante coisa. Ora, isso seria desonroso. Vai por mim, são prisioneiros de guerra.

Chegaram, então, ao local do mercado, e o Espantalho olhava admirado à sua volta, a câmara municipal, a igreja, as bancas do mercado.

— Não fazia ideia de que a civilização estava assim tão avançada — comentou com Jack. — Ora, isto quase se compara com Bela Fontana. Que diligência! Que beleza! Que esplendor! Não encontraria um lugar assim no reino das aves, com toda a certeza.

Jack reparou que algumas crianças cochichavam e apontavam para o Espantalho.

— Escute, amo — disse-lhe —, não me parece que... — O que é aquilo? — inquiriu o Espantalho, todo entusiasmado.

Apontava para uma tenda de lona onde um carpinteiro martelava umas tábuas para sustentarem um quadro de cores alegres

contendo uma paisagem agreste.

— Aquilo vai ser uma peça de teatro — explicou Jack. — Chamam-se cenários. Os atores vão lá para a frente e representam uma história.

Os olhos do Espantalho não podiam estar mais arregalados. Encaminhou-se para a tenda como se fosse uma marionete. Havia um grande cartaz colorido ali perto, e um homem lia-o em voz alta para aqueles que não eram capazes de fazê-lo por si mesmos: — A História Trágica de Arlequim e da Rainha Di-do — leu o homem em voz alta. — Vai ser representada pela Famosa Companhia de Atores do Signor Rigatelli, depois de triunfos em Paris, Veneza, Madrid e Constan-tinopla. Com Efeitos de Batalha e Naufrágio, uma Dança dos Espíritos Infernais, e a Erupção do Vesúvio. Diariamente ao meio-dia, ao meio da tarde e ao pôr-do-sol, com uma sessão noturna especial acompanhada de Exibição Pirotécnica.

O Espantalho estava quase flutuando de excitação.

— Quero assistir a tudo! — exclamou. — Mais de uma vez!

— Bem, não é de graça, amo — explicou Jack. — Tem que pagar. E nós não temos dinheiro nenhum.

— Nesse caso — disse o Espantalho —, vou ter que oferecer os meus préstimos como ator. Por favor! — chamou. — Signor Rigatelli!

Saiu de trás do cenário um homem gordo vestindo um roupão e dando dentadas num pedaço de salame.

— Sim? — disse.

— Signor Rigatelli — começou o Espantalho —, eu...

— Caramba! — exclamou o Signor Rigatelli a Jack —, isso é magnífico. Faça mais um pouco.

— Eu não estou fazendo nada — respondeu Jack.

— Desculpe — disse o Espantalho —, mas eu...

— Magnífico! Brilhante! — exclamou Rigatelli.

— O quê? — perguntou Jack. — Do que está falando?

— Ventriloquismo — disse Rigatelli. — Repita, vamos. — Signor Rigateli — disse mais uma vez o Espantalho —, a minha paciência não é inesgotável. Tenho a honra de me apresentar ao senhor como ator de modesta experiência mas gênio ilimitado... O que está fazendo?

O Signor Rigatelli andava em volta do Espantalho, observando-o de todos os ângulos. Depois levantou as abas de seu casaco para ver como funcionava, e o Espantalho afastou-se com um salto, furioso.

— Não, está tudo bem, amo, não se zangue — apressou-se Jack.
— Sabe, é que ele gostaria de ser ator — explicou a Rigatelli —, e eu sou o agente dele — acrescentou.

— Nunca vi nada assim — disse o grande empresário. — Não entendo sequer como funciona. Vamos combinar o seguinte: podemos usá-lo como adereço na cena da loucura. Ele pode ficar ali, na charneca maldita, quando a rainha fica louca. Depois, se ele se sair bem, pode entrar de novo em cena como um dos espíritos infernais. Consegue fazê-lo dançar?

— Não tenho certeza — confessou Jack.

— Bem, ele pode imitar os outros. Primeira chamada dentro de dez minutos.

E Rigatelli enfiou o resto do salame na boca e voltou para dentro de sua caravana.

O Espantalho estava nas nuvens.

— Um adereço! — disse. — Vou ser um adereço!

Tem noção, Jack, de que este é o primeiro passo no caminho para uma carreira gloriosa? E já estou fazendo adereço! Ele deve ter ficado muito impressionado.

— Sim — respondeu Jack —, provavelmente.

O Espantalho já desaparecia por trás do cenário.

— Amo — chamou Jack —, espere...

Encontrou o Espantalho observando com grande interesse um ator maquiando o rosto diante de um espelho.

— Valha-me Deus! — exclamou o ator, avistando subitamente o Espantalho, e pulou da cadeira, largando o pote com a base de maquiagem.

— Muito bom dia, cavalheiro — cumprimentou o Espantalho. — Permita-me que me apresente. Vou representar o papel de adereço. Seria muito incômodo se eu usasse a sua maquiagem?

O ator engoliu em seco e olhou em volta. Depois avistou Jack.

— Quem é esse? — perguntou.

— Este é o Lorde Espantalho — disse Jack —, e o Signor Rigatelli diz que ele pode entrar na cena da loucura. Ouça, amo — dirigiu-se ao Espantalho, que estava sentado olhando com enorme interesse para todos os potes de maquiagem e pós. — Sabe o que é um adereço, não sabe?

— É um papel muito importante — disse o Espantalho, pintando uns lábios vermelhos vivos na parte da frente do nabo.

— Sim, mas é o que se chama de um papel mudo — prosseguiu Jack. — Não pode se mexer nem falar.

— Mas o que vem a ser isto? — inquiriu o ator.

— Isto sou eu! — anunciou o Espantalho, cheio de orgulho. — Vou entrar na cena da loucura.

Realçou cada um dos olhos com lápis preto, e depois aplicou pó vermelho nas faces. O ator assistia, embasbacado.

— Está muito bonito, amo — comentou Jack —, mas não pode exagerar.

— Acha que deveríamos ser discretos?

— Para a cena da loucura, sem dúvida, amo.

— Muito bem. Talvez uma cabeleira me dê um ar mais discreto.

— Essa não — disse Jack, tirando uma enorme peruca loura de caracóis das mãos do Espantalho. — Lembre-se só... não pode se mexer nem falar.

— Farei tudo com os olhos — afirmou o Espantalho, recuperando a peruca das mãos dele e enfiando-a na sua cabeça de nabo.

O ator deu-lhe um olhar horrorizado e foi embora.

— Agora preciso de um traje — afirmou o Espantalho. — Este servirá.

Pegou numa capa escarlata e colocou-a em volta dos ombros. Jack pôs as mãos na cabeça, desesperado, e seguiu o Espantalho pelos bastidores, onde os atores, os músicos e os ajudantes de cena aprontavam tudo. Havia muito para ver e Jack teve que deter o Espantalho para poder lhe dar as explicações.

— Sim, amo... agora silêncio... o público está ali fo-ra, por isso temos que ficar todos calados...

— Ali está ela! — exclamou uma atriz, zangada, e arrancou a peruca da cabeça do Espantalho. — Que brincadeira é essa? —

perguntou a Jack. — Como se atreve a pôr a minha cabeleira naquela coisa?

— Minhas desculpas — disse o Espantalho, pondo-se de pé e fazendo uma profunda vênia. — Não que-ria aborrecê-la por nada deste mundo, minha senhora, mas já é tão bela que não precisa de melhoramentos, ao passo que eu...

A atriz observava com ar crítico, enquanto colocava a peruca na cabeça.

— Nada mal — comentou para Jack. — Já vi muito pior. Nem sequer percebo como consegue movê-lo.

Mas não volte a mexer nas minhas coisas, ouviu?

— Desculpe — disse Jack. A atriz afastou-se.

— Quanta graciosidade! Quanta beleza! — exclamou o Espantalho, ficando a olhá-la.

— Sim, amo, mas chiu! — pediu Jack. — Sente-se.

Fique calado.

Nesse exato momento ouviram o estampido dos címbalos e um toque de trombeta.

— Senhoras e senhores! — chegou-lhes a voz do Signor Rigatelli. — Vão assistir a uma representação da tragédia triste e lamentável de Arlequim e da Rainha Dido, com efeitos pictóricos e cênicos nunca antes vistos, e com os interlúdios mais cômicos jamais exibidos em palco! Nosso espetáculo de hoje é patrocinado pela Empresa de Carne Seca Buffaloni, produtores do melhor salame da cidade, Um Sorriso em Cada Dentada.

Outra vez os Bufalonis, pensou Jack. Estão metidos em tudo.

Seguiu-se um rufar de tambores e o pano subiu.

Jack e o Espantalho assistiram de olhos arregalados ao início da peça. A história não era grande coisa, mas a assistência gostou de ver Arlequim fingir que perdia uma fiada de salsichas, e depois engolia uma mosca por engano e andava aos pulos pelo palco com ela a zumbir dentro de si; e depois a Rainha Dido foi abandonada pelo amante, o Capitão Fanfarone, e saiu do palco correndo, louca de dor. Era a atriz da peruca loura.

— Ei! Rapaz! — chegou-lhe um murmúrio alto de Rigatelli. — Faça-o entrar! É a cena da loucura! Coloque-o no meio e saia

rapidamente.

O Espantalho abriu por completo os braços, enquanto Jack o transportava até o palco.

— Vou ser o melhor adereço que já existiu! — declarou. — Daqui a muitos anos, ainda se falará do meu desempenho.

Jack colocou o dedo nos lábios e saiu do palco na ponta dos pés. Nesse momento, encontrou-se frente a frente com a atriz que representava a Rainha Dido, que se preparava para voltar a entrar em cena. Parecia furiosa.

— O que aquela coisa está fazendo ali? — quis saber.

— É um adereço — explicou Jack.

— Se o fizer se mexer ou falar, esfolo-o vivo — disse. —

Manualmente.

Jack engoliu em seco e anuiu vigorosamente.

O pano subiu, e Jack sobressaltou-se porque a Rainha Dido soltou um grito louco e medonho e passou por ele correndo para o palco.

— Oh! Ah! Desgraça! Infortúnio! — gritou e atirou-se ao chão.

O público assistia, encantado. E o Espantalho também. Jack viu os olhos dele se arregalarem cada vez mais e seguiu-a enquanto se arrojava, gritava e fingia arrancar os cabelos.

— Ai de mim, ai de mim — gemeu, e dançou pelo palco, atirando beijos para o ar. — Toma o rosmaninho, é para recordar! Ai de mim, ai de mim! O Fanfarone, na verdade, não passa de um vilão! Era um apaixonado e eu a sua amada! Toma um malmequer. La, la, la!

Jack estava muito impressionado. Parecia sem dúvida uma grande representação.

De repente, ela se sentou e começou a arrancar as pétalas de um malmequer imaginário.

— Bem me quer... mal me quer... bem me quer... mal me quer... oh malmequer, malmequer, dê-me a sua resposta, vamos! Oh, que o meu coração transborde e apague os fogos da minha dor! La, la, la, Fanfarone, que rico vilão me saiu!

Jack observava o Espantalho com atenção. Via que o pobre diabo estava ficando cada vez mais preocupado e murmurou: — Não, amo... não é de verdade... fique quieto!

O Espantalho estava se esforçando, disso não havia dúvida. Movia apenas a cabeça muito lentamente para acompanhar o que a Rainha Dido fazia, mas a verdade é que a mexia, e uma ou duas pessoas do público já tinham percebido e acotovelavam os vizinhos e apontavam para ele.

A Rainha Dido levantou-se com a mão encostada ao peito. De repente, o Espantalho percebeu que ela tinha um punhal na mão. Estava de costas para ele e não conseguia vê-lo se inclinar de lado para espreitar em volta dela, uma expressão de alarme no seu enorme rosto nodoso.

— Oh! Ah! Desgraça! As pontadas da minha dor dilaceram-me a alma como ganchos em brasa! Ahhhhhh-hh...

Soltou um longo grito de desespero, começando pelo mais alto que era capaz de guinchar e descendo para o tom mais baixo que conseguia alcançar. Era famosa por aquele grito. Os críticos tinham dito que penetrava no âmago da angústia mortal, que era capaz de derreter um coração empedernido, que ninguém conseguia ouvi-lo sem que as lágrimas lhe viessem aos olhos.

Desta vez, porém, teve a sensação de que o público não estava plenamente com ela. Alguns quantos até riam, e, como se não bastasse, quando se virou para ver se por acaso não estariam rindo do Espantalho, de repente ele se lembrou de representar, e ficou quieto, olhando fixamente como se não passasse de um nabo espetado num pau.

A Rainha Dido deu-lhe um olhar de desconfiança furibunda e decidiu tentar mais uma vez o seu famoso grito.

— Waaahhh... aahhh... aaaahhh... — lamentou-se, oscilando e tremulando de um guincho tipo morcego até um gemido que fazia lembrar uma vaca com cólicas.

E atrás dela, o Espantalho ia se movendo ao ritmo dela, e imitando a forma como ela oscilava a cabeça e agitava os braços e ia decaindo gradualmente. Foi mais forte do que ele, pois estava profundamente comovido. Claro que o público achava aquilo hilariante, e gargalhava, dava palmadas nas coxas, aplaudia, assobiava e soltava vivas.

A Rainha Dido estava furiosa. E o Signor Rigatelli também. Apareceu de repente ao lado de Jack e empurrou dois atores para o palco, dizendo: — Tirem-no dali! Tirem-no dali!

Infelizmente, os dois atores estavam vestidos de salteadores, e sem dúvida o Espantalho pensou que eram reais.

— Seus patifes! — exclamou e saltou para a frente com os braços de madeira estendidos como punhos. — Majestade, esconda-se atrás de mim! Defendê-la-ei!

E correu pelo palco, desferindo socos nos atores.

Entretanto, a Rainha Dido tivera um ataque de fúria e arremessara a peruca ao chão antes de sair violentamente de cena para descompor Rigatelli.

O público estava adorando.

— Força, Espantalho! — gritavam. — Arreia-lhes, Nabo! Atenção à retaguarda! Viva o Espantalho!

Os dois atores não sabiam o que fazer, mas continuavam a perseguir o Espantalho e depois tiveram que fugir quando ele os enfrentou.

De repente, o Espantalho estacou, e apontou horrorizado para a peruca loura nas tábuas à sua frente.

— Cortaram-lhe a cabeça quando me apanharam distraído! — exclamou. — Como se atrevem? Pois, foi a gota d'água. Agora estou furibundo!

E, agitando os braços de madeira como um moinho de vento, saltou sobre os dois atores e zurziu-os impiedosamente. O público foi ao delírio, mas os atores estavam tão zangados agora que enfrentaram, e depois o próprio Rigatelli resolveu intervir para tentar repor a ordem.

Jack precipitou-se também para o palco, a fim de tentar afastar o Espantalho antes que ele se machucasse.

Infelizmente, um dos atores agarrara-lhe o braço esquerdo e puxava insistentemente por ele, enquanto o Espantalho lhe batia na cabeça; e quando Jack o agarrou pelo meio e tentou puxá-lo para trás, o braço esquerdo do seu amo soltou-se por completo, e o ator que o segurava caiu de repente para trás, chocando-se com Rigatelli, derrubando-o sobre o outro ator, que se agarrou ao cenário

para se salvar; mas o peso combinado dos três foi demais para a charneca maldita, e veio tudo abaixo com um guinchar de madeira e um rasgar de lona e, numa questão de segundos, só se via um monte de cenário pintado se agitando e praguejando, com braços e pernas que se mexiam, desapareciam e voltavam a aparecer.

— Por aqui, amo! — exclamou Jack, tirando o Espantalho do palco. — Vamos dar o fora!

— Nunca! — protestou o Espantalho. — Nunca me renderei!

— Não é rendição, amo, é mais bater em retirada — disse Jack, arrastando-o dali.

Todo mundo na praça do mercado soubera do que se passava, e abandonara as bancas para rir dos atores e do teatro a desmoronar. Entre eles estava o passarinhoiro.

Suas gaiolas com pintarroxos e pintassilgos brilhavam ao sol, os passarinhos cantavam o mais alto que podiam, e o Espantalho não conseguiu resistir.

— Pássaros — disse com ar austero —, aceito a existência de um estado de guerra entre o seu reino e o meu, mas há uma coisa chamada justiça. Vê-los aprisionados desta forma cruel põe-me o sangue no nabo a ferver de indignação. Vou libertá-los, e ordeno-lhes solene-mente que vão direto para casa e não comam os cereais de nenhum agricultor pelo caminho.

Jack não reparou no que o seu amo estava fazendo, porque avistara um velhinho sentado numa banca que vendia guarda-chuvas. Estava atacado pelo reumatismo demais para acorrer ao teatro como todos os outros e ficou satisfeito por vender um dos seus chapéus-de-chuva à Jack, que encontrara uma moeda de ouro num canto do saco dos salteadores.

Depois alguém gritou: — Agarra que é ladrão! Afaste-se dos meus pássaros!

Jack deu meia volta e viu o Espantalho abrindo a última das gaiolas. Um bando de passarinhos fazia círculos ao redor da cabeça dele, chilreando alegremente, e ele agitava o seu único braço, aquele que não apontava para lado nenhum.

— Voem! — gritou. — Voem para longe.

— Vamos, amo! — chamou Jack. — Todos estão vindo atrás de nós agora! — Arrastou dali o Espantalho, e os dois correram o mais depressa que podiam. Os gritos de raiva, as gargalhadas, o canto gutural dos pássaros libertados, tudo foi desaparecendo gradualmente atrás deles.

Quando chegaram de novo a terreno descoberto, pararam. Jack estava sem fôlego. O Espantalho olhava para si mesmo, tentando entender o que havia de errado, e depois exclamou:

— Oh não! O meu outro braço desapareceu! Estou me desfazendo em pedaços!

— Não se preocupe, amo, eu pensei nisso. Comprei-lhe um braço novo, olhe — disse Jack, e introduziu o guarda-chuva na manga do Espantalho, com o cabo para cima.

— Não quer chegar lá! — exclamou o Espantalho.

— Creio... acho que... sim, sim, sou capaz! Olhe para isto! Olhe só para isto, Jack!

E sacudiu o seu novo braço, e o guarda-chuva se abriu. Sua grande cara de nabo, com a boca vermelho-viva e os olhos delineados em preto, estava radiante.

— Não sou inteligente? — comentou, maravilhado.

— Repare neste engenho! Sobe... desce... sobe... desce...

— Assim pode se proteger do sol, amo — disse Jack. — E da chuva.

O Espantalho olhou para ele, todo orgulhoso.

— Você vai longe, meu rapaz! — garantiu-lhe. — Eu também ia acabar me lembrando dessas coisas, mas você se antecipou a mim. E que triunfo o nosso no palco!

Vimos tudo o que se anunciava no cartaz.

— Porém, faltaram o Naufrágio e a Erupção do Vesúvio.

— Oh, chegaremos lá, Jack — disse o Espantalho, com ar confiante. — Tenho certeza que sim.

5

ALUGA-SE ESPANTALHO

Quando o advogado chegou à cidade na manhã seguinte, encontrou-a cheia de estranhos rumores.

Depois de entrevistar o Senhor Rigateli e a atriz que fazia a Rainha Dido, os quais estavam convencidos de que o Espantalho era um autômato controlado por ondas mesméricas e que fazia parte de uma conspiração organizada por uma companhia de teatro rival, o Senhor Cercorelli foi falar com o idoso vendedor de guarda-chuvas.

— Sim, eu vi tudo — disse o velho. — Era um rapaz com um orangotango. Já tinha visto um antes. Vivem nas árvores no Bornéu. São quase humanos, mas não há como confundi-los de perto. Porque o está procurando? Ele fugiu de um jardim zoológico?

— Não propriamente — respondeu o Senhor Cercorelli. — Que direção tomaram?

— Aquela — respondeu o velho, apontando. — Irá reconhecê-los facilmente. Compraram-me um guarda-chuva.

O Espantalho e o seu criado fizeram uma longa caminhada naquele dia. Passaram a noite debaixo de uma sebe junto de um olival e, assim que acordaram, Jack percebeu que algo estava errado.

Sentou-se e olhou à sua volta. O sol brilhava, o ar cheirava a tomilho e salva, ouvia-se o som dos pequenos chocalhos em volta dos pescoços de um rebanho de cabras pastando ali perto, mas faltava alguma coisa.

— Amo! Acorde! Fomos roubados! — gritou Jack, desesperado, assim que percebeu o que tinha acontecido. — Toda a comida desapareceu!

O Espantalho sentou-se imediatamente e abriu o guarda-chuva, alarmado. Jack levantou pedras, espreitou debaixo da sebe, correu

para trás e para a frente a fim de olhar para um lado e para o outro da estrada.

O Espantalho foi procurar na vala, fazendo um lagarto carregar o cenho. Ignorou-o. Depois debruçou-se e olhou para algo entre as folhas.

— Uma pista! — exclamou, e Jack aproximou-se correndo.

— O que é, amo?

— Ali — disse o Espantalho, servindo-se da mão que apontava para indicar algo pequeno e desagradável a seus pés.

— O que é?

— Um excremento de coruja. Acredite em mim, isto foi deixado pelo culpado. Não há a menor dúvida, o ladrão é uma coruja.

— Oh — disse Jack, coçando a cabeça.

— Ou uma gralha — prosseguiu o Espantalho. — Na verdade, agora que penso no assunto, deve ter sido uma gralha, e deixou o excremento de coruja só para despistar. Dá para acreditar na maldade destas aves? Não têm um pingo de vergonha.

— Não — respondeu Jack. — Nenhuma mesmo. De qualquer forma, nós não temos dinheiro, nem qualquer comida. Não sei o que vamos fazer.

— Vamos ter que trabalhar para o nosso sustento, meu caro rapaz — disse o Espantalho, todo animado. — somos cheios de iniciativa e os dois com ótima saúde. Au! Au! O que está fazendo?

Suas últimas palavras foram dirigidas a uma cabra, que viera por trás dele e começara a alimentar-se de suas calças. O Espantalho virou-se e bateu na cabra com o poste de sinalização. A cabra, porém, não gostou nada e aplicou-lhe uma forte cabeçada, atirando-o ao chão antes que Jack tivesse tempo de apanhá-lo. O Espantalho ficou pasmo.

— Como se atreve! Que ataque covarde! — protestou, tentando levantar-se.

A cabra voltou a atacá-lo. Desta vez o Espantalho estava preparado. Abriu o guarda-chuva de repente, e a cabra derrapou até parar e começou a comê-lo.

— Oh, francamente — disse o Espantalho —, isto é demais!

Teve então início uma espécie de cabo-de-guerra, com a cabra numa extremidade e o Espantalho na outra.

As outras cabras vieram ver o que estava acontecendo, e uma delas começou a morder as abas do casaco do Espantalho, outra as calças e uma terceira desatou a comer a palha que lhe saía do peito.

— Vamos! Fora daqui! Desapareçam! — gritou Jack, batendo palmas e, relutantemente, as cabras se afastaram.

— Seria de esperar este tipo de comportamento de seres com penas — afirmou o Espantalho, com ar severo —, não de pessoas com cornos. Estou muito desiludido.

— Elas estavam demonstrando um interesse consumível pelo senhor, amo — disse Jack.

— Bem, não podemos culpá-las por isso — disse o Espantalho, escovando as lapelas e sacudindo os restos do casaco. — Mas devo dizer, Jack, que elas não deviam andar à solta sem um pastor. Não vamos deixar que isso aconteça no Vale da Primavera.

— O Vale da Primavera? Oh, já me lembro. Como foi que conseguiu arranjar uma grande propriedade, toda cheia de... o que era?... uma fazenda, riachos, poços, e coisas assim?

— Bem, é um enigma, Jack — admitiu o Espantalho, enquanto seguiam estrada afora. — Sempre tive uma convicção íntima de que era um homem de posses. Uma espécie de fidalgo rural, sabe.

— E é para lá que vamos, para o Vale da Primavera?

— A seu tempo, Jack. Primeiro temos que fazer fortuna.

— Oh, entendo. Bem, olhe — disse Jack, apontando lá para a frente —, há uma fazenda ali e um agricultor. Vamos pedir trabalho. Sempre é um começo.

O agricultor estava sentado com ar muito desconsolado na frente da casa, afiando uma foice.

— Quer trabalho? — perguntou a Jack — Sabe, não poderia ter vindo em melhor hora... Os soldados levaram todas as minhas... hã, e os pássaros estão comendo o... hã assim que nasce. Instale o seu, aquilo, ele, no campo de cima, e pode pegar na matraca e trabalhar no pomar.

— O problema é — disse Jack —, que ele está ficando um pouco esfarrapado. Se tivesse um par de calças a mais, poderia ficar com um ar mais convincente.

— Há um par de... hã... você sabe, velhas, no depósito de lenha. Fique à vontade. Haverá comida... hã... ao pôr-do-sol, e pode dormir no celeiro.

Pouco depois, estavam trabalhando. O Espantalho enxotava todos os pássaros do milharal e, de tempos em tempos, abria e fechava o guarda-chuva, só para lhes dar uma lição. Jack perambulava pelo pomar, matraqueando intensamente sempre que avistava um tentilhão ou um pintarroxo.

Era um trabalho árduo. O sol estava quente e havia muitos pássaros para espantar. Jack deu consigo a pensar no Vale da Primavera e na enorme propriedade do Espantalho. O pobre diabo devia ter inventado tudo e acabara se convencendo de que era verdade, pensou Jack.

Tinha jeito para isso. No entanto, parecia um local bonito.

Ao pôr-do-sol, Jack parou de matraquear, e foi chamar o Espantalho. O seu amo estava muito impressionado com a matraca.

— Formidável — exclamou quando Jack lhe mostrou como funcionava. — Que arma! Acha que poderia usá-la amanhã?

— Bem, se o fizer, amo, não terei com que espantar os pássaros. O senhor é um perito, e consegue-o limitando-se a olhar para elas, mas eu preciso de toda a ajuda que puder arranjar. Agora vá se sentar no celeiro, que eu vou buscar a ceia.

A mulher do agricultor entregou a Jack uma tigela de guisado e um grande naco de pão, e disse-lhe que não entrasse na cozinha acompanhado daquele monstro. Até podia ser um espanta-pássaros moderno, mas aquela era uma fazenda respeitável, e não toleraria monstros mecânicos dentro de casa.

— Está certo, patroa — respondeu Jack. — Há algo para beber?

— Há um balde no poço — indicou ela —, e uma caneca de alumínio ao lado.

— Obrigado — disse Jack, e levou a tigela com o guisado para o celeiro, fazendo uma parada no caminho para beber um longo gole de água.

Mas antes de entrar no celeiro, estacou lá fora, porque julgou ouvir vozes.

— Oh, sim — dizia o Espantalho —, lutamos com uma dúzia de salteadores, o meu criado e eu.

— Salteadores? — comentou alguém. Era uma voz feminina, e transbordava de admiração.

Jack entrou e encontrou o Espantalho sentado num fardo de palha, rodeado de uma dúzia de ancinhos, enxadas, vassouras, pás e forquilhas. Estavam todos encostados à parede, escutando respeitosamente.

Pelo menos era o que parecia, até se aperceberem da presença de Jack. Voltaram então a parecer ancinhos, enxadas e por aí fora.

— Ah, Jack, aí está! — exclamou o Espantalho.

— A mulher do agricultor entregou-me uma tigela de guisado para nós dois — anunciou Jack, olhando à sua volta com ar duvidoso.

— Fique com a maior parte — disse o Espantalho.

— Eu não como muito. Um pedacinho de pão será suficiente. Então Jack sentou-se e atacou o guisado, que estava cheio de pimentões, cebolas e pedaços de salsicha cheios de nervos.

— Pareceu-me ouvir vozes, amo — falou com a boca cheia.

— E ouviu mesmo. Estava só contando as nossas aventuras a estas damas e a estes cavalheiros.

Jack olhou para os ancinhos, enxadas e vassouras.

Nenhum se mexeu ou disse uma palavra.

— Ah — disse Jack. — Sim.

— Como estava dizendo — prosseguiu o Espantalho —, os salteadores eram um grupo terrível. Todos armados até os dentes. Prenderam-nos numa caverna e...

— Pareceu-me ter dito que era um castelo em ruínas — disse um ancinho.

— Isso mesmo, um castelo em ruínas — corrigiu o Espantalho, todo animado.

Jack ficou todo arrepiado de medo. Parecia mesmo que um dos ancinhos falara, mas estava escurecendo, e sentia-se muito cansado.

Esfregou os olhos, e sentiu que se fechavam tão depressa quanto o tempo de repetir o gesto.

— Bem, afinal qual foi? — quis saber o ancinho.

— Castelo. Próximo de uma caverna. O meu criado e eu entramos para investigar, e depois demos de cara com duas dúzias de salteadores. Ou três dúzias, provavelmente. Escondi-me no canto, e o Jack contou uma história para eles adormecerem, e eu surgi como uma aparição... assim...

O Espantalho levantou os braços e fez uma cara hedionda. Algumas das vassouras mais baixas recuaram, e uma pequena forquilha guinchou de terror.

— E os salteadores meteram o rabo entre as pernas e fugiram — continuou o Espantalho. — Tenho pensado no assunto desde então, e cheguei a uma conclusão. Acho que eram pássaros, e só estavam disfarçados de salteadores. Passarões — explicou. — Assim do tamanho de avestruzes. Muito perigosos — acrescentou.

— O senhor deve ser muito corajoso — disse uma vassoura timidamente.

— Oh, não sei — disse o Espantalho. — Uma pessoa se acostuma ao perigo neste tipo de trabalho. Mas depois de pouco tempo, abracei uma nova profissão. Pisei o palco! Entretanto, Jack deitara-se. A última coisa que percebeu antes de adormecer era que o Espantalho começava a representar o papel que assumira na peça; só que parecia um papel muito mais importante do que Jack se recordava, e quando chegou àquela parte em que a Rainha Dido se apaixonava pelo Espantalho e o nomeava primeiro-ministro, Jack notou que tinha dormido um bocado.

Acordou, viu que o sol lhe incidia nos olhos e o Espantalho o sacudia.

— Jack! Acorda! É hora de trabalhar! Os pássaros já estão de pé há tempos. Mas, Jack, preciso lhe dar uma palavrinha. Em particular.

Jack esfregou os olhos e deu uma espiadela.

— Nós estamos sozinhos — argumentou.

— Não! Quero dizer, ainda mais sozinhos — alegou o Espantalho, num murmúrio urgente. — Longe de... você sabe...

Fez um gesto por cima do ombro e inclinou a cabeça para trás num gesto significativo.

— Ah, entendo — disse Jack, que não fazia ideia do que ele se referia. — Dê-me só um instante e já vou encontrá-lo no poço, amo.

O Espantalho anuiu e saiu do celeiro. Jack coçou a cabeça. Os ancinhos, enxadas e vassouras estavam perfeitamente imóveis e em silêncio.

— Devo ter sonhado — falou Jack com os seus botões e levantou-se.

A mulher do agricultor dera-lhe pão com compota para o desjejum, e Jack levou-o para o poço, onde o Espantalho aguardava impacientemente.

— O que é, amo? — perguntou.

— Decidi me casar — contou o Espantalho. — A verdade é que me apaixonei. Oh, Jack, ela é tão linda! E tão delicada! Não vai acreditar, mas quase me sinto desas-trado junto dela. Que graciosidade! Que encanto! Oh, meu coração está perdido, amo-a, venero o chão que ela varre!

— Varre? — estranhou Jack, de boca cheia.

— É uma vassoura — explicou o Espantalho. — Deve ter reparado nela. A mais bonita! A mais encantadora! Oh, adoro-a!

— E já lhe disse?

— Ah. Era o que ia te contar. Falta-me a coragem, Jack. Não tenho ânimo. Assim que olhar para ela vou me sentir como uma... como uma... como uma cebola.

— Uma cebola?

— Sim, exatamente uma cebola. Mas não consigo pensar em nada para lhe dizer. Por isso terá que ser você a contar-lhe.

Jack coçou a cabeça.

— Bem — afirmou —, não sou tão eloquente quanto o senhor, amo. Provavelmente meterei os pés pelas mãos. Tenho certeza de que ela prefere ouvir da sua boca.

— Bem, claro que prefere — concordou o Espantalho. — Qualquer um preferia. Mas eu fico emudecido quando a vejo, por isso terá que ser você.

— Não entendo por que se sente como uma cebola — disse Jack.

— Também não. Não imaginava que o amor pudesse ter esse efeito. Nunca esteve apaixonado, Jack?

— Não creio. Se me apaixonar, provavelmente me sentirei como um nabo. Olhe, vou lhe dizer uma coisa, amo...

— Já sei! Podia fingir ser um pássaro, atacá-la, e eu podia fingir que vinha afugentá-lo. Aposto que isso a deixaria impressionada.

— Não sou tão bom ator quanto o senhor, amo.

Provavelmente ela ia perceber que eu não era um pássaro verdadeiro. Olhe, vamos trabalhar, e pode pensar nela o dia inteiro, lá no milharal. Falaremos mais tarde, antes de voltarmos.

— Sim! É uma boa ideia — concordou o Espantalho, e afastou-se todo orgulhoso para iniciar o dia de trabalho.

6

UMA SERENATA

Jack trabalhou com afinco por toda a manhã. Ao meio-dia, o agricultor veio ao pomar ver como ele estava se J saindo e olhou à sua volta com ar satisfeito.

— Aquele outro sujeito — disse ele —, o seu com-panheiro...

— O meu amo — respondeu Jack.

— Como queira. Esse. É um bom trabalhador, não há dúvidas. Mas... bem... entende...

— Oh, ele tem muito jeito para afugentar pássaros — animou-se Jack.

— Sem a menor dúvida. Mas... humm... ele é um bocado, hã... bem, não é?

— Só para quem não o conhece.

— Verdade? Nesse caso ele é... hã... não é?

— É um personagem profundo — disse Jack, espantando um melro.

— Ah — disse o agricultor. — Só que, ele parece quase... bem, se eu não soubesse, diria mesmo... entende.

— Faz parte da astúcia dele. Sabe, quando está trabalhando, ele nunca... esse tipo de coisa.

— Claro — concordou o agricultor. — Não valeria a pena... hã...

— Quer dizer, haveria uma quantidade de... o senhor sabe.

— Muito certo. Nisso tem razão. Mesmo assim, he-in? Quer dizer...

— Sim — concordou Jack. — Não, seria terrível se... hã...

— Para bom entendedor, hein? — rematou o agricultor, piscando o olho e batendo na asa do nariz. Jack imitou-o, caso se tratasse de um sinal particular de uma sociedade secreta. O agricultor anuiu e afastou-se.

Ufa, ainda bem que ele não teve esta conversa com o amo, pensou Jack. O pobre diabo não teria entendido uma palavra.

Continuou a matraquear afanosamente por toda a tarde, e quando o sol estava se pondo, foi chamar o Espantalho no campo de cima.

— Jack — disse o Espantalho —, estive pensando nela o dia todo, tal como sugeriu, e cheguei à conclusão de que, se ela não quiser se casar comigo, terei que fazer algo desesperado.

— Oh não — lamuriou-se Jack. — E o que seria, amo?

— Vou deixar isso para pensar amanhã.

— Boa ideia. O que será que tem para a ceia?

A mulher do agricultor deu-lhes outra tigela de guisado, e deu também um longo olhar desconfiado e fuzilante ao Espantalho, que ele não viu, porque estava de olhos postos no celeiro com uma expressão embasbacada no seu nabo.

— Obrigado, patroa — agradeceu Jack.

— Não se esqueça de mantê-lo trancado de noite — avisou a mulher do agricultor. — Não gosto nada do aspecto dele. Se der falta de algumas galinhas...

Jack e o seu amo sentaram-se ao lado do poço, e mais uma vez o Espantalho deixou Jack comer todo o guisado, e mordiscou apenas um pedaço de pão.

— Devia se alimentar, amo — advertiu Jack. — Aposto que ela iria gostar muito mais do senhor se estivesse de barriga cheia. Pelo menos, se sentiria melhor.

— Não, não tenho apetite, Jack. Estou definhando de amor.

— Se tem mesmo certeza — disse Jack, terminando o guisado.

— Já sei! — exclamou o Espantalho, sentando-se de repente e abrindo o guarda-chuva com o entusiasmo.

— Eu podia lhe fazer uma serenata!

— Bem... — principiou Jack, mas o Espantalho estava entusiasmado demais para ouvir.

— Sim! É isso! Eis o plano. Espero que escureça, depois a pego e finjo que varro o chão. E a trago para fora, depois a encosto na parede, como quem não quer na-da, e depois canto para ela.

— Bem... — começou Jack de novo.

— Oh, sim. Quando ela me ouvir cantar, o seu co-ração será meu!

— É melhor não cantar alto demais. Não me parece que o agricultor ficará satisfeito. Certamente a velhota dele não ficará.

— Oh, serei muito discreto — retorquiu o Espantalho. — Terno, mas ardente, eis o tom certo.

— Parece bom — disse Jack.

— Começo a varrer assim que a lua banhar o terreiro. Acho que o luar me realçaria, não acha?

— Talvez fosse melhor deixar-me arrumá-lo primeiro — sugeriu Jack, e sacudiu o pó dos ombros do Espantalho, enfiou palha nova no peito dele e lavou-lhe o nabo.

— Pronto... está um mimo. Não se esqueça, pouco barulho.

O Espantalho sentou-se do lado de fora do celeiro, e Jack foi lá para dentro se deitar. Antes, porém, foi buscar a vassoura e colocou-a ao lado da porta, para que o amo pudesse encontrá-la no escuro.

— Desculpe — percebeu que dizia —, espero realmente que não se importe de eu mudá-la para cá. Vai perceber o motivo quando a lua aparecer.

Ela não respondeu, mas encostou-se muito graciosamente à parede. Jack pensou que talvez ela fosse tímida, até cair em si e abanar a cabeça.

Ele me levou a acreditar que ela estava viva, pensou. É melhor ter cuidado, senão ainda fico maluco como ele.

Estendeu-se na palha e fechou os olhos. O velho burro e a vaca dormiam de pé, respirando muito suavemente e ruminando um pouco de tempos em tempos, e reinavam o silêncio e a tranquilidade.

Jack acordou quando o luar lhe incidiu nos olhos.

Bocejou, espreguiçou-se e sentou-se.

— Bem — disse para si mesmo —, está na hora de começar a varrer o chão. Isto é uma ideia tola. Mesmo assim, o meu amo é maravilhoso, sem a menor dúvida.

Pegou a vassoura e varreu o chão, empurrando toda a palha e poeira descontraidamente na direção da porta, por onde entrava o luar. Uma vez lá fora, encostou a vassoura à parede e voltou a bocejar antes de tornar a se deitar.

E readormeceu quase em seguida. Deve ter começado logo a sonhar, porque parecia que estava vendo o Espantalho varrer o terreno lá fora, cantando para a vassoura enquanto o fazia:

*«O seu cabo é tão esbelto,
As suas cerdas tão delicadas,
Que o meu coração é obrigado
A render-se aos seus encantos;
Recuando, avançando,
E lançando olhares furtivos,
Oh, nunca pare de dançar
A noite inteira nos meus braços!»*

Jack pestanejou e esfregou os olhos, mas não fez qualquer diferença. O Espantalho e a vassoura valsavam como os dançarinos mais graciosos num baile.

*«O seu delicado movimento
Deixa tudo mais limpo!
E eu nunca tinha visto
Menina tão elegante;
Tão graciosa, tão encantadora,
Completamente inofensiva,
Oh que mal pode haver
Num beijo casto?»*

Jack pensou: *Ele vai casar com ela, e depois não precisará de um criado para mais nada. Mas ele parece feliz. Só não sei se encontrarei novamente um amo a quem preferisse servir...*

E, enquanto estava ali estendido entregue a todos aqueles pensamentos, acordou de repente com um brado roufenho horrível.

— Hi-hó! Hi-hó!

Sentou-se e percebeu, primeiro que fora um sonho; e segundo, de que o velho burro no celeiro zurrava, raspava as patas e gerava uma confusão sem fim; e terceiro, de que lá fora na eira o

Espantalho gritava, uivava e berrava de raiva, ou aflição, ou infelicidade.

Jack correu para a porta do celeiro e viu a mulher do agricultor, com um roupão até os pés, saindo disparada da cozinha de frigideira erguida acima da cabeça. Atrás dela, o agricultor, de camisa de dormir comprida, carregava um bacamarte. O Espantalho agarrava a vassoura junto ao coração, e caíam-lhe lágrimas verdadeiras pelo nabo.

— Não, patroa! Não! Não faça isso! — gritou Jack e correu para tentar segurar a mulher do agricultor, que se preparava para bater com a frigideira no Espantalho. Não provinha qualquer perigo da parte do agricultor; mal tentou fazer pontaria com o bacamarte, todo o chumbo da descarga saiu pelo cano e caiu sobre as lajes como granizo.

Jack alcançou o Espantalho exatamente na mesma hora que a mulher do agricultor, e colocou-se entre ambos com os braços bem abertos.

— Não, patroa! Pare! Deixe-me explicar! — suplicou.

— Eu lhe racho os miolos! — exclamou ela. — Ele vai aprender a não se por a miar no meio da noite, pregando um susto de morte em gente honesta que está dormindo! — Não, não faça isso, patroa, ele é um pobre diabo que não faz mal a ninguém... deixe que eu cuido dele...

— Eu te avisei! — gritou o agricultor, mantendo-se em segurança atrás da mulher. — Não avisei? Hein?

— Sim, avisou — concordou Jack. — Pelo menos disse-me qualquer coisa.

— Nada disto... você sabe — acrescentou o agricultor.

— Leve essa coisa horrível — ordenou a mulher do agricultor —, saia imediatamente daqui, e não me volte a aparecer!

— Com certeza, patroa — respondeu Jack —, e então o nosso pagamento?

— Pagamento? — inquiriu ela. — Vocês não vão receber pagamento nenhum. Desapareça daqui, você e o seu monstro!

Jack virou-se para o Espantalho, que não ouvira uma palavra do que a mulher do agricultor dissera. Na verdade, continuava a soluçar

de desespero.

— Então, amo, qual é o problema? — perguntou.

— Ela já está comprometida! — uivou o Espantalho. — Vai casar com um ancinho!

— Oh, isso é que é azar — disse Jack. — Mas veja as coisas pelo lado positivo...

— Vou tomar a atitude decente, claro — prosseguiu o Espantalho, fazendo um esforço para controlar suas emoções. — Minha cara menina — disse à vassoura —, eu não faria nada para me interpor entre você e a sua felicidade, se o seu coração já pertence ao cavalheiro no celeiro. Mas ele fica avisado — disse, levantando a voz, e olhando para todas as ferramentas encostadas à parede —, é bom que trate esta vassoura como a preciosa criatura que ela é, e faça da felicidade dela o centro de sua vida, senão terá que enfrentar a minha ira!

Com um último soluço entrecortado, entregou a vassoura a Jack. Este levou-a para dentro do celeiro e colocou-a ao lado do ancinho.

Quando voltou para fora, o Espantalho falava com o agricultor e a mulher.

— Lamento tê-los acordado — disse —, mas não me desculpo por exprimir apaixonadamente os meus sentimentos. Afinal, é a única coisa que nos distingue dos animais.

— Louco — disse a mulher do agricultor. — Imbecil. Vá, ponha-se fora daqui, pegue a estrada e não volte.

O Espantalho esboçou uma vênha o mais graciosa-mente que pôde.

— Bem, querida — disse o agricultor —, não deveríamos... você sabe. Não há muitos... hã, hoje em dia, hein? Desse tipo...

— Ele é um louco furioso, e quero-o fora daqui! — insistiu. — Além disso também é um monstro horroroso, e assustou o burro. Fora daqui! — repetiu, brandindo a frigideira.

— Vamos, amo — disse Jack. — Vamos procurar nossa fortuna noutra lugar. Já dormimos debaixo de sebes antes, e está uma bela noite quente.

Então, lado a lado, o Espantalho e o seu criado partiram pela estrada enluarada. De tempos a tempos, o Espantalho suspirava

fundo e virava-se para olhar para trás com tamanha expressão de angústia no seu nabo que Jack teve a certeza de que a vassoura abandonaria o ancinho e se apaixonaria por ele, se pudesse; mas era tarde demais.

— Oh, sim — disse o agricultor —, ele era sem dúvida... o senhor sabe.

— Um louco furioso! — manifestou-se a mulher.

— Um lunático perigoso. Forasteiro também. Não devia andar à solta.

— Entendo — afirmou o Senhor Cercorelli. — E quando foi embora?

— Ora, quando foi? — pensou o agricultor. — Por volta... hã...

— No meio da noite — disse a mulher. — Afinal, para que quer saber? Está encarregado dele?

— De certa forma, sim. Fui incumbido pelo meu cliente de levar este espantalho de volta para o lugar onde pertence.

— Ah — disse o agricultor. — Assim sendo, é um caso de hã..., não é?

— Desculpe?

— O senhor sabe, coisa da idade, hã, por assim dizer. Hein?

O Senhor Cercorelli reuniu seus papéis e levantou-se.

— Tirou-me as palavras da boca, senhor — afirmou ele. — Obrigado pela sua ajuda.

— Vai prendê-lo quando o apanhar? — quis saber a mulher do agricultor.

— Oh, posso lhe garantir — retorquiu o Senhor Cercorelli — que isso é o mínimo.

A CARAVANA MÁGICA

— Jack — disse o Espantalho na manhã seguinte —, agora que tenho o coração destroçado, acho que já deveríamos pegar a estrada e procurar a nossa fortuna.

— E então a sua propriedade no Vale da Primavera, amo?

— Ah, sim, com certeza. Temos que ganhar dinheiro suficiente para pôr o lugar em ordem. Depois voltaremos para cuidar dele.

Espero que haja bastante comida lá, pensou Jack.

O Espantalho caminhava cheio de energia, e Jack saltitava ao lado dele. Havia muito para ver e, apesar do Espantalho ter o coração destroçado, a sua curiosidade em relação ao mundo não fora afetada.

— Por que será que aquele edifício queimou? — ia perguntando, ou: — Por que aquela senhora idosa estará subindo numa escada de mão? —, ou: — Sabe, Jack, é extraordinário, mas há horas que não ouvimos um pássaro. Por que será, me diga!

— Acho que os soldados passaram por aqui — respondeu Jack. — Provavelmente incendiaram a casa, e levaram todos os trabalhadores rurais, por isso é que a senhora idosa tem que consertar o telhado. Quanto aos pássaros... ora, os soldados devem ter comido tudo e não deixaram nada para eles, nem sequer um grão de trigo.

— Hmm — disse o Espantalho. — Soldados, hein?

Eles fazem esse tipo de coisa?

— São o pior tipo de gente do mundo, os soldados — respondeu Jack.

— Piores que os pássaros?

— Muito piores. A única coisa a fazer quando os soldados aparecem é nos escondermos e ficarmos bem quietinhos.

— Qual é o aspecto deles?

— Bem...

Mas antes que Jack pudesse responder, algo despertara a atenção do Espantalho.

— Olhe! — exclamou, apontando todo entusiasmado. — O que é aquilo?

Vinha uma caravana na direção deles, puxada por um cavalo muito velho e tão escanzelado que se podiam contar todas as costelas. A caravana estava coberta de estrelas, luas e símbolos místicos pintados, e sentado no banco, segurando as rédeas, estava um homem quase tão escanzelado quanto o cavalo, usando um chapéu comprido pontiagudo e uma túnica com mais estrelas e luas.

O Espantalho olhava para tudo aquilo com enorme admiração.

Assim que os viu, o homem acenou e sacudiu as rédeas para obrigar o cavalo a parar. O pobre animal bem que agradeceu o repouso. O homem desceu do banco e precipitou-se para o Espantalho.

— Muito bom dia, cavalheiro! Muito bom dia, meu senhor! — saudou, fazendo uma profunda vênica e puxando a manga do Espantalho.

— Um bom dia para o senhor, cavalheiro — respondeu o Espantalho.

— Amo — interveio Jack —, não creio...

Mas o desconhecido com suas vestes místicas agarrara a mão do Espantalho que fora feita com o poste de sinalização e inspecionava-a com atenção.

— Ah! — disse ele. — Aha! Ha! Vejo grande fortuna nesta mão!

— Verdade? — inquiriu o Espantalho, impressionado. — Como é que sabe?

— Através da caravana mágica!

— Oh! — admirou-se o Espantalho. — Jack, temos que arranjar uma caravana mágica! Igualzinha à deste senhor. Depois, também poderíamos saber das coisas.

Poderíamos traçar o nosso destino e encontrar o caminho até o Vale da Primavera e levá-la...

— Disse o Vale da Primavera, cavalheiro? Acaso não seria membro da famosa família Buffaloni, meu senhor? — Acho que não — retorquiu o Espantalho.

— Ah! Entendo! Chamaram-no como consultor, para se encarregar pessoalmente do assunto. Ouvei dizer que os Buffalonis estão fazendo coisas esplêndidas no campo da indústria. Secando todos aqueles poços e nascentes e construindo fábricas maravilhosas! Sim? Não?

Vendo que o Espantalho estava confuso, o astrólogo prosseguiu melifluamente: — Mas deixe-me ler o seu horóscopo e olhar fundo na bola de cristal. Diante do poder do meu olhar, o véu do tempo se afasta e os mistérios do futuro são revelados.

Entre na minha caravana para uma consulta!

— Amo — segredou Jack —, isto vai nos custar dinheiro, e nós não temos. Além disso, ele é um velho trapaceiro...

— Oh, não, meu rapaz, está equivocado — disse o Espantalho. — Sou um excelente juiz, e a mente deste cavalheiro está acima de qualquer trapaça. Os seus pensamentos residem no domínio do sublime, Jack!

— Tem toda razão, cavalheiro! É um pensador profundo e perspicaz! — afirmou o mago, chamando-os para que entrassem na caravana, e descobrindo uma bola de cristal em cima de uma mesinha.

Depois sentaram-se todos. Agitando os dedos de forma misteriosa, o astrólogo espreitou as profundezas da bola de cristal.

— Ah! — disse. — Era o que desconfiava. As iluminações planetárias são negras e obscuras. A única maneira de esclarecer o astroplasma é traçar o seu horóscopo, meu caro senhor, o que posso lhe fazer por uma modesta quantia.

— Bem, então está decidido — disse Jack, levantando-se — porque nós não temos um cêntimo conosco. Bom dia...

— Não, Jack, espere! — pediu o Espantalho, batendo na cabeça.

— O que está fazendo, amo? — perguntou Jack.

— Pare... ainda vai se machucar!

— Ah... aqui está! — exclamou o Espantalho, e caiu uma pequena moeda de ouro da fenda de seu nabo.

Jack e o mago precipitaram-se imediatamente, mas o mago chegou primeiro.

— Excelente — disse, colocando a moeda entre seus compridos dentes de cavalo. — Por uma extraordinária coincidência, esta é exatamente a quantia certa. Vou consultar imediatamente as estrelas.

— De onde veio aquela moeda, amo? — inquiriu Jack, surpreso.

— Oh, está ali dentro há muito tempo — respondeu-lhe o Espantalho.

— Mas... mas... se... se... — disse Jack, puxando os cabelos.

O Espantalho ignorou-o. Observava o astrólogo, que tirou um livro empoeirado de uma prateleira e o abriu, podendo ver-se tabelas e colunas de números, e passou rapidamente um dedo por elas, murmurando com ar de entendido.

— Vê o que ele está fazendo? — segredou o Espantalho. — Isto é inteligente, Jack, isto é muito profundo.

— Ahhhhh! — soltou o astrólogo num longo gemido trêmulo. — Vejo grande fortuna nas estrelas!

— Continue, continue! — pediu o Espantalho.

— Oh, sim — disse o mago, lambendo um dedo sujo e passando várias páginas. — E há mais!

— Está vendo, Jack. Que bom termos encontrado este cavalheiro! — comentou o Espantalho.

De repente, o astrólogo ficou com a respiração suspensa, observando os símbolos no seu livro. E o Espantalho também. Sustiveram-na por muito tempo, até que o astrólogo a soltou num prolongado assobio. E o Espantalho também.

Depois, como se fosse um fardo pesado demais pa- ra suportar, o astrólogo levantou lentamente a cabeça.

Os olhinhos escuros do Espantalho estavam arregalados, a palha em pé, a fenda enorme que era a sua boca pendendo aberta.

— Nunca vi um destino tão estranho e profundo como este — afirmou o astrólogo em voz baixa e trêmula.

— A elíptica paranômica da clavícula de Salomão, multi-plicada pela influência solar no trígono do catanastomóide zaforístico, dividida pelo meridiano do azimute vernal e composticada pelo diafragma de Ezekiel, revela...

— Sim?

— Significa...

— Sim? Sim?

— Prediz...

— Sim? Sim? Sim?

O mago fez uma pausa momentânea, e os seus olhos deslizaram para Jack e depois voltaram ao Espantalho.

— Perigo — disse em tom solene.

— Oh não! — exclamou o Espantalho.

— Seguido de alegria...

— Sim!

— E depois de apuros...

— Não!

— Conduzindo à glória...

— Sim!

— Transformada em tristeza...

— Não, não, não!

O Espantalho estava mortalmente assustado.

O astrólogo fechou lentamente o livro e afastou-o do alcance de Jack. Depois, o seu lábio superior retraiu-se tão subitamente que Jack até deu um pulo. Sorrindo como um crocodilo com ar de santinho, o velho anunciou: — Mas o sofrimento será coroado de sucesso...

— Hurra! — exclamou o Espantalho.

— E as lágrimas terminarão em triunfo...

— Ainda bem! Ainda bem!

— E terá saúde, riqueza e felicidade enquanto viver! — Oh, estou tão contente! Oh, que alívio! — exclamou o Espantalho. — Está vendo, Jack, este cavalheiro sabe o que está dizendo, não haja dúvida. Oh, cheguei a ficar preocupado! Mas no fim tudo se compôs. Obrigado, senhor! Mil obrigados! Podemos seguir o nosso caminho confiantes e fortalecidos. Valha-me Deus, que experiência.

— O prazer foi todo meu — respondeu o mago, efetuando uma profunda vênia. — Tenha cuidado ao sair.

Os degraus são traiçoeiros. Bom dia!

Deu um olhar desconfiado a Jack que por sua vez o retribuiu.

— Pense só, Jack — disse o Espantalho com uma voz amedrontada e abatida enquanto a caravana se afastava lentamente. — Estivemos dentro de uma caravana mágica e ficamos sabendo os segredos do futuro!

— Esqueça isso, amo — afirmou Jack. — Tem mais algum dinheiro dentro da sua cabeça?

— Deixe-me ver — respondeu o Espantalho e bateu vigorosamente no nabo. Depois sacudiu-o com força.

— Hmm — disse —, chocou alguma coisa. Deixe-me ver...

Virou a cabeça de lado e abanou-a. Caiu algo que saltou para a estrada.

Os dois debruçaram-se para ver o que era.

— É uma ervilha — constatou Jack.

— Ah, sim — retorquiu o Espantalho com modéstia. — É o meu cérebro, sabe.

Mas antes que qualquer um deles conseguisse apanhá-la e voltar a colocá-la lá dentro, um melro desceu, apanhou a ervilha com o bico e levantou voo, indo se empoleirar num ramo.

O Espantalho sentiu-se ultrajado. Agitou o poste de sinalização, abriu e fechou o guarda-chuva e bateu o pé em fúria.

— Seu patife! Seu ladrão! — bradou. — Devolva meu cérebro!

O melro engoliu a ervilha, e depois, para espanto de Jack, disse: — Vai-te catar. Eu a vi primeiro.

— Como se atreve! — gritou o Espantalho em resposta. — Nunca vi comportamento mais vergonhoso!

— Não grite comigo — retrucou o melro. — É cruel, sim. Tem uma cara horrível e cruel. Ponho a lei atrás de você se voltar a gritar comigo. Não é justo.

Furibundo, o Espantalho abriu e fechou o guarda-chuva várias vezes, mas, de tanta raiva, não conseguiu encontrar quaisquer palavras, por isso as coisas que disse saíram assim:

— Rrrol... nnhnrrr... eeee... mnmnm... nnnmm-ggrrnnnggg.. bbrrr... fffF... ssss... ggrrrrssschhttt!

O melro ficou todo eriçado e, soltando um chiado fraquinho, afastou-se dali. Jack coçou a cabeça.

— Eu sabia que os papagaios falavam, amo, mas não os melros — comentou.

— Oh, todos eles falam, Jack. Devia ouvir a forma insolente como se dirigem a mim quando pensam que mais ninguém está ouvindo. Naturalmente este jovem ma-landro achou que você também era um espantalho, e que conseguiria levar a melhor.

— Bem, estou constantemente aprendendo coisas novas — disse Jack. — Seja como for, me parece, amo, que enquanto não lhe arranjarmos um cérebro novo, vai ter que se virar sem um. Conseguimos arranjar braços novos, lembra-se?

O Espantalho continuava a pular, furibundo, mas parou e olhou para Jack quando o ouviu dizer aquilo, e acalmou-se de imediato.

— Acha que conseguiríamos encontrar outro? — perguntou.

— Não deve ser muito difícil — respondeu Jack.

— Primeiro vamos ver como se sai sem ele. Pode até nem precisar de nenhum. Como o apêndice.

— Mas é muito pessoal — disse o Espantalho em tom de dúvida.

— Haveremos de arranjar alguma coisa, não se preocupe.

— Ah, Jack, meu rapaz, dar-lhe emprego foi a melhor decisão que já tomei. Posso passar muito bem sem um cérebro, mas não creio que pudesse dispensar o meu criado. — Bem, obrigado, amo, mas não sei se vou conseguir passar sem comida. Espero que possamos arranjar algo para comer em breve.

Como não havia nada ali, partiram de novo estrada afora. Mas era uma zona um tanto deserta e erma; as únicas fazendas por onde passaram tinham sido incendiadas, e não se via uma só pessoa.

— Não há pássaros — comentou o Espantalho, olhando à sua volta. — É curioso, Jack, mas não me agrada quando não há pássaros.

— A mim também não agrada quando não há comida — disse Jack.

— Olhe! — exclamou o Espantalho, apontando para a estrada. — O que é aquilo?

Conseguiram ver apenas uma nuvem de pó. Mas ouvia-se também um som, e Jack reconheceu-o de imediato: um trum-trum-

trum cadenciado, e o rufar de um tambor de parada a acompanhá-lo. Era um regimento de soldados.

O ORGULHO DO REGIMENTO

Jack puxou a manga do Espantalho.

— Venha, amo! — insistiu ele. — Vamos nos esconder até eles passarem!

O Espantalho seguiu Jack até um aglomerado de arbustos.

— Podemos observá-los? — perguntou.

— Sim, mas não deixe que eles nos vejam, amo, por nada deste mundo! — suplicou Jack.

O rufar dos tambores e o bater dos pés aproximava-se cada vez mais. O Espantalho, entusiasmado, espreitou por entre as folhas.

— Jack! Olhe! — murmurou. — É espantoso! Eles são todos iguais!

Os soldados, com as casacas vermelho-vivo e as calças brancas, com as botas pretas e os barretes de pele de urso, os mosquetes todos levantados no mesmo ângulo, e com as fivelas de latão reluzentes, pareciam realmente todos iguais. Eram centenas a marchar com o passo certo, todos grandes, fortes e bem alimentados.

— Magnífico! — exclamou o Espantalho.

— Shhh! — fez Jack, desesperado.

À frente da coluna de soldados vinham vários oficiais montados em cavalos cinzentos, saltitando, trotando e corcoveando e, atrás deles, uma dúzia de carroças puxadas por esplêndidos cavalos pretos, todos lustrosos e muito bem escovados.

— Que estilo! Que elegância! Que vigor! — entusiasmou-se o Espantalho.

Jack levou as mãos aos ouvidos, mas o bater das botas dos soldados fazia a própria terra tremer. Trum!

Trum! Trum! Como um enorme monstro mecânico com centenas de patas, o regimento ia passando.

Quando Jack arriscou olhar, o Espantalho encontrava-se de pé no meio da estrada, a observá-los, com uma expressão de maravilha e admiração.

— Jack! — chamou. — Já viu algo tão esplêndido alguma vez? Trum, trum, trum! E as casacas vermelhas... e os cintos reluzentes... e os elmos! Oh, aquilo é que é vida, Jack. Vou ser soldado!

— Mas, amo...

— Lá vamos nós! Trum trum trum!

Agitando energicamente os braços, o Espantalho arrancou com as suas pernas de madeira a um ritmo tal que Jack teve que correr para acompanhá-lo.

— Amo, por favor, escute-me! Não queira ser soldado, suplico-lhe!

— Lembre-se do que disse aquele homem na caravana mágica, Jack: grande fortuna! Fama e glória!

— Sim, e perigo e confusão também; não se esqueça disso!

— E vou dizer-lhe mais uma coisa — acrescentou o Espantalho.

— O regimento deve ter muita comida. São um grupo de homens tão elegantes, até aposto que comem três vezes por dia. Se não quatro.

Jack não levantou mais objeções. Ante a ideia de comida, partiu atrás do regimento tão depressa quanto o seu amo, fossem ou não soldados.

Não demoraram muito a alcançá-los, porque os soldados pararam para a refeição do meio-dia, e o rico cheiro de carne de vaca guisada dava água na boca do pobre Jack a várias centenas de metros.

O Espantalho avançou pelo acampamento e foi falar com o cozinheiro, que estava servindo guisado e batatas aos soldados numa fila muito alinhada, de pratos na mão. — Quero ser soldado — anunciou o Espantalho.

— Ponha-se a andar daqui, cara de nabo!

— Reúno todos os requisitos...

— Vamos, dê o fora!

O Espantalho preparava-se para perder a paciência, de modo que Jack disse:

— Desculpe, senhor, mas quem é o oficial de dia?

— O Coronel Bombardo, ali — respondeu o cozinheiro, apontando com a concha. — Pelo menos, ele é o oficial de comando. O oficial de dia é o sargento.

— Oh, entendido — disse Jack. — Por acaso não poderia me dar uma batata?

— Desapareça! Tire as mãos daí!

Quase uivando de fome, Jack puxou a manga do Espantalho.

— Temos que falar com o oficial — explicou. — Por aqui, amo.

O coronel estava sentado numa cadeira de lona, tentando ler um mapa de pernas para o ar.

— Coronel Bombardo, senhor — dirigiu-se Jack — o meu amo, Lorde Espantalho, quer entrar para o seu exército. É um bom combatente e...

— Lorde Espantalho? — trovejou o coronel. — Conheci a sua mãe. Que excelente mulher. Bem-vindo, Espantalho. Vá falar com o sargento ali. Ele tratará de tu-do.

— Ele conheceu a minha mãe! — murmurou o Espantalho, extasiado. — Mas se nem eu mesmo conheci a minha mãe. Como ele é inteligente! Que herói!

O sargento era um homenzinho magro com um rosto enrugado que parecia já ter visto tudo o que havia para ver mais do que uma vez.

— Sargento — disse Jack —, este é Lorde Espantalho. O Coronel Bombardo mandou-nos entrar para o regimento. — Lorde Espantalho, hein? — comentou o sargento. — Muito bem, sua senhoria vai ter que se submeter a um exame antes de entrar para o regimento.

Jack pensou: *Graças a Deus! Assim que perceberem que ele é um totó, nos colocam para fora daqui. Mas como eu gostaria de comer um pouco daquele guisado...*

O Espantalho já estava sentado, com um tambor à sua frente para poder escrever. Olhou para o papel com as perguntas, pegou o lápis, e começou a encher a página com um garrancho enérgico.

— Que tipo de perguntas são? — inquiriu Jack.

— De balística, navegação, fortificação, táticas e estratégia — disse o sargento.

— Oh, ainda bem. Por acaso eu não poderia comer alguma coisinha?

— O que acha que isto é? A sopa dos pobres? Isto é um exército em marcha. Afinal, quem é você?

— Sou o criado particular de Lorde Espantalho.

— Criado? Essa é boa. Os soldados não têm criados.

— O Coronel Bombardo tem um criado — disse Jack, olhando com inveja para o coronel, que estava sentado com vários outros oficiais a uma mesa no exterior de sua tenda, atacando guisado e pudim de maçã, enquanto um criado servia vinho.

— Bem, ele é oficial — respondeu o sargento. — Se não tivessem criados, alguns deles não seriam capazes de vestir as próprias calças.

— Eles comem até se fartar — observou Jack.

— Oh, é para poderem gritar alto — explicou o sargento, rabiscando num pedaço de papel. — Vá, leve esta autorização ao cozinheiro.

— Obrigado! Obrigado! — disse Jack e foi correndo até o cozinheiro, bem a tempo de ver o último soldado da fila afastar-se com uma pratada.

O cozinheiro inspecionou a autorização.

— Teve azar — afirmou. — Não resta nada.

Mostrou a Jack a panela de guisado vazia. Jack sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos, mas o cozinheiro piscou-lhe o olho e disse: — Nada daquela porcaria, certo? Enfie-se aqui embaixo e vou te dar uma comida decente preparada pelo Corpo de Fornecimento de Refeições.

Jack entrou rapidamente na carroça, e não tardou a estar sentado à mesa com o cozinheiro e os seus dois ajudantes, a comer carne de vaca estufada *a la bourguignonne*, que estava quente, era suculenta, levemente apimentada e tinha umas coisinhas pequenas tipo cebolas, muito molho, batatinhas novas, salsa e hortelã-pimenta. Jack achou que estava no céu.

Não abriu a boca até ter terminado três grandes pratadas.

— Obrigado! — disse por fim. — Posso levar um pouco para o meu amo?

— Ele está almoçando com o coronel — informou o cozinheiro. — Enquanto estava devorando aquilo, rece-bemos uma mensagem para enviar outra refeição de oficial. Sendo assim, vai entrar para o regimento?

— Bem, Lorde Espantalho estava fazendo o exame — informou Jack —, mas não creio que tenha conseguido passar. É melhor eu ir ver.

— Não tenha pressa — disse o cozinheiro. — Ainda vão ficar ali um bom bocado, com o brande e os charu-tos.

— Charutos? — inquiriu Jack, alarmado, pensando na palha do Espantalho.

— Não se preocupe. Há um balde com água para apagá-los se atea-rem fogo a si mesmos.

— O regimento pensa em tudo — observou Jack.

— Oh, ser soldado é uma vida rica.

Jack começou a achar que talvez fosse afinal. Agradeceu novamente aos cozinheiros, e foi falar com o sargento, que estava aparando as unhas com uma baioneta.

— Que tal se saiu Lorde Espantalho no exame? — indagou.

— Respondeu errado a todas as perguntas. Não sabe nada de nada.

— Sendo assim, ele não vai poder ser soldado? — perguntou Jack, aliviado.

— Nem soldado raso, nem sargento, nem daqui a cem anos. Não é suficientemente inteligente. Vai ser oficial.

— O quê?

— O Capitão Espantalho está almoçando com os seus colegas oficiais. Vai ter que lhe arranjar um cavalo, engraxar suas botas, lavar seu uniforme, mantê-lo elegante, e pela amostra junto, vai ter aqui um trabalhão.

— Mas ele não sabe comandar soldados!

— Nenhum deles sabe. Foi para isso que inventaram os sargentos. É melhor ir arranjar-lhe um uniforme.

O oficial de distribuição está naquela carroça ali adiante.

Jack explicou ao oficial de distribuição que precisava de um uniforme de capitão. O oficial de distribuição colocou um conjunto de roupas e botas em cima do balcão.

Jack pegou-as, mas o oficial de distribuição disse: — Espere. Ele vai precisar também de uma espada, se é oficial. E de uma barretina. E de uma pistola.

A barretina era o barrete alto que os oficiais usavam. Tinha uma pluma branca, e uma pala preta reluzente.

Jack seguia com o coração apertado enquanto se encaminhava para a mesa dos oficiais. Assim que ele vestiu tudo isto, vai querer ser soldado para sempre, pensou.

— Ah, Jack — exclamou o Espantalho todo satisfeito quando os oficiais abandonaram a mesa. — Já soube a maravilhosa novidade? Sou capitão, nem mais, nem menos! Saí-me tão bem no exame que me nomearam logo oficial.

Notou depois no que Jack carregava e o seu nabo iluminou-se com uma expressão de imenso prazer.

— Isso é para mim? Isso é o meu uniforme? Este é o dia mais feliz da minha vida! Nem consigo acreditar!

Jack ajudou o Espantalho a vestir a casaca vermelha e as calças brancas, a calçar as botas pretas brilhantes, a colocar os dois cintos brancos que passavam por cima dos ombros cruzando no peito e outro cinto para segurar as calças, por via das dúvidas. O pobre Espantalho estava transfigurado de alegria.

— Os pássaros que venham se meter comigo agora! — exclamou, brandindo a espada à sua volta. — Aposto que nenhum melro se atreveria a comer meu cérebro se me visse assim!

— Tenha cuidado com essa espada, amo — advertiu Jack. — Na realidade, é só para enfeitar. Agora fique aqui que eu vou lhe arranjar um cavalo.

— Um cavalo? — inquiriu o Espantalho. Deixou que a alegria se escoasse e transparecesse o nervosismo.

— Vou arranjar um que seja manso — disse Jack.

— Não quero que ele me coma, está bem? Quer dizer, você sabe... — disse o Espantalho, mexendo delicadamente na palha que lhe saía da gola.

— Não creio que o amo tenha feno aí — esclareceu Jack —, apenas palha. Só tem que mostrar quem é que manda. A ele ou a ela.

O ferreiro, que estava encarregado dos cavalos, encontrava-se ocupado a colocar ferraduras numa égua cinzenta velha e dócil chamada *Betsy*. Disse que ela seria ideal para um cavaleiro inexperiente.

— O Capitão Espantalho é um bom combatente — disse Jack. — Lutou contra salteadores, atores e tudo mais. Mas nunca montou propriamente.

— Não é difícil. Sacudir as rédeas para fazê-la andar, puxá-las para trás para ela parar.

— E como é para virar para a esquerda e para a direita?

— Deixe isso com ela. Você disse atores? — perguntou o ferreiro.

— Sim, lutou com três ao mesmo tempo. No palco.

— Não me diga!

— Sim, é a pura verdade — confirmou Jack, conduzindo *Betsy* até o Capitão Espantalho.

— Ele é muito grande — disse o Espantalho, em tom de dúvida, quando a viu.

— Ele é uma ela. Chama-se *Betsy*. Está prontinha para cavalgar. Coloque o pé no estribo... assim... que eu ajudo.

Experimentaram três vezes. Da primeira, o Espantalho passou diretamente por cima e desceu pelo outro lado, aterrissando sobre o nabo e amassando a barretina.

Da segunda, conseguiu ficar lá em cima, mas virado ao contrário. A terceira aguentou-se na sela, virado para a frente, mas perdera a barretina e largara a espada, e o guarda-chuva se abrira no meio da confusão.

— Aguarde-se aí, amo, que eu vou apanhar as coisas — pediu Jack.

Pegou a espada e a barretina, e não tardou que o Espantalho ficasse com um ar muito inchado e marcial.

Em volta deles, o regimento levantava acampamento, pronto para continuar, e logo a seguir os tambores começaram a rufar e o sargento deu a ordem de marcha.

A velha *Betsy* arrebitou as orelhas e começou a avançar.

— Socorro! — gritou o Espantalho, oscilando furiosamente.

— Olhe, amo — disse Jack —, quer dizer Capitão, senhor. Estou segurando as rédeas. Ela não andará mais depressa enquanto eu estiver aqui.

E lá se foram seguindo atrás da coluna de soldados em marcha e das carroças e dos cavalos, a velha *Betsy* mantendo um passo constante e o Espantalho agarrado à sela com ambas as mãos.

Passado pouco tempo disse: — A propósito, para onde vamos, Jack?

— Não sei, amo. Quer dizer Capitão, senhor.

— Vamos lutar contra o Duque de Brunswick! — anunciou outro oficial, um major, que seguia ao lado.

— É mesmo? — perguntou o Espantalho. — E que tipo de pássaro ele é? Um dos grandes, espero?

— Efetivamente assim o espero — disse o major.

— Ele também tem um regimento? — inquiriu Jack.

— Oh, dúzias.

— Mas nós somos apenas um!

— Ah, o exército do Rei da Sardenha vem se juntar a nós. — Nesse caso, vai haver uma grande batalha?

— Possivelmente.

— E quando é que os vamos enfrentar? — quis saber o Espantalho.

— Não sei. Eles podem atacar a qualquer momento. Emboscar, entende.

O major se afastou a galope.

— Jack — disse o Espantalho. — Esta batalha...

— Sim?

— Acha que posso ficar danificado?

— Sim. Podemos todos.

— Por acaso não me arranjaria umas pernas e uns braços de reserva. Por via das dúvidas, sabe...

— Tenho certeza de que arranjaremos muitas peças sobressalentes, não se preocupe, amo.

— E sabe o que mais? Tinha toda a razão em relação ao meu cérebro — disse o Espantalho em tom tranquilizador. — Não sinto a menor falta.

E continuaram a marchar, em direção à batalha.

Um pouco mais atrás, o Senhor Cercorelli alcançara o astrólogo.

— Aviso-o — dizia-lhe com dureza —, que ler a sina sem licença pode dar origem a uma pena grave. O que sabe sobre este espantalho?

O mago efetuou uma profunda vênia e disse em voz humilde: — Eu apenas tracei seu horóscopo, ilustre, e vi indícios da mais profunda vileza. As perfluminações planetárias...

— Não me faça perder tempo com essas tolices, senão obrigo-o a comparecer perante o magistrado. O que foi que ele disse, e para onde foi?

— Ele disse que ia para o Vale da Primavera, ilustre.

— Ah disse? E partiu naquela direção?

— Não, excelência. Exatamente na contrária.

— Ele disse o que ia fazer no Vale da Primavera?

— Sim, meu senhor. Disse que ia fazer fortuna, e depois tomaria conta do Vale da Primavera. As suas próprias palavras! Claro que eu ia apresentar queixa dele assim que chegasse à esquadra mais próxima.

— Naturalmente. Aqui tem o meu cartão. Espero ter notícias suas se voltar a vê-lo, estamos entendidos?

A BATALHA

O Senhor Cercorelli não era a única pessoa à procura do Espantalho. Lá no alto, por cima da região onde o Espantalho e o seu criado tinham andado a vagar, um corvo velhinho deslizava no céu azul.

Tinha cem anos, mas os seus olhos continuavam tão penetrantes como sempre haviam sido e, quando viu um grupo de primos seus empoleirados num pinheiro perto do alto de uma montanha, voou imediatamente até lá.

— Avó! — exclamaram eles. — Não a vemos há cinquenta anos. O que andou fazendo?

— Não é da sua conta — respondeu ela. — O que se passa do outro lado do monte? Há primos nossos chegando de todos os lados.

— Os soldados vem aí — explicaram-lhe. — Vai haver uma grande batalha. Os soldados vermelhos vão lutar com os soldados azuis, e os soldados verdes vão chegar amanhã para se juntar a eles. Mas como estão as coisas no Vale da Primavera?

— Mal — disse a Avó Corvo. — E cada vez pior.

Viram por aí um espantalho? Andando?

— Curiosamente, ouvimos um jovem melro se queixar de algo dessa natureza ainda outro dia. Não devia ser permitido, queixou-se ele. Para que quer encontrá-lo?

— Não têm nada a ver com isso. Onde encontraram esse tal melro?

Contaram-lhe, e ela se afastou a voar.



No final daquela tarde, depois de atacar seis fazendas e requisitar toda a sua comida, o regimento acampou à beira de um

rio. Do outro lado do rio havia um imenso prado verde, e era ali que iam combater o exército do Duque de Brunswick no dia seguinte.

Enquanto o Espantalho se reunia com os seus colegas oficiais num debate de alto nível sobre tática e estratégia, Jack foi ajudar os cozinheiros a preparar a refeição da noite.

— É assim que arranjam comida? — perguntou Jack. — Roubam simplesmente dos agricultores?

— É a contribuição deles para a manutenção do exército — explicou o cozinheiro. — Sabe, se não estivéssemos aqui para defendê-los, o Duque de Brunswick viria e levaria tudo.

— Se não fossem vocês, seria ele?

— Exatamente.

— Oh, entendo — disse Jack. — E o que vamos ter para a ceia?

Iam ter lombo de porco assado, e Jack sentou-se para descascar um montão de batatas para acompanhamento. Quando terminou, vagou pelo acampamento e observou tudo.

— Como vamos atravessar para o campo de batalha? — perguntou a um dos artilheiros, que estava lustrando um enorme canhão de latão.

— Há um vau — respondeu o artilheiro. — É só atrelarmos os canhões, levá-los pela água e sair do outro lado. Faremos isso depois do desjejum.

— Onde está o exército do Duque de Brunswick neste momento?

— Oh, vêm a caminho. Só que nós chegamos primeiro, por isso temos o que se chama vantagem tática.

— Mas se ele chegar ao prado antes de nós atravessarmos, será ele a ter vantagem tática.

— Ah, não, você não entende nada — disse o artilheiro. — Agora desapareça, estou ocupado.

Assim, Jack foi observar o rio. Era largo e lamacento, e podia existir um vau, ou talvez não; porque, normalmente, se havia um vau, via-se um trilho ou uma estrada descendo até o rio de um lado e a partir dele do outro. Foi falar então com o ferreiro.

— Não, não há nenhum vau — informou o ferreiro, acendendo o cachimbo com um carvão incandescente preso numa tenaz.

— Nesse caso, como vamos atravessar o rio?

— Por uma ponte. É um grande segredo. Os Sardenhos têm este novo tipo de ponte, uma coisa móvel, tudo engenharia moderna. Quando chegarem, montam a tal ponte num instante.. bem, em cerca de meia hora... e nós atravessamos logo, formamos uma linha de batalha e atacamos o inimigo.

— Oh, entendo. Mas suponhamos que o Duque de Brunswick decida disparar todos os canhões sobre a ponte quando estivermos atravessando?

— Ele não faria isso. Vai contra as regras do ataque. — Mas suponhamos...

— Vamos, rua. Fora daqui. E fique de bico calado sobre a ponte. É um grande segredo, não se esqueça.

Jack decidiu não pensar mais nisso e foi apanhar uns paus, para poder reparar o Espantalho no dia seguinte, se fosse necessário.

Chegada a hora da ceia, ele e os outros criados tiveram que servir os oficiais na tenda deles. O Capitão Espantalho agia com grande cortesia, entretendo os seus vizinhos com uma conversa animada e estimulante, e ia bebendo o vinho como um entendido. A única coisa que correu mal foi quando os oficiais tomaram rapé após a refeição. A forma adequada de fazê-lo era colocar uma pitada nas costas da mão, aspirá-la bruscamente pelo nariz e tentar não espirrar; mas o Espantalho não sabia o que era o rapé, e aspirou demasiada quantidade.

Jack viu o que ia acontecer, e correu com uma toa-lha de chá — mas foi tarde demais. Com uma explosão gigantesca, o Espantalho espirrou tão intensamente que todos os botões do seu uniforme saltaram, o guarda-chuva se abriu de surpresa, e voaram bocados de palha para todo lado. E não ficou por aí; o próprio nabo se soltou, e pendeu-lhe do pescoço como um balão num pau. Se Jack não tivesse estado lá para segurá-lo, podia ter se soltado por completo e rolado pela mesa.

E, mal o Espantalho se recompôs, olhou para Jack, horrorizado.

— Valha-me Deus, que experiência medonha! — exclamou. — Foi o Duque de Brunswick atacando? Houve uma explosão medonha, tenho certeza!

— Apenas uma pitada de pólvora no rapé — disse o Coronel Bombardo. — Melhor do que rapé na pólvora, não? Os canhões estariam espirrando, não disparando. Um espetáculo deplorável.

Naquele momento o sargento entrou e disse que estava na hora de todos os oficiais irem se deitar. Jack ajudou o Espantalho a se recolher à tenda deles.

— Amanhã vai ser um grande dia, Jack! — comentou o Espantalho, enquanto Jack o aconchegava numa cama de campanha.

— Tenho certeza que sim, amo. É melhor eu pregar bem todos aqueles botões para o caso de cheirar pólvora. Boa noite!

— Boa noite, Jack. Você é um excelente criado!

E foram todos dormir.

Quando acordaram, nem sinal dos Sardenhos, mas o exército do Duque de Brunswick aparecera durante a noite e acampara no prado do outro lado do rio. Eram muitos.

— Ele tem um exército enorme — comentou Jack com o cozinheiro, enquanto preparavam o desjejum.

— É tudo fachada — disse o cozinheiro. — Aqueles canhões grandes deles são feitos apenas de papelão. De qualquer forma, os Sardenhos não tardarão a chegar.

Mas os Sardenhos nem sequer apareceram. Enquanto os soldados do Duque de Brunswick alinhavam os seus canhões, apontando exatamente para o outro lado do rio, os oficiais do regimento do Espantalho cavalgavam para cima e para baixo, brandindo as espadas e gritando ordens. Entretanto, o sargento exercitava as tropas. Fez com que marchassem ao longo da margem do rio e depois as obrigou a dar meia volta e marchar no sentido contrário. Não foram muitos os que caíram nessa.

E, enquanto o faziam, os artilheiros iam alinhando os canhões uns atrás dos outros para atravessarem a famosa ponte secreta que os Sardenhos iam trazer. Os soldados do Duque de Brunswick olhavam constantemente para eles e apontavam e riam.

— Não irão rir quando os Sardenhos chegarem — disse o artilheiro-mor.

Mas nem sinal dos Sardenhos. Finalmente, perto da hora do lanche, apareceu um mensageiro a galope com notícias chocantes. Jack encontrava-se perto, e ouviu o sargento contar tudo ao Coronel Bombardo.

— A mensagem é do Rei da Sardenha, senhor — disse o mensageiro. — Ele mudou de ideia, e vai unir as suas forças às do Duque de Brunswick.

— Não é possível! O que acha que deveríamos fazer, Sargento?

— Fugir, senhor.

— É exatamente isso que ele está esperando, se quer saber a minha opinião. Faremos exatamente o contrário: iremos atravessar o vau e, antes que o Duque de Brunswick saiba de que terra é, vamos lhe dar uma boa surra! — Muito bem, senhor. Agora este vau, senhor...

— Sim?

— Onde fica, senhor?

— No rio, Sargento. Ali mesmo.

— Tem toda a razão. Nesse caso, o senhor vai na frente, não vai, para indicar o caminho?

— Acha que deveria?

— É o normal, senhor.

— Nesse caso, ao ataque!

E o Coronel Bombardo fez galopar o seu cavalo pela margem e na direção da água, e desapareceu de imediato. Mais ninguém se mexeu.

Isto é, ninguém exceto Jack. Viu o Espantalho olhando com muito interesse para o rio, no lugar onde a barretina do Coronel Bombardo acabava de vir à superfície; e desatou a correr por entre todas as fileiras de soldados, passou pelos canhões e agarrou as rédeas de *Betsy*.

E ainda bem que o fez, porque nesse exato momento, partiu uma horrível descarga do exército do Duque de Brunswick do outro lado do rio, e quase de imediato partiu outra exatamente da direção contrária: por trás deles.

— São os Sardenhos! — exclamou alguém.

E depois havia canhões disparando por todo o lugar. O regimento estava aprisionado na margem do rio, com os Sardenhos por trás deles e o exército do Duque de Brunswick do outro lado, e não existia vau nenhum.

O ar encheu-se de fumo de pólvora, e ninguém conseguia ver nada. Os soldados berravam, gritavam e corriam em todas as direções; as balas cortavam o ar vindas de todos os lados; as balas dos canhões destruíam as tendas e as carroças; e o Espantalho brandia a espada e bradava: — Ao ataque!

Felizmente ninguém ligou para ele.

Uma bala de canhão perdida passou então rente aos flancos de *Betsy*, pregando-lhe um enorme susto e levando atrás um bocado das calças do Espantalho.

— Alto! Socorro! — exclamou o Espantalho.

— Está tudo bem, amo, aguarde firme — disse Jack. E a seguir, uma bala furou a cabeça do Espantalho, espalhando pedaços de nabo por todo o lado.

— Ao ataque! — gritou de novo o Espantalho, brandindo a espada com tanta fúria que Jack receou que ele pudesse cortar a cabeça de *Betsy* por engano; mas depois veio outra bala e fez a espada saltar de sua mão com um sonoro *clang*.

— Vejam só o que fizeram! — bradou o Espantalho. Desceu do dorso de *Betsy* e, preparava-se para correr direto para os soldados mais próximos e entrar no combate, quando Jack o viu parar de repente e espreitar dentro de um arbusto.

— O que foi, amo? — perguntou. — Olhe, não pode ficar parado aqui... é perigoso...

Mas o Espantalho ignorou-o. Remexia entre as folhas, e depois, muito cuidadosamente, retirou um ninho.

Lá dentro havia um pisco, muito assustado.

— Isto é absolutamente intolerável — dizia-lhe o Espantalho. — Minha senhora, apresento-lhe as minhas desculpas em nome do regimento. Não faz parte das obrigações de um soldado assustar uma mãe e os seus ovos. Compete-lhe prestar cuidados e proteção aos fracos e indefesos! Agarre-se bem, minha senhora, e removê-la-ei de imediato para um local seguro.

Enfiando o ninho na casaca, o Espantalho afastou-se. Houve uma breve pausa quando uma bala perdida lhe fez saltar a perna e ele teve que se apoiar no braço de Jack, mas devagarinho, conseguiram abandonar o campo de batalha. Por toda a sua volta, soldados de uniformes vermelhos lutavam com soldados de uniformes azuis, brandindo espadas, disparando pistolas e mosquetes; e depois apareceram também alguns soldados de uniformes verdes.

O ruído das explosões, os gemidos e os gritos, os disparos dos mosquetes, o zunir das balas e o crepitar das chamas eram medonhos, e as coisas que Jack viu acontecer foram tão horríveis que se limitou a fechar os olhos e continuar a avançar aos tropeções, conduzindo *Betsy* com uma mão e segurando o Espantalho com a outra, até o pior do barulho ter sumido atrás deles.

Havia ali perto um arbusto, e antes de fazer o que fosse, o Espantalho retirou o ninho do bolso, com o pisco ainda lá dentro, e colocou-o delicadamente entre as folhas.

— Pronto, minha senhora — disse cortesmente —, com os cumprimentos do regimento.

Depois caiu.

Jack ajudou-o a levantar, enfiando lá dentro a palha que saía por todo o lado.

— Que batalha! — disse o Espantalho. — Bang, crash, zzzz!

— Veja bem o seu estado — disse Jack. — Está cheio de buracos de bala, só tem uma perna e parte do seu nabo desapareceu. Vou ter que arrumá-lo.. está gravemente ferido.

— Não creio que haja alguém mais ferido do que eu — afirmou o Espantalho com orgulho.

— Só se estiver morto. Agora fique quieto.

Jack tirou um bom pau forte do molho de peças sobressalentes que amarrara à sela de *Betsy* antes da batalha começar. Enfiou-o dentro do que restava da perna das calças do Espantalho. Este pôs-se imediatamente de pé num salto.

— Vamos voltar para a batalha! — anunciou. — Quero ganhar uma medalha, Jack, esse é o meu mais caro desejo. Não me

importava de perder todas as pernas, os braços, a cabeça e tudo, se ao menos pudesse ter uma medalha.

Jack estava ocupado amarrando o resto dos paus para fazer uma jangada.

— Bem, amo — disse —, se aparecesse na fazenda sem pernas nem braços nem cabeça, mas com uma medalha brilhando no peito, não creio que a vassoura conseguiria resistir.

— Nem me lembre disso, Jack! O meu coração está destruído! No entusiasmo da batalha quase a esqueci... Oh! Oh! Amava-a tanto!

Enquanto o Espantalho se lamentava, Jack deu uma cenoura a *Betsy*.

— Vamos, velhota, agora pode cuidar de si mesma — e *Betsy* afastou-se e desapareceu nos arbustos.

— Agora venha comigo, amo — prosseguiu Jack, terminando a jangada —, porque temos uma missão secreta. É muito importante, por isso fique de bico calado, pode ser?

— Chiu! — disse o Espantalho. — Nem uma palavra. E Jack empurrou a jangada para a água, e ele e o Espantalho saltaram para bordo; e passados alguns minutos, flutuavam rio abaixo, com o som da batalha e os gritos dos soldados feridos a desaparecer rapidamente atrás deles.

À DERIVA

Enquanto o Espantalho e o seu criado desciam o rio, tiveram lugar duas conversas importantes.

A primeira decorreu na margem do rio, onde o Senhor Cercorelli falava com o sargento do regimento do Espantalho no meio dos destroços do campo de batalha.

— A última vez que o vi, senhor, lançava-se na batalha com toda a gana — contou-lhe o sargento. — Fez uma excelente figura como oficial.

— Oficial, é?

— O Capitão Espantalho era um dos oficiais mais galantes que já vi. Destemido, pode-se dizer. Ou então, pode-se dizer tapado como uma porta. Mas cumpriu o seu dever para com o regimento.

— E sobreviveu à batalha?

— Isso não sei dizer, senhor. Não o vejo desde então.

O Senhor Cercorelli olhou para a devastação a toda a volta. — A propósito — perguntou —, quem venceu?

— O Duque de Brunswick, senhor, de acordo com o jornal da manhã. Daqui, é muito difícil dizer. O que nos prejudicou foi o Rei da Sardenha ter mudado de partido na última hora.

O advogado tomou nota mentalmente para congratular os seus clientes. A Companhia Buffaloni possuía interesses significativos na Sardenha; sem dúvida teriam recordado isso ao Rei.

— Mas atenção — prosseguiu o sargento —, temos uma batalha de desforra para o mês que vem.

— Oh, sério?

— Sim, senhor. E da próxima vez será diferente, porque o Rei de Nápoles vai estar ao nosso lado.

O advogado tomou nota mentalmente para referi-lo também aos seus clientes.

— Se tiver mais notícias do Capitão Espantalho — disse —, aqui está o meu cartão. Bom dia.

A outra conversa decorreu através de uma janela numa pequena casa de fazenda.

— Hei! Vocês! — chamou a Avó Corvo, empoleirando-se entre os gerânios na floreira da janela.

Um casal de velhotes estava sentado à mesa, embrulhando a louça em jornal e guardando-a numa caixa de papelão. Levantaram a cabeça, de espanto.

— Olhe — disse o velhote à mulher —, é o animal de estimação do velho Cario, aquele que tinha fugido!

A Avó Corvo deu um estalido de impaciência com o bico. — Sim, sou eu — disse ela —, apesar de vocês terem entendido tudo ao contrário. *Ele* era o meu animal de estimação. E eu não fugi, fui à procura de um médico, só que cheguei tarde demais. Agora parem de ficar embasbacados como duas armadilhas para moscas e prestem atenção.

— Mas você está falando! — exclamou a velhota.

— Sim. Isto é uma emergência.

— Oh — disse o velhote, engolindo em seco. — Diga lá, então.

— Não muito antes do velho Cario morrer — disse a Avó Corvo —, ele pediu aos dois que fossem fazer algo por ele. Lembra-se do que foi?

— Bem, sim — respondeu a velhota. — Ele nos pediu que assinássemos um papel.

— E fizeram-no?

— Sim — disse o velhote.

— Muito bem — comentou a Avó Corvo. Depois deu um novo estalido com o bico e olhou para a mesa. — O que estão fazendo com essa louça? — inquiriu.

— Empacotando — retorquiu a velhota. — Desde que a fábrica Buffaloni abriu, a nossa nascente secou. Não podemos continuar vivendo aqui. Eles estão ocupando tudo, os Buffalonis. Já não é como antes. O pobre velho Cario livrou-se de boa, pelo visto.

— Bem, querem enfrentar os Buffalonis, ou desistir?

— Desistir — disse o velhote.

— Enfrentá-los — disse a velhota ao mesmo tempo.

— Dois a um — disse a Avó Corvo, olhando para o velhote com ar muito severo. — Ganhamos nós. Agora ouçam-me, e façam o que eu vou dizer.

Quando Jack acordou, a jangada continuava a flutuar rapidamente, juntamente com inúmeros ramos partidos, capoeiras destruídas, um ou dois cães mortos e mais outras coisas. A água estava lamacenta e turva, o sol descia num céu quente, e o Espantalho estava placidamente sentado olhando as margens distantes passarem.

— Amo! Por que não me acordou antes de chegarmos a este ponto do rio?

— Oh, estávamos progredindo maravilhosamente, Jack. Nem ia acreditar que chegamos tão longe!

— Não creio, porém, que vá nos levar ao Vale da Primavera — retrucou Jack, levantando-se e protegendo a vista para olhar ao longe.

Não tardou que deixasse de avistar as margens, e a água, quando mergulhou a mão nela, veio salgada demais para poder bebê-la.

— Amo — disse —, estamos seguindo para o mar! Acho que a terra já ficou para trás!

O Espantalho ficou admirado.

— Assim, sem mais nem menos? — perguntou. — Não temos que pagar portagem, nem nada? Que inteligente! Nunca me ocorreu ir para o mar. Isto vai ser muito interessante.

— É claro que vai, amo — respondeu Jack. — Não sabemos se nos afogamos antes de morrermos de fome, ou se morremos de fome antes de nos afogarmos. Ou morremos de sede, talvez. Vai ser interessante descobrir.

Mais valia termos sido desfeitos por balas de canhão, se quer saber o que penso.

— Ora, ora, está se esquecendo do homem da caravana mágica, Jack! Fama e glória, lembre-se!

— Acho que já as tivemos, amo. Agora vamos a caminho do perigo e do sofrimento.

— Mas acaba em triunfo e felicidade!

Jack estava tão aborrecido que nem lhe teve vontade de responder. Ficou sentado na beira da jangada e olhou macambúzio à sua volta. Não se avistava terra nenhuma, e o sol queimava como uma fornalha no céu ardente.

O Espantalho viu a infelicidade dele e disse: — Anime-se, Jack! Tenho certeza que o sucesso está virando a esquina.

— Estamos no mar, amo. Aqui não há esquinas.

— Hmm — comentou o Espantalho. — Acho que vou perscrutar o horizonte.

E então, Jack agarrou-se às pernas do amo e o Espantalho agarrou-se à cabeça de Jack, e espreitou para este lado e para aquele, protegendo os olhos com o guarda-chuva, mas não havia nada para ver a não ser água e mais água.

— Que monotonia — disse o Espantalho, um pouco decepcionado. — Não há sequer uma gaivota para afugentar.

— No entanto, não me agrada o aspecto daquelas nuvens — disse Jack, apontando para o horizonte. — Acho que vamos ter tempestade. Bem, não nos faltava mais nada mesmo.

As nuvens foram ficando mais altas, maiores e mais negras enquanto observavam, e não tardou a levantar-se um forte vento que fez a água subir e descer de uma forma muito desagradável.

— Uma tempestade no mar, Jack! — exclamou o Espantalho, cheio de ansiedade. — Isto vai ser um nobre espetáculo. As imponentes forças da natureza desabarão sobre as nossas cabeças. Ali... está vendo?

Houve um relâmpago, e escassos segundos depois, o maior ribombar de trovão que Jack alguma vez ouvira.

E depois veio a chuva. As pesadas gotas caíam com a rapidez de balas e quase com igual intensidade.

— Não ligue, meu rapaz — gritou o Espantalho acima do barulho. — Vamos... abrigue-se debaixo do meu guarda-chuva!

— Não, amo! Abaixei-o, pelo amor de Deus! Seremos atingidos por um raio, e vai ser o nosso fim!

Agarraram-se então um ao outro na frágil jangada, com as ondas a ficarem cada vez maiores e mais violentas, o céu mais carregado,

a trovoada mais perto, e o vento a soprar com maior intensidade a cada minuto.

E depois Jack sentiu os paus da jangada começarem a se soltar.

— Amo! Agarre-se! Não se solte! — gritou.

— Isto é excitante, Jack! Buum! Crach! Uuch! Spla-ch! Depois, a maior onda que já se viu os varreu, e a jangada se desfez por completo.

— Oh não... está se partindo... Socorro! Socorro!

Jack e o Espantalho caíram na água, entre os paus soltos e pedaços de corda que eram tudo o que restava da jangada.

— Amo! Socorro! Não sei nadar!

— Não se preocupe, meu rapaz. Eu sei boiar. Pode se agarrar a mim! Não o deixarei se afogar.

Jack nem se atreveu a abrir a boca para não engolir mais mar. Mortalmente aterrorizado, agarrou-se ao amo, enquanto as ondas o arremessavam para cá e para lá.

Não fez ideia de quanto tempo boiaram, mas a tempestade acabou passando; as ondas se acalmaram, as nuvens se afastaram e o sol apareceu. Jack tremia com o esforço de se agarrar bem, e sentia-se fraco da fome e da sede, e ainda muito assustado; por isso, quando o Espantalho disse algo, teve que responder: — O que foi, amo? Não ouvi.

— Eu disse que estou vendo uma árvore, Jack.

— O quê? Onde?

O Espantalho virou-se um pouco na água e levantou-se. Jack estava surpreso demais e deixou-se ficar ali a olhar para cima, enquanto o amo se debruçava sobre ele, sacudindo a água das suas roupas e apontando lá para a frente. Depois Jack percebeu que já não boiava. Na verdade, estava deitado em água muito rasa à beira de uma praia.

— Estamos salvos! — exclamou. — Não nos afogamos! Ainda estamos vivos!

Pôs-se de pé e saltou para a praia, cheio de alegria.

Não importava que sentisse frio, molhado e com fome; nada disso tinha qualquer importância. Estava vivo!

O Espantalho seguia na frente dele, inspecionando tudo com enorme interesse. A árvore que avistara era uma palmeira, com um coco solitário pendendo alto entre as folhas e, como veio Jack a descobrir ao reunir-se ao amo, era a única árvore à vista.

— Estamos numa ilha tropical — anunciou. — Naufragamos!

— Bem, Jack — disse o Espantalho —, o que será que vamos encontrar nesta ilha? Sabe, com frequência as pessoas encontram arcas enterradas cheias de tesouros.

Acho que deveríamos começar a cavar imediatamente.

— O melhor a fazer seria procurar comida, amo. Não pode comer dobrões nem reais.

O Espantalho olhou a toda a volta. Era efetivamente uma ilha muito pequena; podiam ver de um lado ao outro, e Jack calculou que se caminhasse muito devagar, bastariam dez minutos para dar a volta completa à ilha.

— Nunca desespere — disse-lhe o Espantalho. — Hei de ter alguma ideia.

Jack achou por bem procurar alguma água antes que morresse de sede, de modo que foi até o meio da ilha, embrenhando-se nos arbustos, para procurar algo que beber.

Mas não havia nem riacho, nem lago, nem nada.

Encontrou alguns frutos pequenos, e comeu um para ver se era suculento; mas era tão ácido e amargo que o cuspiu de imediato, apesar de achar que era um desperdício de saliva, porque não tinha nenhuma para dispensar. Observou cada tipo diferente de folha, para o caso de haver uma em forma de taça que contivesse uma gota de orvalho da noite anterior, mas todas as folhas eram ou lisas e descaídas, ou secas e peludas ou finas e espinhosas, e nenhuma delas continha uma única gota de água.

— Oh, não — falou com os seus botões —, agora é que estamos num grande apuro. Este é o maior apuro em que já estivemos. Não há dúvida de que a situação é desesperada.

Em passo lento e desanimado, Jack continuou a sua curta caminhada em volta da ilha. Passados nem cinco minutos, chegou à palmeira do coco. Tentou subir pelo tronco, mas não havia ramos

para se agarrar; tentou atirar pedras no coco, mas estava muito alto; experimentou sacudir o tronco, mas ele nem se mexeu.

Veio para a sombra e deitou-se, sentindo-se tão esfomeado, infeliz e assustado que começou a chorar. Percebeu que soluçava, e não conseguia parar, e compreendeu que, apesar de chorar em parte por si, chorava também em parte pelo pobre Espantalho, porque o seu amo não iria entender nada de nada quando encontrasse o criado ali estendido morto e transformado em esqueleto; não saberia o que fazer, ficaria extremamente aflito; e sem ninguém para cuidar dele, andaria para sempre a vaguear pela ilha até acabar caindo aos pedaços.

— Oh, Jack, Jack, meu caro rapaz! — ouviu e sentiu dois toscos braços de madeira envolvê-lo. — Não se aflija! Não se esqueça, vida e esperança! Vida e esperança!

— Desculpe, amo — respondeu Jack. — Já vou parar. Deu um passeio interessante?

— Oh, sim. Encontrei um arbusto que é tal e qual um peru, e outro arbusto com florzinhas da mesma cor de um ovo de estorninho, e uma pedra exatamente do tamanho de um pato. Sabe, esta ilha está cheia de coisas interessantes. Oh! E encontrei um lugarzinho que se parece muito com o Vale da Primavera, em miniatura.

— O Vale da Primavera, amo? Gostaria de vê-lo.

— Então, siga-me!

O Espantalho conduziu-o a um local perto do meio da ilha, onde o solo se elevava um pouco, e havia algumas rochas despidas acima da superfície. Entre elas via-se uma pequena cavidade verdejante.

— Vê — disse o Espantalho —, a casa da fazenda fica aqui, e ali é o pomar, e acolá é onde crescem as vinhas, e as oliveiras são além, e o riacho corre por aqui...

— Que bonito lugar, amo. No entanto, quem me dera que houvesse aqui um riacho de verdade.

— Nesse caso, só temos que cavar um poço, Jack. Tem que haver água doce aqui embaixo. É o que fazemos no Vale da Primavera.

— Poço... — disse Jack.

— Sim! Um poço. Você cava ali, e eu cavo aqui — explicou o Espantalho, e começou a raspar vigorosamente o solo com um pau seco.

Como não havia nada melhor para fazer, Jack foi também procurar um pau e raspou, espetou e esgaravato a terra. O sol estava quente, e o trabalho deixou-o ainda com mais sede do que quando começara e depois a extremidade do pau ficou presa na aresta de uma rocha grande.

Encontrou uma pedra para enfiar debaixo do pau a fim de poder fazer deslocar a rocha. O Espantalho escarafunchava todo satisfeito lá mais adiante no Vale da Primavera em miniatura, cantarolando, e Jack tentava mover o pau com todas as suas forças.

A rocha grande deslocou-se um pouco. Voltou a fazer pressão e ela deslizou mais um bocado.

Era bastante curiosa para uma rocha. De um lado, tinha um canto perfeitamente quadrado e, do outro, não era sequer de pedra. Era feita de madeira, unida com ferro. Jack sentiu os olhos se arregalarem cada vez mais. O ferro estava enferrujado e a madeira podre, e havia um grande cadeado a mantê-la fechada, que caiu assim que ele a tocou.

Levantou então a tampa.

— Amo! — exclamou. — Um tesouro! Venha ver! O senhor tinha razão!

A arca encontrava-se cheia de moedas, jóias, medalhas, colares, pulseiras, berloques, brincos, anéis, medalhões e todo o tipo de ornamentos de ouro. Transbordaram da tampa da arca e tilintaram ao caírem no solo.

Normalmente, os olhinhos turvos do Espantalho não conseguiam se arregalar, mas pode-se dizer que estavam bastante esbugalhados.

— Bem, é extraordinário, Jack — disse ele.

O Espantalho pegou um brinco e tateou a parte lateral do seu nabo à procura de uma orelha, mas não havia nenhuma. Pegou então num colar e experimentou colocá-lo, mas não lhe passava sequer pelo nabo; então, colocou uma pulseira de ouro no pulso do poste de sinalização, e ela caiu imediatamente. Jack mergulhou as

mãos na arca e encheu-as de moedas e jóias, erguendo-as ao alto e deixando que elas lhe escorregassem por entre os dedos.

— Devemos estar milionários, amo! — comentou.

Mas tinha a boca tão seca que não conseguia falar convenientemente.

— Mesmo assim — proferiu com voz rouca —, preferia ter um pouco de água.

— Verdade, meu rapaz? Já deve haver o suficiente no poço neste momento. Venha ver.

Jack julgou que estivesse alucinando. Pôs-se de pé, correu atrás do Espantalho, e, de fato, no local onde estivera cavando, começara a borbulhar um pequeno riacho.

— Oh, amo! Oh, obrigado! Oh! Oh! Oh!

Jack atirou-se ao solo, mergulhou o rosto na água lamacenta, e bebeu, bebeu, bebeu até a sua barriga não aguentar mais.

O Espantalho observava-o com tranquila satisfação.

— Está vendo — disse. — Nós entendemos de água no Vale da Primavera.

Jack deitou-se, inchado, e deixou que a abençoada sensação de já não sentir sede se infiltrasse nele da cabeça aos pés.

Quando se levantou, a nascente continuava a borbulhar e a água escorria em direção à praia. Não parecia que fosse chegar lá, porque a maior parte dela infiltrava-se logo na terra seca. O Espantalho estava ocupado em algum lugar — Jack ouvia-o cantarolar — e, olhando com atenção para a inclinação da terra e a localização das rochas, Jack arranhou outro pau e começou a escavar.

— O que está fazendo, Jack? — perguntou de longe o Espantalho.

— Estou fazendo um reservatório, amo. O que o senhor está fazendo?

— Separando o tesouro — chegou-lhe a resposta.

— Boa ideia.

Então, Jack continuou a escavar até haver um buraco com a profundidade do seu braço e mais ou menos o mesmo tamanho de largura, e bateu a terra alisando-a e calcando-a em todo o interior. A

seguir, abriu uma vala no solo, e conduziu a água da nascente até o seu novo buraco. O Espantalho veio observar.

— Vê, amo, mal a água chegue ali dentro, toda a lama irá assentar no fundo e voltará a ser agradável beber de lá — explicou Jack.

— Excelente! — exclamou o Espantalho. — Que esplêndida obra de engenharia civil, Jack.

Jack abriu outra vala do lado de lá, para que a água escorresse mal o reservatório ficasse cheio. Ficaram olhando o buraco encher.

— Agora venha ver o que eu fiz! — anunciou o Espantalho, todo orgulhoso.

Construíra uma pequena gruta com algumas pedras e lama, e colara diamantes, pérolas, rubis e esmeraldas por toda ela com uma goma pegajosa de um arbusto. Traçara um padrão bonito no solo com algumas moedas de ouro, e outro padrão com as de prata, e depois criara umas árvores com pedaços de paus e colocara os colares sobre elas como pingentes de gelo.

— Está lindo, amo — comentou Jack.

— E ainda nem comecei a analisar as figuras nas moedas. Oh, há aqui alimento sem fim para a mente, Jack!

— Alimento...

Jack olhou com desejo para a palmeira do coco, mas este continuava pendurado lá no alto no meio das folhas, como se escarnecesse dele. Procurou abstrair-se dele. Pelo menos tinha o que beber.

Então, enquanto o Espantalho trabalhava na sua gruta, Jack veio até a praia e andou de um lado para o outro, à procura de algum peixe para apanhar. Mas não se via peixe algum. Começava a se sentir um pouco louco de fome.

— Talvez pudesse comer um dos meus dedos dos pés — disse para si mesmo. — Na realidade, não me faria falta, se fosse um pequenino. Mas não haveria carne suficiente apenas num. Precisaria de um pé inteiro, ou dois, talvez.

Caminhou para cima e para baixo à beira-mar, mergulhado no seu infortúnio. A meio da tarde, foi ao reservatório para beber mais um pouco, e o Espantalho mostrou-lhe a gruta, com enorme

orgulho, chamando a atenção para todos os aspectos arquitetônicos e decorativos.

— Olhe, Jack! O que acha? Vê como dispus as pedras, com todas as claras aqui e todas as escuras ali? Acho que agora vou procurar umas conchas, para colar em volta da extremidade. Mas Jack... o que se passa, meu rapaz?

— Peço desculpas, amo. Tentei não me entregar ao desespero, mas estou morrendo de fome, acho que o que está construindo ali deve ser a minha sepultura, e por sinal é bem bonita, mas não quero morrer de fome... não sei o que fazer, amo, sinceramente não sei...

E o pobre Jack sentou-se no chão, fraco demais para se aguentar de pé. Dali a pouco, o Espantalho estava ajoelhado junto dele.

— Jack, Jack, onde é que eu estava com a cabeça?!

Se aquele maldito melro não tivesse roubado meu cérebro, podia ter feito uma sopa de ervilha. Porém, dadas as circunstâncias, o resto da minha cabeça está à sua inteira disposição, meu caro criado. Pode cortar uma fatia do meu nabo, e banquetear-se à vontade!

Então Jack levantou-se e, não querendo ferir os sentimentos do Espantalho, pegou o canivete e tentou arranjar um lugar de onde cortar uma fatia do nabo do amo. Aquilo estava tão maltratado, amassado e seco que já nem era um legume, e tão duro como um pedaço de madeira, mas Jack conseguiu encontrar um pedaço na região da nuca, de onde podia cortar uma pequena fatia, e assim fez, levando-a depois à boca.

— Todo de uma vez não, meu rapaz... vai engasgar — advertiu o Espantalho. — Às dentadinhas, assim é que se come. E beba bastante água.

O nabo era praticamente intragável. Estava seco, lenhoso, era amargo, e custou tanto para mastigar que foram precisos cinco minutos para amolecer e engolir cada dentada.

Mesmo assim, Jack comeu-o, e sentiu até que lhe estava fazendo bem.

Quando terminou, o Espantalho voltara da praia com umas conchas bonitas. Passaram uma hora ou mais a escolhê-las, e depois

colaram-nas no teto da pequena gruta. Escavaram um lago à sua volta, e desviaram para lá água do riacho, o que os manteve ocupados até o pôr-do-sol e, nessa altura, a barriga de Jack estava tão vazia que não parava de emitir pequenos gemidos, e o Espantalho ofereceu-lhe outra fatia de nabo.

Todavia, já não restava quase nada para cortar. O jantar de Jack limitou-se a uns pedaços amargos. E, enquanto se agarrava à barriga vazia e tentava adormecer, o Espantalho andava de um lado para o outro ao luar a encaixar na gruta todas as pedras preciosas, os ornamentos de ouro e as valiosíssimas jóias até ficar perfeita, e brilhar sobre o seu reflexo no minúsculo lago, parecendo destinada à rainha das fadas.

UM CONVITE

Um pouco antes de acordar pela manhã, Jack teve um sonho.

Sonhou que estava exatamente ali deitado na areia, a escutar uma conversa lá em cima no ar. Não conseguia ver quem falava, mas as vozes eram estridentes, como arame farpado velho sendo puxado através de buracos de uma lata.

— Aposto contigo que o pequeno estica as canelas antes do dia acabar — disse uma voz.

— Calculo que o grande já esticou — respondeu outra.

— Não. É um monstro, e esses andam sempre por aqui. —
Fracas colheitas ultimamente, irmão!

— Ouvi dizer que houve uma grande batalha no continente. Dias e dias de banquete, contou o meu primo.

— Já não havia nada quando cheguei lá. Ossos, nada senão ossos.

— A terra está esgotada, irmão. Os soldados continuam a avançar, e sabe-se lá para onde vão?

— Sim, sabe-se lá. Ouviu falar das fábricas que estão construindo no Vale da Primavera? Estão fabricando venenos, irmão, venenos para a terra. Aquele sujeitinho já morreu?

Jack estivera ouvindo no seu sonho e, de repente, com um choque horrível, percebeu que não era um sonho, e que havia dois abutres empoleirados na palmeira diretamente por cima dele.

— Vão-se embora! — conseguiu gritar, numa voz quase tão rouca quanto a deles. — Xô! Fora daqui!

O seu grito acordou o Espantalho, que se pôs imediatamente em pé.

— Deixe isto comigo, Jack! — exclamou. — Isto é trabalho de espantalho!

E soltou um grito arrepiante, abrindo e fechando o guarda-chuva várias vezes. Os abutres, devidamente espantados, estenderam as

asas e afastaram-se lentamente.

— Meu caro criado! — disse o Espantalho, cheio de compaixão, ao virar-se para Jack. — Há quanto tempo aqueles dois patifes estavam empoleirados ali?

— Não sei, amo. Ouvi-os falar e pensei que fosse um sonho. Quem me dera que tivesse sido; eles diziam que eu estava quase morto. Oh, amo, desde que andamos juntos que há gente falando em me comer, e agora as aves também estão interessadas... e quem precisa comer sou eu!

— Tire outra fatia do meu nabo, Jack. Enquanto eu tiver um nabo em cima dos ombros, não lhe faltará alimento, caro rapaz!

Então, Jack foi desbastando até sair outro pedacinho da cabeça do amo, e mastigou-o a custo com muita água. Mas o pobre Espantalho começava agora a ficar em muito pior estado; o canivete de Jack deixara profundos sulcos no nabo, e os pedaços que eram duros demais para cortar espetavam-se como lascas de madeira.

Enquanto Jack estava ali sentado mordiscando a raiz amarga e tentando fazê-la durar um pouco mais, o Espantalho foi inspecionar a gruta. Tinha uma ideia para melhorar a fachada sul, mas ainda não se fora há um minuto quando Jack ouviu um grito furioso.

Pôs-se logo de pé, e correu para ver o que acontecera. Encontrou o Espantalho batendo o pé de fúria e gritando: — Seus demônios voadores! Como se atrevem! Eu arranco seus bicos! Entupo-os de pedras! Meto-os em água fervente! Seus vagabundos, seus assaltantes de casas! Aninhados... aninhados na nossa gruta! Xô! Desapareçam!

— Acalme-se, amo! Pode se machucar — advertiu Jack. — O que se passa?

Pôs-se de joelhos e espreitou para dentro da gruta.

— Credo! — exclamou.

Porque bem no centro havia um ninho, e lá dentro uma avezinha sarapintada. Enquanto Jack espiava, entrou outra avezinha com uma minhoca e deu-a à que estava no ninho, e quando esta se esticou para a minhoca, Jack viu que havia quatro ovos debaixo dela.

Ovos, pensou Jack. Ovos!

— Jack? — avisou o Espantalho atrás de si. — Tenha cuidado... eles atacam os olhos, estes demônios; afaste-se e deixe que eu resolvo o assunto!

As duas avezinhas sarapintadas olhavam para Jack.

Este lambeu os beijos e engoliu em seco. Depois suspirou.

— Acho — afirmou com relutância — que é melhor ficarem aí, visto que têm que cuidar dos ovos.

Elas não disseram nada.

— Jack? — chamou o Espantalho, cheio de ansiedade.

— Está tudo bem, amo — respondeu Jack, levantando-se e sentindo-se tonto, pelo que teve de se agarrar por um momento ao Espantalho. — Estão chocando ovos.

— Ovos, hein? — comentou o Espantalho, em tom austero. — Bem, isto significa, como é óbvio, que as hostilidades estão suspensas até eclodirem. Muito bem — gritou —, vocês que estão aí dentro, em face da sua iminente paternidade, não vou espantá-los. Mas têm que manter tudo limpo, e partir assim que os seus filhotes saiam do ninho.

O macho saiu para fora e empoleirou-se num ramo próximo.

— Bom dia — saudou. — E qual é a sua ocupação? O Espantalho piscou os olhos e coçou o nabo.

— Bem, hum... — começou.

— O Lorde Espantalho dedica-se a negócios agrícolas — disse Jack.

— Que fantástico — disse a ave. — E vêm de muito longe?

— Desde o Vale da Primavera — informou o Espantalho.

— Esplêndido. Muito bem — comentou a ave e afastou-se dali. Jack teve então a certeza de que estava alucinando.

Por sinal, não se sentia nada bem.

— Jack, meu rapaz — afirmou o Espantalho —, poderia pedir-lhe o favor de arrumar meu nabo? Acho que está se soltando.

— Vamos até a praia, amo — sugeriu Jack. — Há muita claridade aqui. Lá teremos um pouco de sombra, debaixo do coqueiro.

Apoiando-se no pau de escavar, Jack avançou por entre os arbustos com o Espantalho segurando o guarda-chuva por cima dele. Estava um calor quase insuportável.

Quando chegaram ao coqueiro, tiveram uma surpresa, porque um bando de pombos levantou voo ruidosamente de lá, fazendo agitar as folhas. E enquanto os pombos se afastavam, o coco caiu na areia com uma pancada surda.

— Oh! Graças a Deus! — exclamou Jack, e correu para apanhá-lo.

Deu-lhe várias voltas, sentindo o leite deslizar para lá e para cá. Pegou o canivete, abriu um buraco no fundo e bebeu cada gota. Na realidade, não havia tanto quanto pensava, e pior, estava ficando rançoso.

— Jack... socorro...

O Espantalho cambaleava e tropeçava na areia, tentando equilibrar o nabo. Mas levava tantas pancadas e golpes que não se aguentava direito e, além disso, como percebeu Jack ao ajudar o amo a sentar-se à sombra, o cabo da vassoura que lhe servia de espinha dorsal estava bastante danificado.

— Valha-me Deus, amo, o seu estado ainda é pior do que o meu — disse Jack. — Pelo menos podemos fazer algo pelo senhor. Deite-se aí, que eu vou retirar sua espinha primeiro, e depois coloco o pau de escavar lá dentro.

— É uma operação perigosa? — perguntou o Espantalho, com voz fraca.

— Nem tanto — disse Jack. — Só não pode se contorcer.

Assim que a nova espinha foi posta, Jack pegou o nabo, mas para seu grande azar, este se desfez por completo. E agora, o que faria? Só havia uma opção.

— Bem, amo — explicou. — Vai ter uma cabeça nova.

Enfiou o coco na extremidade do pau de escavar, e o Espantalho sentou-se de imediato.

Virou a sua cabeça nova de um lado para o outro, e penteou o tufo de pelos eriçados no cocuruto. Curiosamente, porém, as expressões de surpresa, prazer e satisfação que se estamparam no coco eram exatamente iguais às que Jack recordava do nabo. O Espantalho estava igualzinho ao que era; na verdade, tinha até melhor aspecto do que antes.

— Está muito formoso, amo — elogiou Jack.

— Sinto-me formoso! Acho que nunca me senti tão formoso. Jack, meu rapaz, você é um prodígio. Mil vezes obrigado!

Mas as perambulações, o sol escaldante e o leite de coco rançoso no seu estômago vazio foram demais para Jack.

— Posso me sentar debaixo do seu guarda-chuva por um momento, amo? — pediu Jack. — Sinto-me muito quente e tonto.

— Claro!

Então sentaram-se lado a lado por alguns minutos.

Porém, Jack não conseguia se aguentar direito; tombava constantemente de lado e encostava-se ao peito do Espantalho. O amo deixou-o ali descansando até ele adormecer.

E Jack teve mais uma vez um sonho, e ouviu vozes.

Desta vez, porém, uma delas pertencia ao Espantalho, e ele falava baixinho, mas com muita energia: — A sua sorte é o meu criado estar adormecido no meu peito, porque senão eu me levantaria já e o espantaria. Mas não quero acordá-lo. Escolheu bem a ocasião, seu patife!

— Não, não, entendeu tudo errado — disse a outra voz, que era leve e musical e parecia vir de um arbusto próximo. — Tenho uma mensagem para o senhor do Grande Congresso de Todas as Aves.

— O Grande Congresso de Todas as Aves! — exclamou o Espantalho, com profundo escárnio. — Nunca ouvi falar.

— A sua ignorância é lendária — respondeu a ave.

— Bem, muito obrigado. Mas não me parece que consiga me enganar com lisonja. Como não posso me mexer, acho que vou ter que escutar a sua mensagem absurda.

— Assim sendo, passo a lê-la. O Oitenta e Quatro Milésimos Quingentésimo Septuagésimo Oitavo Grande Congresso é por este meio convocado para a Ilha do Coqueiro, que foi o local escolhido por Suas Majestades o Rei e a Rainha de Todas as Aves. O Presidente e o Conselho enviam as suas saudações a Lorde Espantalho, e convidam-no a estar presente como convidado de honra, a fim de receber os agradecimentos do Congresso pela sua dádiva de um Palácio Real, discutir o assunto do Vale da Primavera, e...

— O Vale da Primavera! — exclamou o Espantalho. — Mas o que vem a ser isto?

— Ainda não terminei — esclareceu a ave. — Para discutir o assunto do Vale da Primavera, e constituir como objetivo comum a reposição da ordem e do bom funcionamento da terra, para benefício mútuo. Pronto — concluiu. — É tudo.

— Bem, estou surpreso — disse o Espantalho.

— O Vale da Primavera é um lugar muito importante. E se vão começar a decidir o que fazer com ele, assiste-me o direito de me pronunciar sobre o assunto.

— Mas é exatamente para isso que o estamos convidando!

— Bom, por que não disse logo? Só que, como compreenderá, terei que levar comigo o meu criado.

— Absolutamente fora de questão.

— O quê!

— Ele é um ser humano. Nós, aves, já nos reunimos em congresso centenas de milhares de anos antes dos humanos existirem, e eles só nos trouxeram confusão. O senhor é bem-vindo, como nosso convidado de honra, porque nós não temos medo do senhor, ao passo que temos medo dos humanos. E...

O Espantalho pôs-se de pé.

— Não tem medo de mim? Como se atreve a não ter medo de mim! Estou fortemente decidido a declarar guerra a todo o reino das aves!

E bateu o pé, agitando os braços em fúria.

Jack já não conseguia se manter de olhos fechados.

Sentou-se, pestanejou com a luz do sol escaldante, e a ave mensageira voou para outro arbusto um pouco mais distante.

Jack apressou-se a dizer: — Não, por favor, ouça. Não leve a mal os modos do meu amo. O Lorde Espantalho é muito sensível, os seus nervos parecem cordas de piano. A verdade é que — acrescentou baixinho, virando-se e vendo o Espantalho aos pulos e gesticulando ao longe — ele não pode me dispensar neste momento. É um grande herói, sem a menor dúvida, mas tão inocente quanto um bebê em alguns aspectos. Desde que ficou com o coração destroçado por causa de um cabo de vassoura, tem

andado desesperado, muito desesperado. Até lhe caiu o cérebro. Vou tentar convencê-lo a mudar de ideia.

— É bom que seja rápido — retorquiu a ave, de mau humor.

Semicerrando o olhar por causa da luz forte, Jack atravessou os arbustos a cambalear e foi até a praia. Caiu três vezes antes de o Espantalho vê-lo. O seu amo veio correndo pela areia, a raiva esquecida.

— Jack! Jack! Meu caro, está doente?

— Acho que vou morrer, amo. Acho que vou esticar as canelas. Mas ouça... dei-lhe bons conselhos, não dei? O que lhe disse fez sentido, não fez?

— O melhor sentido do mundo! — respondeu o Espantalho, afetuosamente. — Sem igual!

— Nesse caso, faça o que vou sugerir: agradeça reconhecidamente a esta ave, e vá ao Grande Congresso. E talvez consiga chegar ao Vale da Primavera mesmo sem mim. — Sem você, meu fiel criado?

— Não creio que chegue a vê-lo, amo. Estou acabado, é o que acho.

— Nunca o abandonarei! E pode dizer isso àquele charlatão de crista, sem papas na língua.

Então, o pobre Jack teve de se içar e voltar a cambalear para junto da ave.

— Ele diz que terá o maior prazer em aceitar o seu convite — disse — e apresenta cumprimentos ao Presidente e ao Conselho.

— Sou da mesma opinião — retorquiu a ave.

— Terei... — tentou dizer Jack, mas as palavras mal lhe saíram. — Terei ouvido bem, ou estava sonhando?

Aquelas duas avezinhas sarapintadas que fizeram o ninho na gruta — disse que eram o Rei e a Rainha de todas as aves? — Está correto.

— Oh, ainda bem — observou Jack.

Mas não conseguiu dizer mais nada, porque se sentiu tombar para o lado, e depois deixou de sentir fosse o que fosse.

O GRANDE CONGRESSO

Jack acordou e encontrou-se deitado de costas, a olhar para um céu muito azul. Estava em cima de algo macio e confortável, pelo que pensou, muito naturalmente, que morrera.

Mas os anjos faziam muito barulho. Na verdade, perguntou-se por que motivo São Pedro não aparecera, ou o Espírito Santo, ou quem quer que fosse, para mandá-los parar de discutir. Mais pareciam um enorme bando de aves a grasnar.

Aves!

Sentou-se, esfregou os olhos e observou o que o rodeava.

Estava sentado no meio da ilha, um pouco afastado do reservatório e da gruta-palácio, à sombra de um arbusto cujas folhas e ramos tinham sido todos entrelaçados por cima da sua cabeça.

Alguém se dera ao trabalho de juntar muitas folhas macias para ele se deitar, e bem a seu lado havia uma pilha de frutas, nozes e bagas.

— Comida! Graças a Deus! — exclamou e devorou tudo, sentindo-se logo muito melhor.

E havia aves por todo o lado: águias gigantes descrevendo círculos por cima, garças-reais à beira do reservatório, gralhas andando para cá e para lá, cotovias cantando no céu, flamingos, piscos, gaivotas, íbis de longos bicos curvos, um pelicano e até uma avestruz. Voavam, cantavam, debicavam, lavavam-se, sacudiam as penas, discutiam, cacarejavam, e faziam tamanha barulheira que Jack mal conseguia pensar.

Mas onde estava o Espantalho? Jack levantou-se, cobriu os olhos por causa do sol intenso, e olhou à sua volta. Viu a figura familiar do amo perto da praia, caminhando muito rígido, falando e gesticulando com dúzias de aves que o acompanhavam.

— Bem, diabos me levem — disse Jack com os seus botões, e atravessou os arbustos para ir se informar.

— Jack, ora viva! — exclamou o Espantalho, acenando animadamente. — Finalmente acordou! E como se sente, meu caro criado?

— Bem, não sei, amo — respondeu Jack, encaminhando-se trêmulo para o lugar onde se encontrava o seu amo.

Apesar de as aves não parecerem temer o Espantalho, afastaram-se quando Jack apareceu, e ele e o Espantalho puderam conversar sem que ninguém os escutasse. — Acho que ainda estou vivo — continuou Jack —, e os meus braços e as minhas pernas estão todos funcionando, por isso calculo que esteja bem. Mas o que se passa, amo? De onde vieram as aves?

— Ah. Acontece que de dez em dez anos, o Rei e a Rainha escolhem um local para fazer o ninho e depois convocam todas as aves para o Grande Congresso. Muito simples, sabe; na realidade, é bem primitivo e de acordo com as suas mentes infantis. Mas ficaram tão satisfeitas com o palácio que construímos para elas que se recusaram a ir para outro lugar. Oh, e consegui que o deixassem ficar, e que trouxessem fruta e nozes e tudo isso. Disse que, se não fosse assim, não poderia aceitar a medalha de ouro.

— Vão lhe dar uma medalha de ouro? Isso é maravilhoso, amo!

— Sim, ficaram entusiasmados. Mas olha... estão chamando todo mundo.

No ramo mais alto de um arbusto próximo da gruta-palácio, um tentilhão gritava bem alto. Todas as outras aves interromperam o que estavam fazendo e levantaram voo, pavonearam-se, bambolearam-se, ou planaram no espaço à frente dela e instalaram-se para escutar.

— Aves de todas as espécies! — gritou o tentilhão.

— Gingonas, nadadoras, voadoras e andarilhas! Bem-vindas ao Oitenta e Quatro Milésimos Quingentésimo Septuagésimo Oitavo Congresso de Todas as Aves! Solici-to ao nosso nobre Presidente que declare aberta a sessão e dê as boas-vindas aos nossos convidados.

Um velho pelicano saltou para uma rocha e falou em voz cava e sonora.

— Declaro aberto este Congresso — anunciou. — Temos um assunto muito urgente e importante para discutir. Mas a nossa primeira tarefa é o prazer de anunciar o vencedor da nossa medalha de ouro. Aclamamos muitos distintos laureados no passado, mas poucos cujos feitos fossem tão variados quanto os do nosso convidado de hoje. Sem atender à sua segurança pessoal, escalou uma alta parede de pedra para restituir o filhote do Dr. e da Sra.

Coruja ao ninho dos pais. Em segundo lugar, ignorando o perigo de tumulto e perseguição, libertou cinco pintarroxos, seis pintassilgos e sete melros do seu sórdido e miserável cativo. Em terceiro, no meio de uma batalha mortífera, e correndo enorme risco pessoal, transportou o ninho da Signora Pisco até um local seguro.

Muitas avezinhas olhavam com admiração para o Espantalho, que se encontrava ao lado de Jack com uma expressão de satisfação no coco.

— E por fim, usando os recursos mais extremos da sua perícia arquitetônica, o nosso agraciado com a medalha de ouro construiu um palácio de jóias para Suas Majestades, o nosso Rei e Rainha, nidificarem. Tenho o prazer de comunicar o nascimento de quatro filhotes esta manhã.

Os pais e os filhotes estão todos bem.

As aves manifestaram-se ruidosamente. Diversas levantaram voo e deram voltas de satisfação antes de pousarem de novo.

O tentilhão pediu silêncio. Todas as aves voltaram a se silenciar, e depois ele disse: — Convido agora o Lorde Espantalho para vir receber a medalha de ouro e dizer algumas palavras.

O Espantalho deslocou-se com enorme dignidade por entre as filas de aves na assistência e colocou-se ao lado do Presidente, enquanto quatro colibris lhe sobrevoaram a cabeça e largaram uma fita escarlate muito cuidadosamente à volta do pescoço dele. A medalha que dela pendia brilhava orgulhosamente no seu peito esfarrapado.

O Espantalho pigarreou e começou: — Majestades! Senhor Presidente! Aves de todas as espécies e qualidades!

Todos se calaram. Jack fez figas.

— É com enorme prazer — prosseguiu o Espantalho — que me encontro hoje aqui para receber esta homenagem. É verdade que no passado podemos ter tido as nossas divergências; alguns de vocês podem ter roubado...

O Presidente tossiu em tom reprovador e afirmou: — Não consideramos roubo, Lorde Espantalho.

Por favor limite-se a tecer comentários gerais de natureza amigável.

— Oh, está tentando me censurar, é? — protestou o Espantalho, irritando-se. — Devo dizer que é típico.

Venho aqui imbuído de um espírito de amizade para lhes dar a honra de aceitar esta reles ninharia, e tratam-me co-mo... As aves grassavam de indignação, levantavam as asas e abanavam as cabeças. O Presidente bateu sonora-mente o bico para impor silêncio, e disse: — Reles ninharia? Como se atreve! Nunca ouvi tamanha insolência!

O Espantalho estava prestes a perder a calma. Só havia uma coisa a fazer.

— Desculpem — gritou Jack —, desculpem, Majestades, Senhor Presidente, Lorde Espantalho e todos, creio haver aqui um ligeiro problema de tradução.

— Mas estamos falando a mesma língua! — protestou o Presidente. — Não há qualquer dúvida em relação ao insulto monstruoso e imperdoável que esta coisa acaba de proferir. Qualquer dúvida mesmo!

— Coisa, senhor? Me chamou de coisa? — insurgiu-se o Espantalho, e o seu guarda-chuva abriu-se e fechou-se num acesso de cólera.

— Bem, como vêem, é exatamente a isto que me refiro — disse Jack, avançando cuidadosamente por entre as filas de aves. — Senhor Presidente, é óbvio para mim que estão falando em línguas diferentes. O senhor está falando Ave, que é uma língua nobre e rica, digna da grande nação de heróis com penas que a falam, e o Lorde Espantalho está falando Coco, que é uma língua sutil e misteriosa, cheia de sabedoria e música. Por isso, se me derem licença de traduzir...

— E quem é você? Um ser humano. O que faz aqui? — exigiu saber o Presidente.

— Eu, senhor? O meu nome é Jack, senhor, apenas um garoto, é certo, não mais do que um modesto criado, senhor. Mas ofereço humildemente os meus serviços, neste momento tão crítico dos assuntos mundiais, no interesse da paz e da harmonia. Por isso, se me der licença que transmita a Lorde Espantalho as suas palavras, e o informe do que ele está dizendo, tenho certeza de que este Congresso prosseguirá satisfatoriamente.

— Hum — resfolegou o Presidente. — Bem, pode começar por dizer que, a menos que o Lorde Espantalho peça desculpas por aquele insulto intolerável, não teremos outra alternativa senão despojá-lo de sua medalha de ouro e declarar guerra.

— Certamente — respondeu Jack, efetuando uma profunda vênia.

Virou-se para o Espantalho e disse: — Lorde Espantalho, o Presidente apresenta-lhe as mais profundas desculpas, e pede-lhe que considere esta pequena troca de palavras como uma mera tempestade num copo de água.

— Ah, pede? — disse o Espantalho. — Pode dizer a ele então, que sou um espantalho orgulhoso e livre, nada habituado à tirania e ao domínio despótico de um bando de papagaios emplumados, e que nunca me submeterei à censura.

— Com certeza, amo — anuiu Jack.

Virou-se para o Presidente e disse: — O Lorde Espantalho apresenta os seus mais cordiais e sinceros cumprimentos, e pede ao Congresso que considere as suas palavras precipitadas de há pouco como a exuberância meramente natural e apaixonada de alguém que toda a vida nutriu o maior e mais veemente respeito por toda a nação das aves. Pede-me que acrescente que nunca em toda a sua vida recebeu uma honra que tanto o orgulhe como esta medalha de ouro, e já é detentor da Ordem da Cenoura Esmeralda, da Taça da Beterraba e do Troféu do Desafio Pastinaga. E mais, é Cavaleiro do Cabo da Vassoura. Mas de bom grado renunciaria a todas essas honras a favor da sua medalha de ouro, que tenciona usar com imenso orgulho até ao fim dos seus dias.

— Ele disse tudo isso, foi? — perguntou o Presidente, desconfiado.

— É que dizem que o Coco é uma língua comprimida — explicou Jack.

— Verdade? Bem, assim sendo, então fico feliz por aceitar o seu pedido de desculpas — disse o Presidente, fazendo uma vênica rígida ao Espantalho.

— Ele diz que apresenta as suas mais sinceras desculpas — transmitiu Jack ao Espantalho.

— Não me pareceu nada disso — contrapôs o Espantalho. — Na verdade...

— Não, ele estava falando em Ave.

— Ah, entendo — disse o Espantalho. — Que língua extraordinária.

— Por isso é que precisa de um intérprete, amo.

— Efetivamente. Que sorte a sua falar a língua tão fluentemente! Bem, nesse caso, fico feliz por aceitar o seu pedido de desculpas.

E o Espantalho fez uma vênica rígida ao Presidente.

Vendo esta manifestação de respeito mútuo, todas as aves irromperam numa tempestade de cantos, gritos, bater de asas, grasnidos, pipilos e arrulhos. O Espantalho respondeu com um sorriso rasgado e vênicas em todas as direções. E assim, de momento, todo mundo ficou muito amigo; mas Jack achou que provavelmente iriam precisar de um bom intérprete durante mais algum tempo.

Após as formalidades, o Congresso passou à discussão do assunto do Vale da Primavera. Mas o Espantalho não conseguia se concentrar. Várias aves apresentaram relatos sobre a fábrica de venenos da Companhia Buffaloni, e da forma como desviavam os riachos, secavam os poços e esgotavam as fontes; mas o Espantalho só fazia se mexer, coçar e puxar as roupas.

Quando fizeram uma pausa nos trabalhos, Jack perguntou: — O senhor está bem, amo? Parece-me um pouco maldisposto.

— Acho que estou com um vazamento, meu rapaz — queixou-se o Espantalho. — Estou sofrendo de uma grave perda de palha.

Jack deu uma espiadinha.

— É verdade, amo — disse ele. — Deve ter estado a perder o seu enchimento. Vamos ter que arranjar mais.

— O que estão fazendo? — perguntou o tentilhão, aproximando-se para ver. — O que aconteceu? O que se passa?

— O Lorde Espantalho está com um vazamento — explicou Jack. — Temos que lhe arranjar mais enchimento.

— Nada disso! Deixem o assunto conosco! — exclamou o tentilhão e afastou-se.

— Vou retirar toda a sua palha, amo — elucidou Jack. — Já estive encharcada, secou e foi tão maltratada que bem precisava de um novo recheio. Vai se sentir muito melhor, acredite em mim.

Retirou bocados de palha velha, bocados de ramos, farrapos, e toda a série de outras coisas com que o Espantalho fora enchido.

— Sinto-me muito vazio — queixou-se o Espantalho. — Não me agrada nem um pouco. Até sinto o meu próprio eco.

— Não se preocupe, amo, não tardará a ficar novamente cheio. Oh! O que é isto?

Enfiado no meio de toda a palha havia um pequeno embrulho de papel envolto em oleado.

— É a minha convicção íntima — afirmou o Espantalho. — Não a jogue fora, faça o que fizer.

Jack desembulhou o oleado. Lá dentro havia uma folha de papel toda escrita.

— Oh meu Deus — disse Jack —, estava esperando encontrar uma ilustração. Eu não consigo ler isto; e o Senhor, consegue?

— Infelizmente, não — respondeu o Espantalho.

— Acho que os meus estudos foram interrompidos.

Entretanto, um bando de aves começou a descer, trazendo cada uma um bocado de palha ou um raminho ou um bocado de musgo e, sob as orientações do tentilhão, colocaram tudo dentro do Espantalho.

Cada ave aproximava-se, dava sua contribuição e depois voltava a se afastar rapidamente.

— Estão arranjanado um belo enchimento, amo — anunciou Jack. — Agora vou colocar isto de novo, e eles podem terminar.

— O que é isso? — quis saber o tentilhão. — O que têm aí? O que é?

— É a minha convicção íntima — explicou o Espantalho.

— O que diz? Do que se trata?

— Não sabemos — afirmou Jack. — Não sabemos ler.

Com um sonoro chilreio de impaciência, o tentilhão afastou-se. As outras aves foram enchendo o Espantalho, mas a notícia começou a se espalhar, e o próprio Presidente veio dar uma espiada. Enquanto as avezinhas andavam aqui e ali, o Espantalho exibiu orgulhosamente a sua convicção íntima.

— Como veem, está embrulhado em oleado — disse, todo inchado. — Por isso, durante todas as nossas aventuras, manteve-se perfeitamente conservado. Eu sabia que estava ali — acrescentou. — Toda a minha vida tive a certeza disso.

— Sim, mas o que diz, seu pateta? — exigiu saber o Presidente. — É palerma demais para saber qual é a sua convicção íntima?

O Espantalho abriu a boca para protestar, mas depois se lembrou e olhou para Jack para a tradução.

Mas Jack não teve tempo de dizer nada, porque um *Có!* áspero, bem atrás dele, o fez dar um pulo, e virando-se viu um corvo idoso descer e pousar na erva.

Cumprimentou o Presidente com um aceno de cabeça, e este retribuiu-lhe muito respeitosa e com uma vênha.

— Bom dia, Avó Corvo — cumprimentou-a.

— Bem, onde está? — inquiriu ela. — O tal papel que estava dentro do Espantalho. Apressem-se, vamos dar uma olhada.

Jack desembrulhou-o, e ela colocou a sua grande garra sobre ele e leu-o em silêncio. Depois levantou a cabeça.

— Você, rapaz — dirigiu-se a Jack. — Quero ter um particular contigo. Venha cá.

Jack seguiu-a até um local tranquilo ligeiramente afastado.

— Soube da sua suposta tradução — disse ela. — É um garoto esperto, mas não abuse da sua sorte. Agora, fale-me do Espantalho e não omita nada.

Então, Jack contou-lhe tudo o que acontecera desde o momento em que ouvira o Espantalho pedir socorro no campo enlameado até

o momento em que desmaiara de fome no dia anterior.

— Muito bem — disse ela. — Agora, grandes apuros vêm por aí, e o Espantalho vai precisar mais do que nunca da sua convicção íntima. Dobre-a, volte a guardá-la lá dentro, e não deixe que ele a perca.

— Mas por que, Avó Corvo? Que apuros são esses? E ele vai correr algum perigo? Quer dizer, ele é muito destemido, mas não bate muito bem das ideias, se é que me entende.

— Não é esse tipo de apuro. Problemas legais. Problemas com os Buffalonis.

— Bem, podemos fugir!

— Não podem, isso vai ter que acabar. Eles andam atrás de vocês. Temos uns dois dias de vantagem, por isso vamos aproveitar ao máximo.

— Isto não está me cheirando nada bem.

— Há uma chance — disse a Avó Corvo —, mas só se fizer exatamente o que eu disser. E apresse-se... não temos um minuto a perder.

O TRIBUNAL

A primeira coisa que a Avó Corvo lhes disse para fazerem foi voltar ao continente. Até acabou sendo bastante fácil. Um grupo de gaivotas que viviam junto do porto de pesca mais próximo encontraram um barco a remos que não estava sendo usado, e prenderam-no a um grupo de gansos, que o rebocou até a ilha em menos de um dia. Assim que Jack e o seu amo se encontraram a bordo, as aves rebocaram-no de volta da mesma maneira, e já nessa noite, os dois viajantes instalaram-se debaixo de uma sebe.

— Quem sabe, Jack — afirmou o Espantalho —, esta pode ser uma das nossas últimas noites ao relento!

Não demora, passaremos a dormir na nossa casa na fazenda.

Ou na cadeia, pensou Jack.

O passo seguinte foi dirigirem-se para a cidade de Bela Fontana, que era a cidade mais próxima do Vale da Primavera. Caminhando energicamente, alcançaram-na em menos de uma semana. A Avó Corvo tivera de ir tratar de um assunto urgente em algum lugar, dissera, mas se encontraria com eles na cidade.

— Sabe, Jack — disse o Espantalho quando se encaminhavam para a praça do mercado —, acho que estive enganado a respeito destas aves. No fundo, são muito bem-intencionadas. Não têm nada dentro da cabeça, mas estão cheias de boas intenções.

— Ora bem, amo — frisou Jack —, procure não se esquecer: a Avó Corvo disse que se encontraria conosco junto à fonte. E, enquanto estivermos na cidade, acho melhor deixar as conversas comigo. O senhor causará muito melhor impressão se ficar calado e misterioso.

— Sim, é exatamente o que estou fazendo — argumentou o Espantalho.

No caminho, conseguira perder onze vezes a medalha de ouro e dezesseis o embrulho de oleado contendo a sua convicção íntima. Jack pensou que seria boa ideia guardá-los num banco, e mantê-los seguros até serem necessários. Portanto, assim que chegaram ao centro da cidade, com a bacia seca do que fora outrora a fonte municipal, procuraram um banco.

Preparavam-se para entrar quando uma grande ave preta desceu e se empoleirou na bacia empoeirada e soltou um sonoro *Cá!*

— Avó Corvo! — exclamou Jack. — Por onde andou? Íamos agora mesmo ao banco.

— Estive ocupada — respondeu. — Para que querem um banco?

O Espantalho explicou: — Vamos depositar a minha convicção íntima. Não se preocupe. Nós sabemos o que estamos fazendo.

— Têm mais sorte do que merecem — censurou a Avó Corvo. — Sabem como se chama o banco? É o Banco Buffaloni.

O Espantalho olhou para lá, desacorçoado.

— Esses Buffalonis estão em todo lugar! — disse.

— Bem, é óbvio que não podemos confiar neste banco. Terei de ser eu mesmo a olhar pela minha convicção íntima. Onde é que ela está? Para onde foi? Onde é que a meti?

— É o senhor que a tem, amo — recordou Jack.

— Está segura na sua palha. Mas o que faremos agora, Avó Corvo? E o que vai acontecer? Há tanta gente aqui.

— É o Tribunal — explicou ela —, em que o juiz vem julgar os casos presentes. Ele julga todos os criminosos e avalia todos os

casos civis. Ali está ele.

Enquanto Jack e o Espantalho olhavam, as portas grandes da câmara municipal abriram-se e saiu um homem idoso vestindo uma toga vermelha comprida, à frente de um cortejo de homens que levavam castões pesados e pergaminhos. Atrás dele vinham vários homens vestindo togas pretas, que eram os advogados, e por último apareceu o arquivista do município, de chapéu alto. Escoltados por um cortejo policial com uniformes de gala, atravessaram a praça e subiram as escadas até o tribunal.

— Muito bem — disse a Avó Corvo. — Vão atrás deles, e apressem-se.

— Mas o que vamos fazer lá dentro?

— Vocês vão ao tribunal registrar o direito do Espantalho ao Vale da Primavera.

— Que excelente ideia, Jack! — exclamou o Espantalho. — Vamos fazê-lo já.

E antes que Jack tivesse tempo de impedi-lo, o Espantalho subiu correndo as escadas e transpôs as portas, com a Avó Corvo pousada no seu ombro.

Jack correu atrás dele, e encontrou o Espantalho discutindo com um funcionário atrás de uma escrivaninha.

— Mas eu exijo o direito de expor o meu caso! — dizia o Espantalho, batendo com o guarda-chuva na escrivaninha. — Isto é um assunto extremamente importante!

— O senhor não consta da minha lista — disse o funcionário. — Como se chama? Lorde Espantalho? Não seja ridículo. Desapareça daqui!

Jack achou por bem dar uma ajuda. Já estavam metidos em tantas confusões que mais um não faria diferença.

— Ah, o senhor não compreende — interveio ele.

— Este caso é um assunto de extrema urgência. Tudo gira em torno da posse do Vale da Primavera, e não demorará muito tempo. Se não se resolver, sabe, toda a água secará. Tal como a fonte lá fora. Coloque-o na lista, que conseguiremos resolver tudo em cinco minutos, e depois toda a água no vale será salva.

— Vamos lá! — pediu um homem na fila para as bancadas públicas —, gostaria de ver um espantalho em tribunal.

— Sim, deixe-o ir primeiro — disse uma mulher com uma sacola de compras. — Ele tem uma cara simpática. — Tem cara de coco! — disse o funcionário.

— Bem, é um coco — concordou o Espantalho.

— Vamos lá, ponha-o em primeiro lugar — insistiam as pessoas. — Vai ser a única diversão que teremos hoje. — Sim! Deixe o espantalho expor o seu caso!

— Boa sorte, espantalho!

Então, o homem não teve escolha. Escreveu à cabeça da lista: *Lorde Espantalho no caso da posse do Vale da Primavera.*

Mal o fizera, a porta escancarou-se, e entrou um grupo de polícias. À frente deles vinha um homem magro vestindo um traje de seda preta. Era o advogado, o Senhor Cercorelli, e disse: — Um momento, por favor. Inspetor, prenda imediatamente esta pessoa.

O Espantalho olhou à sua volta para ver quem ia ser detido, acabando por constatar que o chefe da Polícia agarrava o poste de sinalização e tentava lhe colocar algemas. — O que está fazendo? Solte-me! Isto é um ultraje! — protestou.

— Vamos, rapaz — disse a Avó Corvo a Jack, baixinho. — Faça a sua parte.

— Queira desculpar — dirigiu-se Jack ao advogado —, mas o senhor não pode prender o Lorde Espantalho, visto que ele já tem um processo a correr na justiça.

— Como é que é?

— É verdade, sim, Senhor Cercorelli — confirmou o funcionário, mostrando-lhe a lista de casos a serem julgados. O Espantalho livrou-se das algemas e sacudiu-se com enorme dignidade, enquanto uma campainha chama-va todos à sala de audiências. O Senhor Cercorelli retirou-se para falar urgentemente com um grupo de advogados reunidos à porta. Jack observou-os com atenção, e viu que estavam todos debruçados sobre o ombro do Senhor Cercorelli para ler o nome do caso do Espantalho; mas assim que o fizeram, sorriram todos de satisfação.

Oh não, pensou.

Depois ouviu o homem da escrivania dizer algo, e virou-se para perguntar:

— Desculpe?

— Eu disse que estão com sorte — respondeu o funcionário a Jack. — Vão enfrentar um juiz muito distinto. É o juiz mais ilustre em todo o reino.

— Como é o nome dele? — indagou Jack, quando as portas se abriram e o Escrivão do Tribunal pediu silêncio.

— O Meritíssimo Justice Buffaloni — disse o funcionário.

— O quê?

Mas era tarde demais para recuar. A multidão atrás deles agitava-se e empurrava para entrar, e Jack viu que muito se cochichava, apontava e entrava e saía apressadamente pelas portas laterais. Não tardou que a sala de audiências estivesse arrebentando pelas costuras, e o Espantalho e Jack viram-se enfiados atrás de uma mesa bem no meio, com advogados à esquerda e à direita, o lugar do juiz lá no alto à frente deles, e um júri enchendo a respectiva bancada mais ao lado.

Tiveram todos de se levantar quando o juiz entrou.

Cumprimentou o tribunal com um gesto de cabeça, todos lhe retribuíram, e depois sentou-se.

— Estou ficando um pouco nervoso — segredou Jack. — E a Avó Corvo desapareceu. Não sei o que fazer.

— Não, não, Jack — respondeu o Espantalho também cochichando. — Tenha confiança na lei, meu rapaz! A razão está do nosso lado!

— Silêncio! — berrou o Escrivão. — Primeiro caso, Espantalho contra a Fábrica de Produtos Químicos da Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos.

O Espantalho sorriu e acenou com o seu coco. Jack levantou a mão.

— O que é? O que é? — perguntou o juiz.

— Desculpe, Meritíssimo — disse Jack —, mas vamos com calma. Quem é esta gente Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos?

— Bem, já que pergunta — disse o juiz —, quem é o senhor?

E sorriu radiosamente a todos os advogados, e todos eles se desmancharam a rir e soltaram sonoras gargalhadas ante o talento do juiz.

— Sou o representante legal de Lorde Espantalho — informou Jack —, e o meu cliente quer saber quem são estes tais Melhoradores Reunidos, porque nós nunca ouvimos falar deles até o momento.

— Se me é permitido explicar, Meritíssimo — disse o Senhor Cercorelli, levantando-se suavemente. — Represento a Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos, que é o organismo que detém a maioria das ações na empresa conhecida como a Companhia Industrial e Química Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos, que é o organismo que administra a Fábrica de Produtos Químicos Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos, que é proprietária e gestora de várias fábricas situadas no Vale da Primavera para exploração usufrutuária de certos minérios e direitos de águas concedidos à Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos, que é uma instituição de beneficência criada ao abrigo da lei de 1772, e funciona como sociedade gestora de participações sociais no caso da Fábrica de Produtos Químicos Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos por *tenendas praedictas terras*¹.

1 Locução latina: posse das referidas terras. (NT)

— Pronto — dirigiu-se o juiz a Jack. — Perfeitamente claro. Agora fique calado enquanto ouvimos este caso e decidimos a favor do réu.

— Oh, certo — disse Jack. — Bem, Meritíssimo, gostaria de pedir a Lorde Espantalho que viesse testemunhar. Todos os outros advogados se reuniram. Palavras compridas zumbiam como vespas em volta de uma árvore frutífera. O Espantalho sorriu a todos no tribunal, olhando à sua volta com enorme orgulho e satisfação.

Por fim, o Senhor Cercorelli disse: — Nada a opor, Meritíssimo. Claro que ele será sujeito a contrainterrogatório.

— Espantalho à barra das testemunhas! — chamou o Escrivão do Tribunal.

O Espantalho levantou-se e cumprimentou o juiz, o júri, o escrivão, os advogados e o público com um gesto de cabeça.

— Pare de se bambolear como um frango e vá para a barra das testemunhas! — admoestou o juiz.

— Um frango? — insurgiu-se o Espantalho.

— É um termo legal, amo — apressou-se Jack a esclarecer.

— Oh, nesse caso, está tudo bem — disse o Espantalho, e voltou a acenar com a cabeça em todas as direções.

Os membros do público, que assistiam na galeria, estavam simplesmente adorando. Instalaram-se confortavelmente quando Jack começou.

— Diga o seu nome — pediu Jack.

O Espantalho ficou intrigado e coçou o coco.

— É Lorde Espantalho — ajudou Jack.

— Está influenciando a testemunha! — gritou um dos advogados.

— A resposta é anulada — ordenou o juiz. — Você, rapaz, limite-se às perguntas. Não diga à testemunha o que responder.

— Tudo bem — declarou Jack. — Ele se chama Lorde Espantalho. A propósito, sou o criado dele.

— E um criado muito bom! — acrescentou o Espantalho.

— Silêncio! — gritou o juiz. — Prossiga o interrogatório, rapaz, e quanto a você, seu patife, tente nessa língua.

O Espantalho anuiu em aprovação, e sorriu a todos. O público na galeria começou a rir.

— Ora bem — começou Jack —, é verdade, Lorde Espantalho, que esta Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos não é a proprietária legal do Vale da Primavera?

— Exatamente — respondeu o Espantalho.

— Nesse caso, quem é?

— Sou eu!

— E tem como prová-lo?

— Espero que sim — respondeu o Espantalho, não muito convencido.

O público na galeria desatou às gargalhadas.

— Silêncio no tribunal! — ordenou o juiz, dando a todos olhares fuzilantes. Mal se voltou a fazer silêncio, dirigiu-se a Jack: — Se não

explicar o que pretende, terei de prendê-lo por estar fazendo o tribunal perder tempo. A sua testemunha tem ou não algo a dizer?

— Efetivamente, tem, Meritíssimo. Deixe-me só voltar a perguntar.

— Não pode ficar fazendo sempre a mesma pergunta!

— Só mais uma vez. A sério.

— Uma vez, que seja.

— Muito obrigado mesmo, Meritíssimo. Bem. Aqui vai. Lorde Espantalho, como sabe que é o proprietário do Vale da Primavera?

— Ah! — respondeu o Espantalho. — Tenho uma convicção íntima. Sempre a tive. Na verdade está aqui — continuou, remexendo dentro do peito. — Sei que está em algum lugar aqui. Sim! Encontrei-a!

— Sim, é essa — disse Jack. — Meritíssimo, membros do júri, damas e cavalheiros, este pedaço de papel prova sem qualquer dúvida que o Vale da Primavera pertence a Lorde Espantalho, e estes Reunidos Lucrativos estão a agir de forma ilegal. Não tenho mais nada a argumentar.

— Mas o que diz o papel, seu rapaz estúpido? — gritou o juiz. — Mande o seu cliente lê-lo perante o tribunal.

— Bem, ele nunca aprendeu a ler, Meritíssimo.

— Nesse caso, leia você!

— Mas eu também nunca aprendi a ler. É um grande inconveniente, e se soubesse o que sei agora, teria arranjado uma maneira de nascer numa família rica e não numa pobre. Com certeza assim teria aprendido a ler.

— Se não sabe ler — inquiriu o juiz —, como é que sabe o que está naquele papel? Fique avisado, rapaz, você corre grande perigo!

— Meritíssimo — interveio um dos advogados —, ele só tem que entregá-lo, e o Meritíssimo poderá lê-lo para benefício do tribunal.

— Oh não, isso é que não — insurgiu-se Jack. — Queremos uma verificação isenta, de acordo com os princípios de *non independentem iudici non prestare*. Pronto.

A situação estava ficando cada vez mais complicada. Mas nesse momento, Jack viu um movimento pelo canto do olho, e levantou a cabeça para uma janela alta, vendo a Avó Corvo entrar,

acompanhada de um melro de ar muito nervoso. Obrigou o melro a pousar no canto do parapeito.

— No entanto — prosseguiu Jack, aliviado —, acho que podemos encontrar uma saída para este campo de minas legal. Gostaria de convidar a minha colega Avó Corvo para se encarregar desta parte do caso.

A Avó Corvo desceu e empoleirou-se na mesa ao lado de Jack, causando enorme agitação entre o público, e grande consternação entre os advogados. Reuniram-se todos, e depois o Senhor Cercorelli disse: — Meritíssimo, é impossível permitir tal absurdo, com base no argumento de que *ridiculus avis pretendibus advogadorum*.

Mas Jack respondeu logo: — O meu cliente não passa de um pobre espantalho, que não tem onde cair morto. A lei da terra destina-se apenas aos ricos? Certamente que não! E se, num ato de enorme generosidade, este corvo — esta ave pobre, idosa, esfarrapada e abatida — se oferece para representar o Espantalho, porque a mais não se pode permitir, então, sem dúvida que este grande tribunal e este nobre juiz não irão negar ao meu cliente a parca ajuda que ela lhe pode proporcionar, não é? Vejam a imensa riqueza, os recursos inesgotáveis, as eminentes mentes legais que nos opõem!

Meritíssimo, membros do júri, damas e cavalheiros do público: não se faz justiça no Tribunal de Bela Fontana? Não existe misericórdia...?

— Pronto, pronto — suspirou o juiz, que via que todos na galeria pública se mostravam compadecidos. — Que a ave fale em nome do Espantalho.

— Também acho — disse a Avó Corvo, e depois dirigiu-se baixinho a Jack. — Esfarrapada e abatida, hein? Depois conversamos.

O Espantalho assistia a tudo com enorme interesse.

— Bem, pode prosseguir — autorizou o juiz.

— Certo — falou a Avó Corvo. — Agora preste atenção. Senhor, Espantalho, desça da barra das testemunhas. Quero chamar mais duas testemunhas antes de voltar a falar consigo.

Muito nervoso, de braço dado, o casal idoso que estivera se preparando para abandonar a cabana entrou na sala de audiências e subiu à barra das testemunhas.

Uma vez indicados os seus nomes e endereço, a Avó Corvo pediu: — Agora contem ao tribunal o que aconteceu antes de o seu vizinho morrer.

— Bem, o nosso vizinho, o Senhor Pandolfo — afirmou a Senhora Piccolini —, não andava se sentindo bem, pobre velhinho, e quando nos pediu que passássemos pela sua casa, pensamos que ele fosse querer que chamássemos o médico. Mas afinal pediu-nos que o víssemos assinar um papel, e depois que o assinássemos também. O que nós fizemos.

— Ele disse o que estava no papel?

— Não.

— Reconheceriam esse papel se voltassem a vê-lo?

— Sim. O Senhor Pandolfo estava bebendo café, e entornou uma gota ou duas no canto do papel. Por isso deve ter uma mancha.

A Avó Corvo virou-se para Jack e disse: — Vamos, abra-o.

Jack abriu a embalagem de oleado e retirou o papel.

Tal como a velhota dissera, havia uma mancha de café no canto. Todos ficaram boquiabertos.

Todos os advogados se puseram imediatamente de pé, protestando, mas a Avó Corvo deu um estalido tão sonoro com o bico que eles se calaram logo.

— Não querem ouvir o que diz o papel? — perguntou-lhes. — Porque todos os demais querem.

Conferenciaram mais uma vez e, depois de um minuto, um deles falou: — Estamos dispostos a aceitar que a carta seja lida por uma testemunha independente.

— Nesse caso — disse Jack —, designamos aquela senhora na bancada do júri.

Apontou para uma senhora idosa de vestido azul.

O Espantalho levantou-se e fez-lhe uma vênia, e ela ficou muito atrapalhada e disse:

— Bem, se querem, não me importo...

Colocou uns óculos, e Jack entregou-lhe a carta.

Ela deu rapidamente uma vista de olhos e exclamou: — Valha-me Deus. Pobre homem!

Então, a senhora idosa leu numa voz cristalina:

Esta carta foi escrita por mim, Cario Pandolfo, na plena posse de minhas faculdades mentais, mas não muito bem das pernas, e é dirigida a quem possa interessar.

Visto ser eu o proprietário legal do Vale da Primavera, e poder dispor dele como muito bem entender, escolho esta forma de decidir a posse depois da minha morte.

E quero, muito em particular, conservar a fazenda e todas as nascentes, poços e cursos de água longe das mãos dos meus primos, aqueles patifes dos Bufalonis, porque não confio em nenhum deles e são todos sem exceção um bando de miseráveis.

E não tenho mulher, nem filhos, nem sobrinhas, nem sobrinhos.

Nem amigos, exceto o Senhor e a Senhora Piccolini no sopé da colina.

Assim, vou fazer um espantalho, colocá-lo no meio do campo de três acres junto ao pomar e deixar esta carta dentro dele.

E esta carta será a minha última vontade e testamento. E deixo o Vale da Primavera e todos os seus edifícios, nascentes, poços, cursos de água, lagos, riachos e fontes ao dito espantalho, que lhe pertencerá de posse perpétua e desejo-lhe boa sorte.

É tudo o que tenho a dizer.

Cario Pandolfo.

Quando a senhora chegou ao fim da carta, reinava o silêncio.

Depois o Espantalho falou:

— Bem, eu lhes disse que tinha uma convicção íntima.

E depois houve um grande tumulto. Todos os advogados começaram a falar ao mesmo tempo e todas as pessoas na galeria pública se viravam umas para as outras e diziam:

— Será que ouvi bem?

— Ora essa... não querem saber?

— E essa agora?

O Escrivão do Tribunal pediu silêncio, e todos pararam para ver o que o juiz ia dizer. Mas foi a Avó Corvo quem falou.

— Aqui têm — disse. — Está tudo resolvido. O testamento é válido, foi devidamente assinado na presença de testemunhas, e o Vale da Primavera pertence ao Espantalho, e podemos...

— Um momento — interveio o Senhor Cercorelli.

— Mais devagar. Nós ainda não terminamos.

UMA TESTEMUNHA-SURPRESA

E todos olharam para o juiz. A expressão no rosto dele bastou para Jack ter a sensação de que todas as suas costelas tinham se soltado e ido parar na boca do estômago.

— A primeira testemunha tem de ser contra-interrogada — disse ele. — Senhor Cercorelli, pode prosseguir. — Obrigado, Meritíssimo — respondeu o advogado. Jack olhou para a Avó Corvo. O que ia acontecer agora? Mas não conseguiu ver qualquer expressão na cara da velha ave.

O Espantalho voltou a subir à barra das testemunhas, sorrindo a todos. O Senhor Cercorelli retribuiu o sorriso, e os dois pareciam ser grandes amigos.

Depois o advogado começou:

— O senhor é o espantalho mencionado na carta que acabamos de ouvir?

— Oh, sim — respondeu o Espantalho.

— Tem certeza disso?

— Absoluta.

— Nenhuma dúvida?

— Não. Nenhuma mesmo. Sou sem dúvida eu, e sempre fui.

— Bem, Senhor Espantalho, vamos examinar com um pouco mais de atenção a sua pretensão. Vamos examiná-lo com um pouco mais de atenção! — disse, sorrindo novamente a todos.

O Espantalho retribuiu o sorriso.

— Vamos examinar a sua mão esquerda, por exemplo — disse o advogado. — É uma mão extraordinária, não é?

— Oh, sim. Afasta a chuva! — disse o Espantalho, abrindo o guarda-chuva e fechando-o de novo rapidamente quando o juiz lhe deu um olhar carrancudo.

— E onde foi arranjar um braço tão magnífico?

— Na praça do mercado na cidade onde fui estive-em cartaz n' A História Trágica de Arlequim e da Rainha Dido — explicou o Espantalho, todo orgulhoso. — Foi uma excelente exibição. Primeiro apareci como...

— Tenho certeza de que foi emocionante. Mas estamos falando de sua mão. Perdeu a sua mão original, não perdeu?

— Sim, soltou-se, e o meu criado arranjou-me esta.

— Esplêndido, esplêndido. Agora, pode nos mostrar a sua mão direita?

O Espantalho ergueu a mão direita.

— Parece-me um poste de sinalização — disse o advogado. — É isso mesmo, não é?

— Oh, sim. Aponta, está vendo? Assim que o meu criado me arranjou esta, ganhei muito jeito para apontar.

— E por que o seu criado lhe arranjou uma mão direita nova?

— Porque a primeira se partiu.

— Entendo. Obrigado. Portanto, não tem nenhum dos braços com que... hum... nasceu?

Jack levantou-se para protestar, pois viu onde ele estava querendo chegar.

— Meritíssimo, não faz qualquer diferença qual das partes foi substituída; ele continua sendo o mesmo espantalho! — Oh, mas faz, Meritíssimo — alegou o Senhor Cercorelli. — Estamos tentando demonstrar quanto do espantalho original criado pelo Senhor Pandolfo ainda resta. Se não for nada, então o testamento é nulo, e a propriedade do Vale da Primavera passa para a Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos, de acordo com o princípio *absolutem absurditas senhiorum espantalhus*.

— Tem toda razão — concordou o juiz. — Pode prosseguir.

E, não obstante os protestos de Jack, o Senhor Cercorelli passou a pente fino toda a história do Espantalho, demonstrando como cada parte dele fora substituída, inclusive a palha de dentro.

— E assim, membros do júri — concluiu ele —, podemos ver que o espantalho feito pelo Senhor Pandolfo, a quem ele tencionava deixar o Vale da Primavera, já não existe. Cada uma das suas

partículas componentes foi espalhada aos quatro ventos. Não resta nada. Este cavalheiro na barra das testemunhas, tão orgulhoso da sua mão esquerda que afasta a chuva e da sua mão direita que aponta tão bem, não passa de uma fraude e de um impostor.

— Hei! — interveio Jack. — Não, não, espere aí!

— Silêncio! — ordenou o juiz. — Membros do júri, ouviram o relato da mais vergonhosa tentativa de fraude, logro, prevaricação, desfalque e roubo que já tive a infelicidade de julgar. O seu dever agora é muito simples.

Têm de se retirar para a sala do júri e decidir a fazer o que lhes vou dizer. Deverão decidir a favor dos acusados, e que a Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos é a legítima proprietária do Vale da Primavera. O tribunal irá...

— Um momento — ouviu-se uma voz áspera e velha. — O que aquele patife acabou de dizer? Mais devagar, disse ele. Nós ainda não terminamos.

Todas as cabeças se viraram para a Avó Corvo.

— Ouviram todos? — perguntou. — Também acho. Ainda nos falta chamar três testemunhas. Não demorará muito. A próxima testemunha é o Senhor Giovanni Straciatelli.

Jack nunca ouvira falar dele, nem mais ninguém. Os advogados reuniram-se todos e cochicharam, mas não sabiam o que fazer, e quando o Senhor Straciatelli chegou à barra das testemunhas trazendo um livro grande encadernado a couro, limitaram-se a olhá-lo com desconfiança.

— O senhor é Giovanni Straciatelli? — perguntou a Avó Corvo.

— Sou.

— E qual é a sua ocupação?

— Sou o Conservador do Registro das Instituições de Caridade.

Imediatamente todos os advogados se levantaram e protestaram, mas a voz da Avó Corvo conseguiu ser mais sonora do que todos eles.

— Acabem com o chinfrim! — crocitou. — Os senhores é que falaram nas instituições de caridade, e os senhores é que afirmaram que a Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos era uma instituição de caridade devidamente registrada ao abrigo da Lei,

por isso vamos investigá-la bem. Senhor Straciatelli, importava-se de ler os nomes dos administradores da Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos?

O Senhor Straciatelli colocou os óculos e abriu o livro.

— Administradores da Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos — leu. — Luigi Buffaloni, Piero Buffaloni, Federico Buffaloni, Silvio Buffaloni, Giuseppe Buffaloni e Marcel o Buffaloni.

Exclamações de espanto da galeria pública e mais protestos dos advogados.

— Obrigada, Senhor Straciatelli, pode se retirar — disse a Avó Corvo. — Gostaria de lembrar ao tribunal a opinião do Senhor Pandolfo a respeito dos Buffalonis. Eis o que diz a carta: «Quero muito, em particular, conservar a fazenda e todas as nascentes, poços e cursos de água longe das mãos dos meus primos, aqueles patifes dos Buffalonis, porque não confio em nenhum deles e são todos sem exceção um bando de miseráveis.»

Mais protestos ainda. O juiz estava realmente muito irritado.

— Ora, podem dizer que o Senhor Pandolfo estava errado a respeito dos Buffalonis. Podem afirmar que cada Buffaloni é um anjinho. Mas isso não vem ao caso. A questão é que o Senhor Pandolfo não quis que as suas terras fossem para os Buffalonis, e sim deixá-las ao espantalho.

— Mas o espantalho já não existe! — exclamou o Senhor Cercorelli. — Acabei de prová-lo!

— O senhor estava preocupado com as suas partículas componentes, não com toda a sua entidade — afirmou a Avó Corvo. — Por isso, vamos pegar na sua palavra, e presumir que o mais importante é a matéria de que ele é feito. Chamo a nossa próxima testemunha, o Senhor Bernard Melro.

O melro desceu e empoleirou-se na barra das testemunhas. Estava com muito receio do Espantalho, que o observava com atenção.

— Nome?

— Bernard.

— Diga ao tribunal qual o seu relacionamento com o Espantalho.

— Não me apetece.

A Avó Corvo fez estalar o bico e Bernard guinchou de terror.

— Está bem! Eu digo! Deixe-me pensar. Ficou tu-do escuro na minha mente.

— Veja se refresca as suas ideias, meu rapaz — afirmou a Avó Corvo —, senão voltará para casa todo de-penado. Diga ao tribunal o que me contou.

— Tenho medo dele — disse Bernard, olhando pa-ra o Espantalho.

— Ele não lhe fará mal. Agora, obedeça.

— Está bem, se tem de ser. Foi na estrada, em algum lugar. Nunca tive tanta fome. Vi-o saindo de uma caravana, e depois vi-o bater com a cabeça. Atenção, era uma cabeça diferente. Aquela era um nabo.

— Não interessa o tipo de cabeça que era. O que é que ele estava fazendo?

— Batendo nela. Estava dando pancadas na cacho-la. Depois caiu algo, e ele e o sujeitinho ali abaixaram-se para apanhá-lo, e...

— O meu cérebro! — exclamou o Espantalho. — Afinal foi você, seu patife!

— Silêncio! — gritou o juiz. — Testemunha, pros-siga.

— Esqueci-me do que estava dizendo — gemeu o melro. — Quando ele grita comigo fico todo nervoso. Sou muito sensível. Não deviam deixá-lo gritar daquela maneira. Não é justo. Sou muito jovem.

— Pare com as lamúrias — admoestou a Avó Corvo. — O que aconteceu a seguir?

— Era uma ervilha. Uma ervilha seca.

— Era o meu cérebro — protestou o Espantalho.

— Agarrem-no! — gritou Bernard, estremecendo.

— Ele vai me bater! Vai! Ele já me deu um olhar cruel!

— E de mim virá muito pior — disse a Avó Corvo.

— Conte ao tribunal o que fez.

— Bem, achei que ele já não a queria para nada, por isso a comi. Estava com fome — afirmou, com ar pie-doso. — Há dias que não comia nada e, quando vi aquela ervilha, pensei que ele a tinha

jogado fora. Então pousei e apanhei-a. Desconhecia que era importante. Também não me caiu nada bem. Estava tão seca.

— É suficiente.

— Fiquei cheio de dores de barriga.

— Eu disse que é suficiente!

— Até podia estar envenenada.

— Como se atreve?! — irritou-se o Espantalho.

— Agarrem-no! Agarrem-no! — gritou Bernard, esvoaçando aterrorizado. — Viram como ele me olhou?

Ouviram-no? Socorro! Ele vai me matar!

— Já é mais do que suficiente — gritou a Avó Corvo.

— Preciso de uma indenização, de verdade — queixou-se Bernard. — Preciso de aconselhamento. Fiquei sem a minha juventude e a minha felicidade, é verdade.

Nunca mais vou ser o mesmo. Preciso de terapia.

— Vá para casa e acabe com as lamúrias — ralhou a Avó Corvo —, senão aplico-lhe uma terapia que ficará arrumado de vez.

Bernard avançou pela extremidade da barra das testemunhas, encolhendo-se dramaticamente quando se aproximou do Espantalho, apesar de este nem se mexer.

Depois levantou voo, saiu pela janela aberta e desapareceu.

— A nossa última testemunha — disse a Avó Corvo, olhando com repulsa na direção de Bernard —, é o criado particular do Espantalho.

— O que, eu? — estranhou Jack.

— Sim, rapaz, você. Mexa-se.

Então Jack entrou na barra das testemunhas. Os advogados apressaram-se a objetar, mas o juiz anunciou com voz cansada.

— O rapaz pode depor. O júri não tardará a ver que é mais um absurdo.

A Avó Corvo falou: — Conte ao júri o que aconteceu na ilha onde foram parar.

— Oh, certo — disse Jack. — Fomos parar numa ilha, e não havia comida nenhuma, e eu ia morrer de fome. Então, muito generosamente, Lorde Espantalho me deixou comer sua cabeça. Toda, exceto o cérebro, como é óbvio, uma vez que já fora comido.

Então comecei a co-mê-la, e aos poucos, a comi quase toda, e assim me mantive vivo. E depois aquele coco caiu e eu o enfiei no seu pescoço, e como lhe fica bem! Se não fosse a generosidade de Lorde Espantalho em deixar-me comer sua cabeça, agora não passaria de um esqueleto.

— Por conseguinte, Meritíssimo, membros do júri — afirmou a Avó Corvo —, eis todo o nosso caso. A Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos, que gere presentemente fábricas de venenos no Vale da Primavera, e está secando todos os poços, é uma organiza-

ção de fachada da família Buffaloni. O Senhor Pandolfo queria manter o Vale da Primavera longe das mãos dos Buffalonis, e deixá-lo ao Espantalho. As únicas partículas restantes do Espantalho original encontram-se agora indissolúvelmente misturadas com as de Bernard, o melro, e Jack, o criado; e vou obter uma procuração para representar Bernard em nome de todas as aves, visto ele ser um pobre desgraçado; mas sustentamos que o reino das aves, juntamente com Jack, o criado, são agora os proprietários verdadeiros e incontestáveis do Vale da Primavera, em caráter perpétuo.

— O júri ainda não ouviu o meu sumário — alegou o juiz. — Podem começar esquecendo tudo o que eles acabaram de dizer. O depoimento das testemunhas do Espantalho deve ser ignorado, em virtude de ser mais favorável ao Espantalho do que à Sociedade Reunida de Melhoramentos Sem Fins Lucrativos, uma instituição de caridade de muito mérito, cujos administradores são cavalheiros da maior integridade, além de darem emprego à maior parte de vocês. Senhoras e senhores do júri, sabem o que lhes convém... quer dizer, qual é a sua obrigação.

Vão até à sala do júri e decidam que o Espantalho deve perder este caso.

— Não é necessário, Meritíssimo — anunciou o presidente. — Nós já decidimos.

— Excelente! Só me resta congratular a Sociedade...

— Não — interveio o presidente —, nós decidimos a favor do Espantalho.

— O quê?

Todos os advogados se levantaram de imediato, protestando ruidosamente, mas o presidente do júri ignorou-os.

— Não nos interessa nada disso — disse. — É uma questão de senso comum. Não importa que ele esteja completamente diferente do que era, continua a ser o mesmo Espantalho. Qualquer tolo pode perceber. E todos estamos fartos de não haver água nas fontes. Por isso, decidimos o seguinte: o Vale da Primavera deve ser propriedade das aves e do criado e do Espantalho em partes iguais. E está decidido. Esta é a voz do povo.

Irromperam vivas da galeria pública. O juiz pediu silêncio, mas ninguém ligou. Os advogados continuaram a discutir, mas ninguém ligou também.

O Espantalho e Jack foram levados aos ombros pela multidão até à praça. A Avó Corvo veio empoleirar-se na fonte, enquanto o Espantalho fazia um discurso.

— Damas e cavalheiros! — disse. — Estou profundamente grato pelo seu apoio, e dou-lhes a minha palavra de honra em como, assim que tivermos encerrado as fábricas de veneno, deixaremos todas as nascentes voltar a fluir, para que nesta fonte corra novamente água doce para todos.

Mais vivas da multidão, mas depois todos se calaram e olharam em volta. Um grupo de homens, vindo da câmara municipal, todos vestindo roupas caras, usando óculos escuros e aparentando um ar austero, encaminhava-se para o Espantalho.

Jack ouviu murmúrios da multidão.

— Luigi — Piero — Federico — Silvio — Giuseppe — Marcello! É a família Buffaloni inteira...

— Bem, amo — disse Jack —, parece que vai haver luta. Vamos fugir, rápido.

— Nem pensar! — respondeu o Espantalho, e enfrentou corajosamente os Buffaloni, de coco erguido, o guarda-chuva a postos, a verdadeira imagem de um herói popular.

Os Buffalonis estacaram bem diante dele, os seis homens grandes, ricos e poderosos de trajes brilhantes.

Todo mundo susteve a respiração.

Depois, o Buffaloni do meio disse: — Os nossos parabéns, meu amigo! — E estendeu-lhe a mão.

O Espantalho apertou-a entusiasticamente, e depois todos os outros Buffalonis se reuniram, batendo-lhe nas costas, despenteando-lhe o coco, dando-lhe palmadas no ombro, apertando-lhe a mão, abraçando-o calorosamente.

— Perdemos realmente um caso na justiça — afirmou o chefe dos Buffalonis. — O mundo é grande... há muitos outros empreendimentos! Muito espaço neste mundo belo para Buffalonis e Espantalhos!

— Boa sorte para você, Lorde Espantalho! Os nossos mais sinceros desejos de êxito em todas as suas atividades comerciais!

— Se alguma vez precisar da nossa ajuda... é só pedir!

— Respeitamos um adversário corajoso!

— A partir de agora, os Buffalonis e os Espantalhos são bons amigos... os melhores amigos!

E depois, um proprietário de café foi buscar vinho, e os Buffalonis e o Espantalho fizeram um brinde à amizade, e as gargalhadas de felicidade encheram a praça; e a seguir alguém pegou num acordeão, e dali a pouco toda a multidão cantava, dançava, ria, bebia e atirava flores, com o Espantalho no centro das comemorações.

ASSASSÍNIO COM CARUNCHO

Naquela noite dormiram na casa da fazenda no Vale da Primavera. Jack acordou na manhã seguinte ouvindo o amo chamar.

— Jack! Jack! Socorro! Não me sinto nada bem!

— Está tudo bem, amo — disse Jack, apressando-se a acudir. — O senhor bebeu vinho demais ontem à noite. Venha dar uma volta... ajudará a desanuviar a cabeça.

— Não, não é a minha cabeça — explicou-lhe o Espantalho. — São as minhas pernas e os meus braços. Fui envenenado. Socorro!

E estava mesmo com mau aspecto, disso não havia a menor dúvida. Até o coco empalidecera. Quando ficava de pé, caía, quando se deitava, gemia, e estava ficando com contrações nos braços e nas pernas.

— Contrações, amo?

— Sim, Jack! Umhas contrações horríveis e medonhas! É um pavor! Parece que estou sendo comido vivo! Chame o médico imediatamente!

Então, Jack correu até à cidade e chamou o médico.

Agora o Espantalho era uma celebridade, graças ao julgamento, e o médico pegou a maleta e saiu logo a correr, seguido de vários espectadores.

Encontraram o Espantalho se contorcendo todo, e gemendo a plenos pulmões.

— O que é, Doutor? — inquiriu Jack. — Ausculte-o! Ele está péssimo! O que pode ser?

O médico pegou o estetoscópio e auscultou o peito do Espantalho.

— Oh, valha-me Deus — comentou. — Isto é mau. Deixe-me tirar-lhe a temperatura.

— Não, não! Não faça isso! — protestou o Espantalho. — Se me tirar a temperatura, ficarei todo frio. Já me basta sentir calor e frio,

ao mesmo tempo. Oh, é horrível! Oh, ninguém imagina o meu sofrimento!

— Quais os outros sintomas?

— Comichões internas. E um medo horrível.

— Um medo horrível? Valha-me Deus, isso não é nada bom. Um medo do quê?

— Não sei! Cavalos! Ovos! Alturas! Oh! Oh! Sinto-me péssimo! Socorro! Socorro!

E o Espantalho desatou a correr pelo quarto, cabriolando, saltando e pulando como uma cabra.

— O que ele está fazendo, Doutor? — perguntou Jack. — Nunca o vi assim. Ele vai morrer?

— Foi sem dúvida picado por uma aranha — explicou o médico.

— Dançar é a melhor cura, todas as autoridades médicas são unânimes.

O Espantalho ouviu-o, e caiu no chão, aterrorizado. — Uma aranha! Oh, não, Doutor, tudo menos isso! Vou enlouquecer de desespero!

— Nesse caso, é melhor continuar a dançar, amo — sugeriu Jack.

Mas o pobre Espantalho não conseguia dar nem mais um passo de dança.

— Não, não consigo me mexer! — exclamou. — Toda a força se escoou do meu corpo, o meu medo horrível vai até os dedos dos pés...

— Deixe-me tomar-lhe o pulso — afirmou o médico. O Espantalho estendeu a mão esquerda. Assim que o médico pegou seu pulso, o guarda-chuva se abriu, sobres-saltando o médico, que recuou, alarmado.

— Experimente o outro — propôs Jack. — Olhe, amo, aponte para qualquer coisa.

O médico segurava o poste de sinalização numa mão, e um grande relógio de prata na outra. Jack olhava para o Espantalho, e este olhava para o médico, que por sua vez olhava para o relógio.

Passado um minuto, o médico declarou solenemente: — Este paciente não apresenta quaisquer sinais de vida.

O Espantalho soltou um grito lancinante.

— Oh não! Estou morto! Socorro! Socorro!

— O senhor ainda não pode estar morto, amo — disse Jack —, uma vez que está fazendo uma algazarra destas. Não consegue descobrir nada que possa curá-lo, Doutor?

— Valha-me Deus, isto é um caso realmente muito complicado. Só há uma coisa a fazer — disse o médico.

— O quê? — inquiriram o Espantalho e Jack ao mesmo tempo.

— Vou ter que operar. Deite-se na cama, por favor.

O pobre Espantalho tremia de terror.

— Não vai colocá-lo para dormir primeiro? — perguntou Jack.

— Claro que vou. Meu Deus, acha que sou algum maçarico?

2 Ave pernalta (NT)

Ao ouvir a palavra maçarico, o Espantalho olhou à sua volta procurando a ave, mas o médico segurou num martelo de borracha e bateu com ele no coco. O Espantalho caiu, atordoado.

— E agora? — quis saber Jack.

— Dispa-o — pediu o médico. — Depois passe-me o canivete.

Todos arfaram e se aproximaram para ver melhor.

Jack desabotoou o casaco do Espantalho, e expôs-lhe a camisa, com a palha toda a espetar de cada abertura, e o seu pobre pescoço de madeira a sair pelo colarinho.

O amo ficara tão quieto que Jack se convenceu de que devia estar realmente morto, e antes que o médico pudesse fazer algo, atirou-se para cima do Espantalho e chorou e soluçou.

— Oh, amo, não morra! Por favor, não morra! Não sei o que faria sem o senhor! Por favor, não morra!

Soluçou, uivou e agarrou-se ao pobre Espantalho, mas nada conseguia fazê-lo se mexer. Vários dos espectadores também começaram a chorar, e não tardou que o quarto estivesse cheio de choradeiras e lamentos, e todos os olhos a verter lágrimas. Até o médico teve de procurar o lenço de bolso e assoar-se vigorosamente.

As aves tinham sabido do que acontecera, e ouviu-se um enorme lamento vindo de todos os campos ao redor, e os arbustos e árvores encheram-se de gritos tristes: — O Espantalho está morrendo!

— Foi envenenado!

— Foi assassinado!

E as lamentações mais ruidosas provinham do quarto na casa da fazenda no Vale da Primavera, onde o médico, Jack e todos os habitantes da cidade estavam reunidos em volta do Espantalho. Mas não vinham das pessoas, vinham do próprio Espantalho, porque toda aquela barulheira o acordara.

Pulou da cama e exclamou: — Oh! Oh! Estou morrendo! Fui envenenado! Oh, que perda para o mundo! Traição! Assassínio! Crime! Oh, Jack, meu caro rapaz, ele chegou a me abrir?

— Preparava-se para fazê-lo.

— Oh! Oh! Oh! Sinto-me péssimo! Tenho comi-chões de alto a baixo na espinha! Parece que um milhão de fantasmilhas estão me comendo! Oh... oh... lá se vai a minha perna... estou me desfazendo, Jack! Socorro! Socorro!

O Espantalho corria pelo quarto, aterrorizado, e o médico corria atrás dele, tentando acertar-lhe com o martelo de borracha, para pô-lo para dormir de novo. Jack corria atrás dele, apanhando todos os pedaços que caíam no chão — um cordão, um pedaço de madeira de algum lugar nas calças, muita palha — e todos os demais se lamentavam e soluçavam.

Então Jack ouviu um sonoro *Cá!* e olhou à sua volta, aliviado.

— Avó Corvo! — exclamou. — Graças a Deus que voltou! O Lorde Espantalho adoeceu, e o médico diz...

— Esqueça o médico — disse ela, empoleirando-se no parapeito da janela. — Ele não precisa de um médico. O que ele precisa é de um carpinteiro. E fui buscar um. Aqui está.

E entrou então um velhote com um avental de carpinteiro e carregando um saco de ferramentas.

— Não se mexa, Lorde Espantalho — avisou. — Deixe-me inspecioná-lo.

— Ele é meu paciente! — protestou o médico. — Afaste-se!

— Quero uma segunda opinião — gritou o Espantalho. — Ele que veja!

Jack ajudou o Espantalho a voltar a se deitar. O carpinteiro pôs os óculos e observou com atenção as pernas do Espantalho, depois o pau de escavar que Jack colocara para substituir a espinha dele.

Bateu com um lápis neles, apalpou-os bem, olhou de alto a baixo o sumido poste de sinalização.

Depois, levantou-se com uma expressão solene.

— Na minha opinião profissional — anunciou o carpinteiro —, este cavalheiro sofre de um caso agudo de bicho da madeira.

O Espantalho soltou um grito de horror. Ficaram todos boquiabertos.

— Se não me engano — continuou o carpinteiro —, tem caruncho no enchimento, e uma infestação de cupins na espinha.

O Espantalho olhou para Jack, desesperado, e agarrou-lhe a mão.

— Podemos salvá-lo? — perguntou Jack.

— Ele precisa de um transplante imediato — disse o carpinteiro. — Tem que receber uma espinha dorsal nova, e precisa do interior completamente limpo. Atenção, a infestação é recente. E altamente suspeita. Na minha opinião profissional, todos os carunchos, insetos e bichos da madeira lhe foram enfiados ontem pelo pescoço.

— Os Buffalonis! — exclamou Jack. — Quando se reuniram para lhe dar palmadinhas nas costas! Assassinos! Criminosos!

O Espantalho estava paralisado de terror. Apenas conseguia ficar ali deitado a lamuriar-se. Então, Jack per-correu a fazenda toda à procura de um cabo de vassoura, mas os únicos que conseguiu encontrar já estavam infestados de bicho da madeira, ou quebrados ao meio, ou moles da carcoma.

Procurou um pau qualquer, mas os únicos que encontrou eram curtos demais, ou curvos demais, ou frágeis demais.

Voltou correndo então para junto do Espantalho, que jazia pálido e fraco na cama, a contorcer-se e lamuriar-se.

E havia muita gente no quarto. Às primeiras visitas tinham-se reunido várias velhotas vestidas de preto, que choravam, se lamentavam e arrepiavam os cabelos. Naquela época, todas as cidades tinham um grupo de carpideiras profissionais e estas eram as carpideiras de Bela Fontana. Tinham sabido da morte iminente de Lorde Espantalho, e vindo oferecer os seus préstimos. Além disso, lamentavam a perda do pobre o Senhor Pandolfo e queriam compensar.

— Minhas senhoras — disse Jack —, sei que têm a melhor das intenções, mas acontece que os espantalhos gostam mesmo é de canções alegres. Seriam capazes de cantar uma canção alegre?

— Isso seria um desrespeito! — protestou uma das velhotas. — Sempre nos disseram que quando alguém estava à beira da morte, tínhamos de chorar e lamentar, para lhe recordar para onde ir a seguir.

— Bem, isso é muito animador — disse Jack —, e tenho certeza de que será muito apreciado. Mas com os espantalhos é diferente. Canções, danças, piadas e histórias, senão, podem voltar todas para as suas casas.

— Hum! — disse a velhota mais idosa, mas depois Jack encontrou uma garrafa do melhor vinho do Senhor Pandolfo, e todas concordaram em tentar cantar e dançar, só para verem no que dava.

— Oh, Jack — segredou o Espantalho —, já não vou aguentar muito!

— Bem, anime-se, amo, podia ser pior. Está na sua própria cama, na sua própria casa, e podia estar espetado num campo lamacento ou aos pedaços num campo de batalha ou boiando no mar, sendo comido pelos peixes.

Aqui tem lençóis limpos, e estas simpáticas senhoras para lhe cantar, e as pessoas para cima e para baixo à procura de uma espinha nova. Mas, oh, amo, não morra! Oh, oh, oh!

E o pobre Jack recomeçou a lamentar-se e a chorar, e lançou os braços em volta do Espantalho, ignorando o perigo de apanhar bicho da madeira.

E aquilo fez as velhotas voltarem a engrenar. Tinham estado a cantar «Funiculi, Funicula», «Papa Piccoli-no» e tinham acabado de começar «Volare», mas os lamentos e soluços de Jack fizeram-nas uivar e guinchar juntamente com ele, e depois o Espantalho também se juntou, e era tamanha a barulheira que não notaram o regresso do médico e do carpinteiro. Somente quando dúzias de aves sobrevoaram as cabeças deles e a Avó Corvo crocitou a plenos pulmões, é que as choradeiras e as lamentações cessaram.

— Arranjamos um cabo de vassoura — anunciou o carpinteiro —, e é dos bons. Este corvo velho encontrou-o, e eu e o doutor vamos

transplantá-lo de imediato. Todos tem de sair da sala de operações, por motivos de concentração e higiene. Quando a operação terminar, Lorde Espantalho irá necessitar de repouso e recuperação e, até lá, façam figas.

E então, toda a população da cidade abandonou o quarto, e o médico e o carpinteiro, com a ajuda de Jack, soltaram a espinha comida pelos bichos e esvaziaram toda a palha infestada, e suave e delicadamente introduziram o novo cabo que a Avó Corvo encontrara, e encheram bem o Espantalho de punhados de palha nova e limpa do celeiro.

— Bem — disse o médico quando terminaram e foram lavar as mãos —, fizemos tudo o que estava ao alcance da ciência médica. Agora vamos ter de confiar na Mãe Natureza. Mantenha o paciente agasalhado, e certifique-se de que o curativo seja trocado duas vezes ao dia. Se tudo correr bem...

— Jack, meu rapaz — exclamou uma voz bem conhecida atrás deles —, já me sinto imensamente melhor!

Acho que uma tigela de sopa cairia bem.

O VALE DA PRIMAVERA

Nunca conseguiram que os Buffalonis fossem acusados de tentativa de homicídio com carunchos, e assim o caso acabou não sendo resolvido; mas não voltaram a ter problemas com eles.

A fábrica de veneno foi fechada e reaberta como fábrica de engarrafamento de água mineral. Agora a água do Vale da Primavera é famosa; todos os restaurantes elegantes a incluem no seu cardápio.

Limparam a terra, esvaziaram todas as valas, voltaram a abrir os poços, desobstruíram os canos entupidos e, agora, as fontes na cidade jorram água boa e cristalina to-do o dia e toda a noite, e as crianças brincam nas poças e as aves banham-se nos bebedouros municipais. A água do Vale da Primavera flui em todas as casas, e cada uma delas tem três tipos de torneira: quente, fria e com gás.

Quanto ao Espantalho, é o mais feliz de todos. O cabo de vassoura que a Avó Corvo encontrou, e que foi transplantado para lhe salvar a vida, acabou sendo exatamente aquele por quem ele se apaixonara há muito tempo.

O noivo dela, o ancinho, trocara-a por uma esfregona e, infeliz e abandonada, ela andara de mão em mão, lamentando a perda do formoso Espantalho que a pedira em casamento. Quando os dois se encontraram unidos, a sua felicidade foi completa.

O Espantalho agora leva os dias a passear pelo Vale da Primavera, a brincar com os filhos de Jack, a enxotar as aves gananciosas do milharal novo, e a apreciar o ar puro.

Mas ele só enxota as aves para uma caixa especial de sementes que tem atrás do celeiro, e mais, há sempre um ninho no bolso do seu casaco. As avezinhas, os pardais e os piscos, fazem fila para a honra; existe uma lista de espera. O Espantalho e o seu cabo de vassoura orgulham-se tanto dos ovos como se eles próprios os tivessem posto.

— Os filhos de Jack? — ouvi-os dizer.

Sim, passados alguns anos, quando cresceu, Jack casou-se. A mulher dele se chama Rosina, e os nomes dos filhos são Giulietta, Roberto e Maria. São todos alegres como uma cotovia. A Avó Corvo é a madrinha das crianças, e não as deixa pôr o pé em galho verde, mas elas a adoram.

E, nas noites de inverno, quando se sentam à lareira aconchegados com uma boa sopa lá dentro, e as crianças brincam ali perto e o vento uiva em volta dos telhados, o Espantalho e o seu criado falam das suas aventuras, e dão graças pelo acaso que os juntou. Jack tem a certeza de que nunca houve um criado que tivesse um amo tão bom; e o Espantalho tem a certeza de que, em toda a história do mundo, nunca existiu um espantalho que tivesse criado mais honesto e fiel.

FIM

